

ALEXANDRE BUDAIBES

“MORALIZAR, PROPAGAR E CONSCIENTIZAR”

**A PALAVRA ESCRITA NA LUTA DE
CARLOS MARIA DE BUSTAMANTE
(MÉXICO – 1805-1845)**

FRANCA
2006

ALEXANDRE BUDAIBES

“MORALIZAR, PROPAGAR E CONSCIENTIZAR”

**A PALAVRA ESCRITA NA LUTA DE
CARLOS MARIA DE BUSTAMANTE
(MÉXICO – 1805-1845)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP – Campus de Franca, como requisito para a obtenção do título de mestre. Sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida de Souza Lopes.

Área de concentração: História e Cultura Social.

FRANCA
2006

ALEXANDRE BUDAIBES

“MORALIZAR, PROPAGAR E CONSCIENTIZAR”

**A PALAVRA ESCRITA NA LUTA DE
CARLOS MARIA DE BUSTAMANTE
(MÉXICO – 1805-1845)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP – Campus de Franca, como requisito para obtenção do título de mestre em História. Sob orientação do Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida de Souza Lopes.
Área de Concentração: História e Cultura Social.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida de Souza Lopes

1^a Examinadora: Prof^a. Dr^a. Denise Ap. Soares de Moura

2^a Examinadora: Prof^a. Dr^a. Yvone Dias Avelino

Franca, 07 de novembro de 2006.

DEDICATÓRIA

Para Mari e Vantuil.

AGRADECIMENTOS

Devo meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pelo investimento e apoio concedido à pesquisa.

À Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida de Souza Lopes pela orientação concedida para a realização deste trabalho.

Agradeço às Profas. Dras. Marisa Saenz Leme e Denise Aparecida Soares de Moura pelas sugestões e apontamentos feitos no exame geral de qualificação que muito contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

Estendo os agradecimentos a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História da Unesp/Franca que contribuíram de maneira ímpar no processo de desenvolvimento intelectual.

Agradeço a minha avó Cynira e aos meus pais Mari e Vantuil a quem a dedicatória não mensura o quanto sou grato pelo apoio dado em todos os momentos e também pelo amor e carinho que nunca deixaram faltar para comigo.

Deixo aqui meus agradecimentos ao grande amigo Cesar Agenor Fernandes da Silva, com quem partilhei alegrias e tristezas, sob o mesmo teto por um período de mais de dois anos.

Gostaria de demonstrar gratidão a Gabriel Gonzalo Rodríguez, Lucas Miranda Pinheiro, Camila de Souza, Flávio Henrique Dias Saldanha, Moisés Antiquera, Tássio Franchi, Gustavo Bueno, Luis Fábio Soriani Júnior, José Aurélio (“O Livreiro”), Renato Martinelli, Semíramis Corsi, Douglas Biagio Puglia, Jonas Marangoni, Melissa Carolina Marques Santos e Paula, Cássia Donizetti Vassi, Brenda de Oliveira Prado, além de Mayra Adriana Hernández González.

Quero agradecer a todos os funcionários da UNESP, em especial, ao Alan da seção de pós-graduação. E a todas as outras pessoas que por ventura tenha deixado de citar nominalmente, mas que se sintam parte da realização deste trabalho. A todos deixo aqui o meu “MUITO OBRIGADO”.

EPÍGRAFE

“Veja e escreva”, disse o espírito de Deus a São João no “Apocalipse”; se fosse puritano, acreditaria que o eco de minha pátria chegava a meus ouvidos e me dizia o mesmo; cumpro com este preceito.

Carlos María de Bustamante

O escritor público é o gladiador generoso do pensamento, que escreve dia a dia, a faz de todo um povo e sobre a areia sangrenta do jornalismo, as páginas calorosas que fazem vibrar de entusiasmo o coração das massas.

O que discute não combate. O que discute pela palavra escrita ou falada renuncia a dirimir sua questão pelas vias de fato.

Discutir é, pois, render uma homenagem a razão.

Bartolomé Mitre

RESUMO

A presente dissertação de mestrado analisa, por meio do estudo de algumas das principais obras do advogado, jornalista, político e historiador Carlos María de Bustamante (Oaxaca, 1744-1848), sua atuação como propagador de idéias a partir das quais pretendia conscientizar a população sobre o momento histórico que lhe era contemporâneo. Cronologicamente este trabalho abarca desde a fundação do primeiro jornal da Nova Espanha, o *Diario de México* – do qual foi o editor –, em 1805, até em 1845, data na qual apareceu a obra os *Apuntes del gobierno de Santa Anna*. Em seus artigos publicados no *Diario de México*, Bustamante procurou “moralizar e civilizar” a plebe em uma tentativa de melhorar a vida dos habitantes da Nova Espanha. Com o início das guerras de emancipação, o autor preocupou-se sobretudo, em “propagar” as ações dos exércitos insurgentes por meio das páginas do jornal *Correo Americano del Sur*. Consumada a independência, Bustamante concentrou-se na tarefa de “conscientizar” seus contemporâneos sobre os deslizes e a imoralidade dos governantes, e com o objetivo de deixar uma lição para as gerações futuras escreveu a obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, na qual criticou duramente a um dos governantes mais contundentes do México no século XIX, o general Antonio López de Santa Anna.

RESUMEN

La presente tesis de maestría analiza, por medio del estudio de algunas de las principales obras del abogado, periodista, político e historiador Carlos María de Bustamante (Oaxaca, 1744-1848), su actuación como propagador de ideas que pretendían concienciar la población sobre el momento histórico que le era contemporáneo. Cronológicamente este trabajo abarca desde la fundación del primer periódico de la Nueva España, el *Diario de México* – de lo cual fue el editor –, en 1805, hasta 1845, fecha en la cual apareció la obra los *Apuntes del gobierno de Santa Anna*. En sus artículos publicados en el Diario de México, el autor buscó “moralizar y civilizar” la plebe en una tentativa de mejorar la vida de los habitantes de Nueva España. Con el comienzo de las guerras de independencia, el autor buscó sobre todo “propagar” las acciones de los ejércitos insurgentes en las páginas del periódico *Correo Americano del Sur*. Consumada la independencia, Bustamante se concentró en la tarea de “concienciar” a sus contemporáneos a respecto de los descarríos y la inmoralidad de los gobernantes, y con el objetivo de dejar una lección para las generaciones futuras escribió la obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna* en la cual criticó duramente a un de los gobernantes más contundentes de México en el siglo XIX, el general Antonio López de Santa Anna.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sistemas de Governo Mexicano, 1821-1867	107
Tabela 2 – Constituições Mexicanas, 1824-1865	108
Tabela 3 – Governantes Mexicanos, 1821-1867	109
Tabela 4 – Governos do general Santa Anna, 1833-1855	111

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - Carlos María de Bustamante no cenário mexicano do início do século XIX	18
1.1 - O <i>Diario de México</i> e a “moralização e civilização” da plebe	18
1.2 - A liberdade de imprensa e a opinião pública na Nova Espanha	31
1.3 - Carlos María de Bustamante e a “propagação” do movimento insurgente	43
CAPÍTULO 2 - Carlos María de Bustamante a partir da morte de José María Morelos y Pavón	52
2.1 - Os “escritos prisioneiros” e os antecedentes da independência mexicana	52
2.2 - Carlos María de Bustamante e a sua articulação política no México independente	61
CAPÍTULO 3 - A “conscientização” do povo mexicano por meio da obra os <i>Apuntes del gobierno de Santa Anna</i>	82
3.1 - A obra	82
3.2 - Antonio López de Santa Anna na ótica de Carlos María de Bustamante	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
FONTES	112
BIBLIOGRAFIA	114

APRESENTAÇÃO

A imprensa do século XIX exigiu transcendência histórica na medida em que as sociedades independentes buscaram organizar-se política e administrativamente. Dessa forma, além de poder ser entendida como resultado da informação, a imprensa também pode ser vista como a geradora de opinião pública, talvez como limite do poder e como expressão do mesmo.

Os jornais precederam os partidos políticos – as idéias e correntes de opiniões por eles veiculadas, formaram uma imprensa apropriada antes de se solidificar em movimentos políticos organizados. Ao ponderarmos, por exemplo, sobre a experiência da imprensa mexicana no século XIX, nela encontraremos os principais atores da longa luta pela sua liberdade. A imprensa sempre serviu como cenário aos principais conflitos da sociedade em plena transformação, constituindo-se, enfim, no próprio objeto e sujeito históricos.

Na opinião da historiadora Paula Alonso, a palavra “discutir” foi o objetivo da imprensa do século XIX. Determinar que esta imprensa era política, de opinião ou partidária, seria uma redundância. Ainda que informasse, essa não era sua principal meta.¹ A imprensa destacou-se, no continente americano, devido ao surgimento de pugnas políticas e ideológicas que cercaram o período das independências. Com a consolidação dessas, a imprensa, ao longo do século XIX, tornou-se um dos principais âmbitos de discussão pública e uma das mais utilizadas formas de se fazer política.

A autora considera que, inevitavelmente, muitos dos que escreveram nesses jornais e revistas depositaram em sua existência a esperança de que a

¹ ALONSO, Paula (comp.). *Construcciones impresas*. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estilos nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 8.

discussão apaziguaria as lutas persistentes. Além disso, de protagonista na vida política no século XIX, a imprensa converteu-se em um indicador do grau de liberdade de expressão, permitida pelos governos, nas sociedades em que atuava; da mesma forma, foi utilizada para medir o nível de “civilização” das sociedades, sendo, até mesmo, contabilizada, ao lado das cifras de população, alfabetização, entre outras, nos primeiros censos nacionais.²

A imprensa do século XIX e início do XX abrangeu uma forma de escrita pública que incluiu panfletos, periódicos, diários e revistas. Os primeiros foram utilizados na primeira metade do século XIX, com uma publicação mais constante na segunda metade, para, então, desaparecer no século posterior. Os periódicos e os diários, ainda que presentes na colônia, cresceram aceleradamente depois de conquistada a independência. Por sua vez, as revistas foram empreendimentos mais tardios, que tiveram suas primeiras publicações em meados do século XIX, e chegaram ao fulgor nas primeiras décadas do XX.³

O jornalismo foi um fenômeno urbano e seletivo. Na América espanhola colonial, as primeiras cidades que contaram com uma imprensa foram os centros político-administrativos (Cidade do México e Lima) e evangelizadores (missões guaranis do Paraguai ou Córdoba no *Río de la Plata*).

Durante os séculos XVI e XVII, o mercado dos impressos era exíguo. As primeiras expressões do jornalismo colonial hispano-americano foram as *hojas volantes*, também conhecidas como *relaciones*. Essas publicações não se repetiam em intervalos regulares, surgiam somente em ocasiões especiais, e se ocupavam,

² Ibid., p. 8.

³ Ibid., pp. 8-9.

monograficamente, de narrar os acontecimentos mais interessantes, expostos às vezes de maneira exagerada.⁴

No transcorrer do século XVIII, quando as *relaciones, noticiarios*⁵ e *avisos* não mais cumpriam seus objetivos iniciais – noticiar as necessidades da administração, do governo e o desenvolvimento cultural – apareceram as *gacetas*. Nesse quesito, a Nova Espanha, novamente, ocupou lugar de destaque perante os outros vice-reinados, sendo a primeira a editar essa nova forma de propagar as notícias. Ao florescer do século XIX, surgiu, no ano de 1805, o primeiro periódico diário desse vice-reinado, o *Diario de México*, com artigos de literatura, arte e economia.⁶

Dentre os criadores desse periódico, esteve o advogado, jornalista, político e historiador Carlos María de Bustamante (Oaxaca, 1744-1848), que, por meio da imprensa, procurou transmitir ensinamentos, assumindo o papel de pedagogo,⁷ além de entender-se no dever de fazer de cada um de seus textos uma lição de moral ou de aprendizagem prática.⁸

Posto isso, na presente dissertação de mestrado, analisamos, por meio do estudo de algumas das principais obras de Bustamante, sua atuação como propagador de idéias, as quais pretendiam conscientizar a população sobre o momento histórico contemporâneo. Abordamos esse período, pois foi nele que o

⁴ TIMOTEO ÁLVAREZ, Jesús; RIAZA, Ascensión Martínez. *Historia de la prensa hispanoamericana*. Madrid: MAPFRE, 1992, p. 32.

⁵ Boletins com informações, de caráter internacional, que receberam este nome. Nesses impressos, havia notícias breves e numerosas, e incluíam avisos publicitários, reproduzidos de outros impressos editados na metrópole. *Ibid.*, p. 33.

⁶ GARCÍA CUBAS, Antonio. *Diccionario geográfico, histórico y biográfico de los Estados Unidos Mexicanos*. México: Antigua Imprenta de las Escalerillas, t. 1, 1896, p. 461, encontrado no site <http://www.colmex.mx>. Acesso em: 16/03/2005.

⁷ Bustamante exerceu este obsessivo papel moralizador. Sua idéia principal era “civilizar a plebe e reformar seus costumes”. Para realizar essa “missão”, o autor escrevia seus artigos, inspirado pelos princípios de civismo e da moral cristã.

⁸ CÁSTELAN RUEDA, Roberto. *La fuerza de la palabra impresa*. Carlos María de Bustamante y el discurso de la modernidad. México: Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 40.

vice-reino da Nova Espanha, com a invasão de Napoleão à metrópole espanhola em 1808, vivenciou uma instabilidade política, que derivou na conquista da sua independência no ano de 1821.

Consumada a independência da Espanha, iniciou-se, no México, um período de descolonização caracterizado pela instabilidade política, a violência, a desestruturação econômica e a procura incessante por um modelo que substituísse o sistema colonial desaparecido. Perante a queda da monarquia colonial, o poder se fragmentou e surgiram, com força, os líderes com bases locais e regionais. Os novos governos, geralmente de curta duração, se viram impotentes para fazer valer sua influência partindo da capital para o restante do país. A autonomia política produziu um grande período de descontrole no México, até o estabelecimento de um governo relativamente estável, em 1867.

É importante destacarmos que, na primeira metade do século XIX, surgiram e sucumbiram muitos governos, constituições e governantes. Depois de consolidada a independência, o México teve dois impérios, duas repúblicas centralistas, três federalistas, além de vários regimes provisórios ou sem designação alguma. As constituições, nesse período, foram cinco. Os homens que governaram o país totalizaram quarenta e um, em sessenta e cinco períodos administrativos.⁹

No que diz respeito ao jornalismo, o México independente herdou dos tempos coloniais e dos anos de luta por sua liberdade política, uma imprensa que se aproveitou do forte sabor dos periódicos informativo-polêmicos, os quais mantiveram um domínio indiscutível sobre as outras formas de publicação, desde 1821 até a revolução mexicana, de 1910.¹⁰

⁹ Cf. Tabelas 1, 2 e 3, pp. 107-110.

¹⁰ ROSS, Stanley Robert. El historiador y periodismo mexicano. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. XIV, n. 4, jan-mar/1965, p. 359.

Essa instabilidade política, principalmente entre os anos de 1821 até a década de 60, pode ser melhor compreendida em função da diversidade de projetos sociais, políticos e econômicos, viáveis ou não, para que o país engrenasse. Uma das principais personagens que colaboraram para esses acontecimentos foi o general Antonio López de Santa Anna, presidente do México em onze ocasiões.¹¹ Justamente nesse cenário de transição entre essas duas fases, que buscamos focar os anseios de Carlos María de Bustamante, que, por intermédio de suas obras, buscou elucidar a árdua luta na qual se defrontavam o Antigo Regime e o pensamento liberal, nas áreas políticas e culturais do século XIX.

A escolha por Bustamante pautou-se no fato de o escritor ter “transitado” entre “dois mundos”, a próspera e ativa Nova Espanha, e o México independente, totalmente desordenado e ameaçado política e economicamente.¹² Em nosso trabalho, pretendemos mostrar como Bustamante captou essas confrontações no decorrer dos acontecimentos que ele presenciara nesses “mundos”, dando um enfoque maior, dentre os textos analisados, à obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*.

Nas páginas do *Diario de México*, Bustamante recorreu a religião católica com o objetivo de alterar os costumes, “moralizar e civilizar” a plebe – ou seja, por meio de sua palavra escrita, buscou “propagar” o que se considerava ser uma melhora na forma de vida dos habitantes da Nova Espanha. Como um jornalista ilustrado, o autor compreendeu que poderia examinar, minuciosamente, e retificar os

¹¹ Cf. Tabela 4, p. 111.

¹² ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina; HERNÁNDEZ SILVA, Héctor Cuauhtémoc (edit.). *Diario Histórico de México de Carlos María de Bustamante*. México: CIESAS/El Colegio de México, CD-1 (1822-1834), 2001, Introducción.

vícios, dar conselhos sobre os deslizes graves, além de oferecer fórmulas de como se viver bem, já provadas por alguns países da Europa.¹³

Ao aderir ao movimento insurgente, em 1813, a intenção do autor foi narrar e “propagar”, nas páginas do jornal *Correo Americano del Sur* e na obra *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*, os acontecimentos referentes às expedições militares dos exércitos dirigidos pelos padres Miguel Hidalgo e José Maria Morelos.

Em sua tentativa de “conscientizar” os mexicanos, principalmente depois de consumada a independência do México, Bustamante continuou utilizando a palavra escrita em suas obras, desejando que a nação melhorasse a sua sorte. Para alcançar esse objetivo, o autor na obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna* pretendeu que “os erros cometidos no passado tornassem os mexicanos mais cuidadosos e assim evitassem outros erros maiores no futuro”. Além disso, desejou que seus contemporâneos conhecessem o que ele denominava “deslizes” e a “imoralidade” dos governantes.¹⁴

Bustamante iniciou a obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna* em 1843, ano em que o México vivia sob a ditadura do general Antonio López de Santa Anna, e os publicou em 1845. A obra é constituída por vinte e seis cartas, que discorrem sobre os fatos ocorridos entre os meses de outubro de 1841, momento em que Santa Anna assumiu o comando do México, até fevereiro de 1845, quando foi preso e acusado, formalmente, de traidor do México, para depois ser julgado.

Devemos ressaltar que, para a realização deste trabalho, a edição que utilizamos não é original, mas sim, um fac-símile reorganizado por Horacio

¹³ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 36.

¹⁴ VÁZQUEZ MANTECÓN, Carmen. Prólogo. In: BUSTAMANTE, Carlos María de. *Apuntes para la historia del gobierno del general don Antonio López de Santa Anna, desde principios de octubre de 1841 hasta 6 de diciembre de 1844 en que fue depuesto del mando por uniforme voluntad de la nación*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985, p. XI.

Labastida, em 1986, e editado pelo *Fondo de Cultura Económica* (FCE), em conjunto com o *Instituto Cultural Helénico*. Consta, na apresentação, que ambas as instituições pretenderam resgatar uma boa parte da bibliografia histórica mexicana, e agruparam algumas obras, dentre elas *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, em uma coleção sob o nome de *Clásicos de la Historia de México*.

No primeiro capítulo, nosso objetivo é mostrar como Bustamante tentou “moralizar/civilizar a plebe” do vice-reino – utilizando-se da palavra escrita por meio dos artigos publicados no *Diario de México*, no contexto de formação da opinião pública favorável à independência. Apresentaremos, ainda, a sua participação e colaboração nos exércitos de Morelos, quando o autor narrou e propagou, nas páginas do *Correo Americano del Sur*, a luta de independência.

No segundo capítulo, analisamos a visão de Bustamante acerca da Nova Espanha, desde a sua saída dos exércitos insurgentes, quando escreveu a obra *El indio mexicano o Avisos al Rey Fernando Séptimo para la pacificación de la América Septentrional*, na qual enaltece a figura do rei espanhol, até os primeiros anos da independência mexicana. Neste período, por meio das páginas dos jornais *Juguéttillo*, *La Abispa de Chilpanzingo* e *El Cenzontli*, o autor pretendeu proporcionar ao México uma relação de acontecimentos, que, em sua opinião, formariam a identidade nacional mexicana. Por fim, nos remeteremos à participação de Bustamante no processo de consumação da independência, por meio da obra *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*, e finalizamos o capítulo com as reflexões de Bustamante sobre os assuntos ligados ao cenário político mexicano pós-independente.

O terceiro capítulo tem, como objetivo central, discorrer sobre a visão Carlos María de Bustamante a propósito das atitudes do general Santa Anna,

durante os seus governos no transcorrer da primeira metade da década de 40 do século XIX. O autor expressou suas opiniões por meio de “cartas abertas”, publicadas ao um “querido amigo”, na qual desejou uma conscientização dos seus contemporâneos.

A respeito do título, “Moralizar, Propagar e Conscientizar”, acreditamos que a luta que Carlos Maria de Bustamante procurou empregar, durante os mais de quarenta anos, da qual utilizou a palavra escrita, serviu como objetivo de transmitir às “gerações futuras”, memórias para a construção da identidade e da história do México.

Capítulo 1: Carlos María de Bustamante no cenário mexicano do início do século XIX

1.1 – O *Diario de México* e a “moralização e civilização” da plebe

Neste capítulo, trataremos sobre o objetivo proposto por Bustamante no sentido de “moralizar e civilizar” os habitantes da Nova Espanha, por meio de sua palavra escrita, publicada no jornal o *Diario de México*. Abordaremos também a luta por ele empregada, a partir da concessão da liberdade de imprensa promulgada pelas Cortes de Cádiz, contra as atitudes políticas adotadas pelos governantes do vice-reino; bem como sobre a inserção do autor no movimento insurgente a favor da independência, comandado pelo padre José María Morelos.

Do casamento de José Antonio Sánchez de Bustamante, espanhol, com María Gerónima Merciala y Osorio, *criolla*, nasceu, no dia 4 de novembro de 1774, em Oaxaca, Carlos María de Bustamante. Aos doze anos, Bustamante iniciou seus estudos de gramática latina com o professor Angel Ramírez. Em 1789, iniciou o aprendizado em filosofia, no *Seminário de Oaxaca*, sob a direção do professor Carlos Briones. No ano de 1794, mudou-se para a Cidade do México, e alcançou o grau de bacharel em artes. De volta a Oaxaca, começou a estudar teologia no *Convento de San Agustín* com o texto do padre Lorenzo Berti e o compendio de Hieronymus Maria Buzius. O grau de bacharel em teologia foi conseguido em 1800.

Anteriormente, em 1796, Bustamante iniciou sua carreira de jurisprudência na capital do vice-reinado, no *Colegio de San Pablo*, no qual freqüentou as aulas do seminário e, ao mesmo tempo, foi ensinado por seu irmão, Manuel Bustamante, quem contribuiu com seus estudos apresentando-lhe os livros

de Johann Gottlieb Heineccius e Jean Damat. Além de dedicar-se à jurisprudência, Bustamante estudou a língua francesa. Por meio desses estudos, conheceu ao doutor Antonio Labarrieta, brilhante homem das letras e quem, em 1799, lhe apresentaria ao padre Miguel Hidalgo y Costilla.

Em 31 de julho de 1801, já casado com a senhora María Manuela García Villaseñor, Bustamante obteve o título de advogado na cidade de Guadalajara, na qual trabalhou como relator. Regressando à Cidade do México, desempenhou a função de defensor de ofício na *sala del crimen de la Audiencia*, para, posteriormente, ingressar como advogado no escritório do *síndico del Ayuntamiento* Francisco Primo de Verdad y Ramos.

Bustamante, durante este período, conheceu e interessou-se pelas idéias ilustradas, defendidas por homens que mantiveram altos cargos na Nova Espanha, como o próprio vice-rei José de Iturrigaray e o ouvidor da *sala de crimen*, Jacobo de Villaurrutia. Enrique Krause destaca que, diferentemente de seus contemporâneos, que já eram intelectuais ilustrados – José María Luis Mora lera Jeremy Bentham, e Lucas Alamán traduzira Edmund Burke – as idéias de Carlos María de Bustamante estavam firmemente enraizadas em uma tradição ligada à cultura religiosa e à literatura barroca, sempre propensas à interpretação analógica da história e emblemática da vida. Talvez, por tal motivo, não tivesse aderido, até então, aos ideais iluministas.¹⁵

De acordo com Ernesto de la Torre Villar, os projetos da ilustração, que atraíram Bustamante, estiveram pautados no jusnaturalismo racionalista de Heineccius e Samuel von Pufendorf e também de espanhóis como o padre Mariana y Martínez Marina. Sabemos que essas idéias se vinculavam ao pensamento de

¹⁵ KRAUSE, Enrique. El altar de la patria. *Confabulario, Suplemento de Cultura de El Universal on line*, 14/05/2005. <http://estadis.eluniversal.com.mx/graficos/confabulario/14-mayo-05.htm>. Acesso em: 25/06/2005.

John Locke, David Hume, Tomas Paine, Edmund Burke, e também de Charles Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau, cuja influência nas idéias políticas hispano-americanas foi colocada em evidência por Jefferson Rea Spell.¹⁶

A chamada “ilustração mexicana” não esteve caracterizada por homens que defenderam as qualidades e valores de sua pátria barroca, nem pelos que tentaram uma renovação filosófica, ou mesmo por quem esteve em dia com as questões científicas, mas sim, por outros que, fazendo isso ou não, deixaram de ver com consentimento a realidade mexicana e começaram a julgá-la violentamente.¹⁷

Jorge Alberto Manrique ressalta que não houve no México, ateus, inimigos da Igreja ou racionalistas puros (postura que classificavam os ilustrados), mas sim, homens que coincidiram na atitude crítica da sociedade onde viveram. Foram esses homens que produziram o “despertar” do “sonho da Nova Espanha”, já que não acreditavam nos valores próprios e se empenhavam em destruí-los.¹⁸

Foi por meio do relacionamento com esses homens ilustrados e em função da permuta de opiniões entre eles, que Carlos María de Bustamante, com o consentimento do vice-rei Iturrigaray, fundou, em 1º de outubro de 1805, o *Diario de México* – primeiro periódico mexicano publicado diariamente – sob a direção de Jacobo de Villaurrutia e, do qual, o próprio Bustamante fora designado editor.

Os fundadores não tiveram uma proposta bem definida para o *Diario de México*, uma vez que o vice-reinado estava acostumado às notícias editadas pelo órgão oficial da coroa espanhola, *La Gaceta de México*.¹⁹ De fato, o novo periódico

¹⁶ TORRE VILLAR, Ernesto de la. Decreto Constitucional para la Libertad de la América Mexicana, 1814. In: GALEANA, Patricia (comp.). *México y sus constituciones*. 2ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 2003, pp. 38-39.

¹⁷ MANRIQUE, Jorge Alberto. Del barroco a la ilustración. In: CENTRO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS. *Historia general de México, versión 2000*. 4ª reimp., México: El Colegio de México, 2002, p. 487.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Jornal fundado em 1784 – depois de duas publicações homônimas em 1722 e 1728 – sendo seu editor Manuel Antonio Valdés Murguía y Saldaño. Em suas páginas podiam encontrar-se informações científicas, crônicas religiosas, catálogo de funcionários e uma seção fixa destinada aos avisos. No

foi anunciado sem se propor deliberadamente a transformação dos súditos do rei em cidadãos. Segundo Jesús Timoteo Álvarez e Ascención Martínez Riaza, os editores tiveram como preocupação ilustrar o povo e centraram seus escritos nas transformações dos costumes, na moral, nos vícios, ou seja, em tentativas de “melhorar” a forma de vida dos habitantes do vice-reino da Nova Espanha.²⁰

Antes de prosseguirmos com o tema proposto – o *Diario de México* – devemos elucidar esses dois vocábulos – povo e cidadão – aos quais foram atribuídos diversos significados, amplamente discutidos pela historiografia. Primeiramente, mencionamos que, dentro da tradição política espanhola, vigente no fim do período colonial e por boa parte do independente, o termo “povo” manteve a acepção organicista e corporativa, própria do Antigo Regime.

Segundo José Carlos Chiaramonte, a concepção para o termo “povo” era baseada não em teores atomísticos e partidários da igualdade de condições para todos os membros da sociedade, mas sim, como um conglomerado de estamentos, corporações e territórios, com as adequadas relações próprias de uma sociedade que convertia no político, a desigualdade arraigada na economia. Ou seja, um reflexo das questões sociais relacionadas com maneiras de participação basicamente corporativas, não individuais e exprimidas em vocábulos metaforicamente apropriados ao organismo humano.²¹

Por sua vez, a palavra cidadão, que talvez não tenha gerado muitas discussões dentro do vocabulário da época, motivou e motiva tantos debates quanto outros termos. De acordo com Chiaramonte, sobre tal vocábulo incidia um

ano de 1805, ficou sob a responsabilidade Juan López Cancelada. Com a invasão napoleônica à Península Ibérica e suas repercussões, em janeiro de 1810, *La Gaceta de México* passou de órgão oficioso do vice-reinado, a órgão oficial e se manteve com o nome de *La Gaceta del Gobierno de México* até 1821. ROSS. op. cit., p. 356.

²⁰ TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 55.

²¹ CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: Orígenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Espasa-Calpe/Ariel Historia, 1997, p. 114.

significado do Antigo Regime, herdado do século XVIII. O autor menciona que, na primeira edição do *Diccionario de la Real Academia Española*, em 1723, cidadão carregava o seguinte significado: *el vecino de una Ciudad, que goza de sus privilegios, y está obligado a sus cargas, no relevándole de ellas, alguna particular exención...* . Por meio desta definição, de acordo com Chiaramonte, define-se um uso do vocábulo para a época, que marca a sua peculiaridade histórica, uma vez que a condição de cidadão não implicava na sua participação em um universo político igualitário, mas sim privilegiado, tal qual correspondente à também privilegiada qualidade de cidade.²²

Voltando a abordagem sobre o *Diario de México*, com a publicação do novo jornal mexicano, as desavenças entre os três idealizadores Iturrigaray, Villaurrutia e Bustamante não demoraram aparecer, fato que acarretou uma suspensão temporária, no último dia de dezembro de 1805, na publicação do periódico, após três meses de seu início.²³ A respeito das diferenças com o vice-rei Iturrigaray, Bustamante escreveu, em sua autobiografia *Hay tiempos de hablar y tiempos de callar*, que, com a publicação do *Diario de México*, o vice-rei passou a ter apreensões, pois, no periódico, notaram-se defeitos em seu governo. Assim sendo, o vice-rei acreditou que o jornal traria futuros problemas e ordenou que sua publicação fosse interrompida.²⁴

As desavenças entre Bustamante e o diretor Villaurrutia foram de caráter técnico, porquanto, este pretendeu introduzir nas páginas do *Diario de México* uma nova forma ortográfica, a qual, de acordo com Antonio García Cubas,

²² CHIARAMONTE, José Carlos. Ciudadanía, soberanía y representación en la génesis del Estado argentino (c. 1810-1852). In: SABATO, Hilda. *Ciudadanía política y formación de las naciones*. Perspectivas históricas de América Latina. México: Fondo de Cultura Económica, 2002, p. 96.

²³ O periódico *Diario de México*, de acordo com Timoteo Álvarez e Martínez Riaza, foi impresso em 25 volumes, até seu desaparecimento em 1817. TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 45.

²⁴ BUSTAMANTE, Carlos María de. *Hay tiempos de hablar y tiempos de callar*. México: Conaculta/Planeta, 2002, p. 19.

sujeitava a escrita à pronúncia, sem atender em nada a etimologia.²⁵ A tentativa do diretor foi objeto da divergência entre o editor e o vice-rei, e foi assim que o próprio Bustamante manifestou sua opinião, anos depois do problema ocorrido:

No es fácil dar una idea exacta de lo mucho que sufrí en la empresa comenzando por la nueva ortografía que quiso el sr. Villaurrutia adoptar, diversa de la academia española: este proyecto semejaba al de Voltaire cuando pretendió que la escritura francesa fuese igual a la pronunciación de aquel idioma. Sobre esto tuve contestaciones amargas con el virrey, hasta llegarme a amenazar con que me mandaría a un castillo; era muy hombre para hacerlo, pues su poder era ilimitado.²⁶

A partir da suspensão do *Diario de México*, Bustamante tentou prosseguir com sua publicação, o que conseguiu somente sob a condição de que o vice-rei tivesse como responsabilidade pessoal, a correção dos originais. Esta censura trouxe muitas conseqüências, não só ao que concerne ao conteúdo, já que, segundo Victoriano Salado Álvarez, o vice-rei proibía desde o escrito mais inocente, até tudo o que ofendesse seu governo e sua autoridade. Essa verificação trouxe também problemas técnicos, pois, devido as suas muitas atribuições, o vice-rei demorava para realizar a revisão, e por vezes, reprovava a pauta, fazendo com que os impressores trabalhassem até mesmo no período noturno.²⁷

De acordo com o primeiro número do *Diario de México* – dedicado ao vice-rei José de Iturrigaray – a intenção de seus editores era ser útil “a essa famosa capital”. Segundo Celeste Flores Cartwright, os responsáveis pelo jornal anunciaram que seu objetivo central era cobrir a demanda informativa popular e realizar um

²⁵ GARCÍA CUBAS. op. cit., p. 461.

²⁶ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, pp. 18-19.

²⁷ SALADO ÁLVAREZ, Victoriano. *La vida Azarosa y romántica de don Carlos María de Bustamante*. Madrid: Espasa-Calpe, 1933, p. 28.

trabalho social de comunicação que promoveria o progresso da Nova Espanha.²⁸ Eis a mensagem dos idealizadores no prólogo do periódico:

Nosotros no tenemos que protestar que nos hemos metido a diaristas obligados de preceptos superiores, ni por ruegos de amigos, ni porque nos devora el amor patriótico y queremos hacer este bien a la humanidad. Nos pareció que el diario sería útil en esta famosa Capital y que a proporción del gusto que diésemos al público podría ser útil para nosotros.²⁹

Neste prólogo, existem três pontos fundamentais para compreender as idéias ilustradas da época. Primeiramente, a necessidade de seus editores de marcar o “amor à pátria” como o principal motivo para editar um jornal, ainda que, posteriormente, vários artigos tivessem contradito o manifestado no prólogo.

Salientamos, no entanto, que essa manifestação tentando firmar um “amor à pátria”, mencionado pelos editores, nada mais foi do que uma incitação ao amor do local de nascimento, já que, de acordo com Eric Hobsbawm, “pátria” ou no uso mais popular, “terra”, significava apenas “o lugar, o município ou a terra onde se nascia”, ou “qualquer região, província ou distrito de qualquer domínio senhorial ou Estado”. O autor acrescenta ainda que, até o ano de 1884, a terra não era vinculada a um Estado, e que, até 1925, não se ouviu nenhuma nota sobre o patriotismo moderno, que definia pátria como “nossa própria nação, com a soma total de coisas materiais e imateriais passadas, presentes e futuras, que gozam da amável lealdade dos patriotas”.³⁰

O segundo ponto a ser destacado refere-se ao interesse dos jornalistas por delimitar sua ação, tendo como divisa a capital do vice-reino, ainda que, na

²⁸ CARTWRIGHT, Celeste Flores. Periodismo, poesía, crítica y censura a fines del Virreinato. Resenha do livro *La Arcadia de México*. La primera asociación literaria del país de María del Carmen Pérez Hernández. In: *Correo del maestro*. México: Uribe y Ferrari Editores S/A, n. 75, agosto/2002. <http://www.correodelmaestro.com/antiores/2002/agosto/libros75.htm>. Acesso em: 13/11/2005.

²⁹ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 31.

³⁰ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. 3ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 28.

prática, o *Diario de México* circulasse também em outras cidades importantes do vice-reinado. Por último, vale ressaltar ainda que os responsáveis pelo jornal desejaram agradar os leitores, ou seja, intencionaram escrever para um público que percebesse o periódico como um instrumento social e que fosse capaz de aceitar, rechaçar e discutir as idéias que nele se apresentassem.

Similarmente aos vocábulos povo, cidadão e pátria, o termo cidade também possuía um outro significado. Conforme esclarece Chiaramonte, por cidade entender-se-ia: *población de gentes congregadas a vivir en un lugar, sujetas a unas leyes, ya a un gobierno, gozando de ciertos privilegios y exenciones, que los señores Reyes se han servido de concederlas según sus servicios*. Analisando essa acepção do termo, o autor acredita que a cidade era algo mais que um tipo de assentamento de população, no sentido do urbanismo.³¹

Os editores do *Diario de México*, não se dirigiram aos “vassalos do reino”, nem aos “indivíduos do rei da Espanha”, nem aos “habitantes deste país”, mas sim, a um público a quem esperavam satisfazer e de quem esperavam uma resposta, ou seja, uma opinião.³² O jornal resultou em um fator importante para a formação da modernidade política na Nova Espanha. Mesmo sem perceber, um novo tipo de sociedade começava a centrar-se no indivíduo que, distante da sua comunidade, podia expressar sua opinião fora dos meios oficiais.

Retomando a análise do prólogo, podemos concluir que, obviamente, essas admoestações não foram casuais. Se os jornalistas falassem sobre temas como a grandeza da pátria e do “amor patriótico” como seus principais objetivos, logicamente despertariam a suspeita das autoridades da Espanha, e toda uma corrente de opiniões contrárias, visto que o tema não era corriqueiro fora das

³¹ CHIARAMONTE. *Ciudadanía, soberanía...*, pp. 96-97.

³² CASTELÁN RUEDA. *op. cit.*, p. 32.

instituições do vice-reino. Tal assunto somente poderia ser abordado pelo vice-rei e o órgão jornalístico responsável por divulgar os assuntos políticos referentes à Nova Espanha, *La Gaceta de México*.

No entanto, os editores tiveram que se ajustar aos princípios que o regime governante exigia da imprensa. Dada à forte religiosidade na colônia, publicaram avisos concernentes ao culto católico e assuntos relativos à sociedade. Os editores informavam sobre os progressos da ciência, da economia privada e doméstica, sobre leilões, ofereciam uma seção de anúncios particulares para compra e venda de objetos, outra de achados e perdidos, e até anúncios de solicitação de empregos.³³

Outra finalidade do periódico consistiu em facilitar o exercício de criação daqueles que começavam a escrever ensaios. Os “novos” autores enviavam seus textos para o jornal, aguardando que os mesmos fossem submetidos a uma avaliação dos redatores e que estes verificassem o progresso literário obtido pelos aspirantes, para que assim fossem publicados. Este meio, segundo Cartwright, fomentou o gosto pela leitura com artigos chamados de *varia lectura*, nos quais também estavam incluídas informações políticas da Europa.³⁴

Dizendo-se decididos em não contrariar as autoridades do vice-reino, e para demonstrar sua harmonia com elas, os editores do *Diario de México* transcreveram, em seu primeiro número, algumas linhas da autorização que receberam para a circulação do periódico, redigidas pelo fiscal Ambrosio Sagarurieta, quem os recordou de seu dever, como homens ilustrados da Nova Espanha, de contribuir em “moralizar e civilizar” a plebe. Eis aqui parte da autorização:

³³ CARTWRIGHT. op. cit.

³⁴ Idem.

En una ciudad como ésta, la principal del Reino, y en que se encierra tanto número de Letrados, de Artesanos los más hábiles, y de otras personas de importancia, donde es tan conveniente la emulación para el fomento de las ciencias, de la industria, la Agricultura y el Comercio, y en donde se advierte con dolor en la mayor parte de su vecindario un general abandono, y desidia, causada tal vez por el poco aprecio que merecen los descubrimientos y progresos de los Profesores, hacía bastante falta un proyecto como éste que ha producido tan buenos frutos en todas las Naciones, que inspira la afición a la lectura, y proporciona un medio el más sencillo y fácil para comunicarse sus ideas y adelantar sus facultades, el que después de una tarea y aplicación continua, ve logrado sus designios por el común aplauso que merecen, es fuerza no desmaye y sirva a todos como estímulo para adelantar: igualmente se apura el discurso, se excita el amor a la virtud, y todo influye para civilizar la plebe y reformar sus costumbres [...].³⁵

Sobre a autorização concedida, Castelán Rueda observou dois pontos fundamentais, propostos tanto pelo fiscal como pelos editores do *Diario de México*. Primeiramente, ambos compartilhavam a convicção de “ilustrar a plebe”, fomentando as leituras e transmitindo novas técnicas para o “desenvolvimento da indústria”, idéias em voga entre os espanhóis ilustrados. O segundo ponto a ser destacado, diz respeito a concepção que tinham os editores sobre a capital do vice-reino, eles acreditavam que a cidade deveria ser considerada uma corte, o centro da sociedade do vice-reinado, e não, somente a residência do vice-rei.³⁶

O *Diario de México* também se prontificou a publicar todas as notícias que tratassem sobre os supremos tribunais, o desenvolvimento da ciência, da economia privada e doméstica, da literatura, entre outros assuntos, sempre dirigidas ao pobre e ao rico, ao pai de família, às mulheres e a todos que estivessem interessados no “bem da sociedade”. Ou seja, o novo jornal não se propôs inicialmente questionar a situação política da Nova Espanha. Contudo, objetivou

³⁵ Cf. CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 32.

³⁶ A Corte do vice-rei, ponto de reunião social da aristocracia colonial, era o lugar de onde procediam todas as ordens políticas ou administrativas que governavam a Nova Espanha – além das diretas de Madri – e produziram todos os símbolos que definiram essa sociedade: honra, prestígio, moral, etiqueta e tudo o que era relacionado ao bom comportamento. Ibid., pp. 32-33.

criar novos espaços de discussão social, dos quais poderiam surgir elementos capazes de provocar uma ruptura.³⁷

O ilustrador da Nova Espanha, de acordo com Castelán Rueda, para ser atendido e compreendido pela população a ilustrar, considerava necessário demonstrar sua superioridade intelectual. O latim e o conhecimento dos autores da moda na Europa eram referências obrigatórias na bagagem dos editores do *Diario de México*. Ou seja, era necessário para os ilustrados de tempos em tempos, exibir seus conhecimentos mostrando-se capazes de cumprir com a tarefa civilizadora e moralizadora a que se propuseram.³⁸

Os ilustrados da Nova Espanha se empenharam em constituir-se uma autoridade moral e intelectual, pois, acreditavam serem superiores, sentiam-se no direito de observar e corrigir os vícios, pregarem contra as faltas que consideravam graves e darem receitas para viver bem, receitas essas que já eram experimentadas nos países europeus. Esses ilustrados julgavam, moralizavam e opinavam em todos os assuntos que consideravam de seu domínio intelectual e moral.³⁹ Por este motivo, Carlos María de Bustamante, em seus artigos no *Diario de México*, insistia na idéia de “civilizar a plebe e reformar seus costumes”. Esse obsessivo esforço moralizador levou-o a excessos verbais, que marcaram os principais traços no seu estilo, durante toda a sua vida.

Para sustentar com mais força seus argumentos, Bustamante recorreu à religião católica. Educado com base em fortes preceitos religiosos, fez de sua fé o ponto de partida de toda a sua obra como jornalista, historiador, editor e homem

³⁷ Ibid., p. 33.

³⁸ Ibid., pp. 36-37.

³⁹ Ibid., p. 37.

público.⁴⁰ Produto de um tempo em que os princípios religiosos estabeleciam as bases da sociedade, Bustamante mesclou a história, a técnica, a política e a literatura, com os princípios da religião católica, utilizando-os para com eles cunhar seu estilo narrativo.

Desde seus primeiros artigos, escritos com o pseudônimo de *El Melancólico*,⁴¹ Carlos María de Bustamante atribuiu-se à missão de moralizador. Alguns de seus textos, publicados nos primeiros anos de vida do *Diario de México*, representam uma mostra desse esforço de converter-se em guia moral de seus contemporâneos.

Em seu primeiro artigo, intitulado *Sobre el juego*, publicado no dia 2 de outubro de 1805, Bustamante se preocupou em advertir sobre as desgraças que ocasionava o vício do jogo, estabelecendo uma metáfora que o descrevia como uma religião praticada por inimigos da cristã: a mesa de jogo fazia às vezes do altar, os jogadores eram os fiéis e os mais experimentados eram os sacerdotes do estranho culto. A principal mensagem desse texto de *El Melancólico*, indicava que o jogo teria sido inventado por uma “ociosidade avarenta e astuta” e que as pessoas que jogavam, empregavam os métodos mais detestáveis em seu benefício. Segundo essa concepção, essas pessoas não amavam um só Deus, como verdadeiros cristãos, amavam, ao mesmo tempo, o Deus dos jogos.⁴²

⁴⁰ Não podemos deixar de registrar que o próprio Bustamante, em sua autobiografia, disse que foi criado com extremo vigor, e que sua casa parecia um convento, e nela se praticava o regime espartano. BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, p. 12.

⁴¹ Órfão de mãe aos seis anos de idade, Bustamante adquiriu desde criança uma “profunda melancolia”. Segundo confissão própria, este sentimento o acompanhou por quase toda a sua vida. Acredita-se que foi provavelmente dessa lembrança de infância, que se originou seu primeiro pseudônimo *El Melancólico*, com o qual iniciou sua trajetória como jornalista no *Diario de México*. GARCÍA CUBAS. op. cit., p. 460.

⁴² As opiniões descritas por Bustamante foram características recorrentes em sua obra, pois, segundo afirmou, sempre que as sociedades iam por um mau caminho, era porque os preceitos da religião não estavam sendo fielmente seguidos pelos homens. CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 39.

No ensaio *Literatura*, publicado em 19 de outubro do mesmo ano, Bustamante se mostrou preocupado com a memória histórica de seu reino, dedicado a buscar símbolos que reafirmassem a idéia de uma pátria gloriosa. Nosso autor percebeu a necessidade de render homenagem a seus grandes homens e a seus bem feitores, tivessem sido eles cientistas, arquitetos ou qualquer um que colaborara com o engrandecimento do reino. Foi justamente neste período que começou a se esboçar a formação de um Bustamante inventor de símbolos e de panteões em honra à pátria,⁴³ e que se consolidou mais tarde, a partir da obra *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*.

Como “bom católico”, Bustamante, sob a alcunha de *El Melancólico* e ainda escrevendo artigos no *Diario de México*, propôs a criação de remédios contra os vícios provocados pelas condutas imorais que lastimavam a felicidade do reino e seus habitantes. Seguindo a primeira consigna do *Diario de México*, o jornalista não ultrapassou, em seus artigos, os limites apresentados no prólogo do periódico – o de “moralizar e civilizar” a plebe.

O surgimento do primeiro jornal periódico do México foi um acontecimento político e cultural que contribuiu para a transformação da sociedade da Nova Espanha. A constante crítica aos problemas sociais conduziu à formação e à expressão de idéias políticas independentes, e não muito benquistas pelos prestigiosos do vice-reino americano. A produção desse jornal ajudou a compreender a dimensão que adquiriram, no transcorrer da luta pela independência, os debates sobre os problemas da sociedade e seus propósitos políticos.

A chegada das principais correntes de pensamento vigentes durante o século das luzes na América, fez com que a ilustração propiciasse a formação da

⁴³ Bustamante tratou de eternizar a memória histórica da pátria transmitida por meio de placas comemorativas e monumentos, para despertar o amor patriótico em todos os habitantes do reino, desde o mais simples agricultor até o mais poderoso cavaleiro. SALADO ÁLVAREZ. op. cit., p. 24.

filosofia aristocrática da sociedade americana, que encontrou, como veículo de expressão, a imprensa ilustrada. Segundo Timoteo Álvarez e Martínez Riaza, a imprensa ilustrada foi o resultado da vontade de grupos *criollos* urbanos em expressar preocupações e contribuir para o conhecimento e difusão das possibilidades da “pátria”.⁴⁴

Com o estabelecimento do *Diario de México*, a primeira década do século XIX testemunhou o desenvolvimento do jornal diário e do jornalismo polêmico político.⁴⁵ Dessa forma, a conjuntura da Nova Espanha no início do século XIX foi refletida em um periódico que pode ser considerado o elo entre o jornalismo ilustrado e o liberal.

1.2 – A liberdade de imprensa e a opinião pública na Nova Espanha

A partir de 1808, descortinou-se uma grande crise hispânica e, com ela, o aumento de publicações. Seguindo o exemplo da metrópole, a Nova Espanha entrou no período do patriotismo vulnerado – sentimento de vazio pela falta do rei – para depois adentrar na política moderna. O vazio do poder, provocado na metrópole por meio da prisão do rei da dinastia dos Bourbons e pela quebra da maioria das instituições tradicionais, teve, como consequência, o desaparecimento da maior parte das barreiras legais impostas até então à imprensa.⁴⁶ A existência de um novo público, e de meios técnicos que fizeram frente à demanda, unidos a uma

⁴⁴ TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., pp. 38-39.

⁴⁵ ROSS. op. cit., p. 356.

⁴⁶ GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e Independencias*. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas. 3ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 297.

maior liberdade de imprensa, provocaram um crescimento considerável dos títulos publicados.⁴⁷

As notícias sobre a invasão da Península Ibérica serviram para unificar a opinião pública hispano-americana que, de maneira unânime, fechou-se ao redor da monarquia que perigava, mostrando oposição radical aos franceses. As gráficas trabalharam para elaborar proclamas patrióticos de adesão às lutas de resistência que se desenvolviam na Espanha. Os periódicos que nesse momento se editavam, somados aos outros que, com este motivo surgiram, enalteceram as notícias sobre as vitórias contra Napoleão e incluíam mostras de lealdade ao rei Fernando VII, assim como listas de donativos, com os quais os americanos contribuíram materialmente à causa.⁴⁸

Após as renúncias e prisões de Carlos IV e Fernando VII e a formação das *Juntas Provinciales* foi instaurada a *Junta Central de Sevilla*, que, a partir de 25 de setembro de 1808, assumiu a soberania até a reinstalação monárquica. Segundo Timothy Anna, desde essa data até a sua dissolução em janeiro de 1810, a *Junta Central de Sevilla* teve dois objetivos: governar temporariamente e preparar a convocatória para as Cortes de Cádiz.⁴⁹

Em janeiro de 1809, um emissário foi enviado para a América com o intuito de obter declarações de lealdade a Fernando VII.⁵⁰ No México, o movimento de 16 de setembro de 1810, encabeçado pelo padre Miguel Hidalgo y Costilla, catalisou as reivindicações camponesas em torno da idéia de “fidelidade ao rei Fernando VII”. A revolta começou a florescer entre os anos de 1808 e 1810, devido

⁴⁷ Ibid., p. 285.

⁴⁸ TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 53.

⁴⁹ ANNA, Timothy. *La caída del gobierno español en la ciudad de México*. 1ª reimp., México: Fondo de Cultura Económica, 1987, p. 68.

⁵⁰ ANNA, Timothy. A independência do México e da América Central. In: BETHEL, Leslie. *História da América Latina: Da independência a 1870*. São Paulo: EDUSP, v. III, 2001, pp. 80-81.

à deposição do vice-rei Iturrigarray, ao desemprego dos trabalhadores mineiros e as secas que assolaram a boa parte da colônia. Tais fatos levaram principalmente os habitantes da região do *Bajío* a ponderar sobre uma revolta. Essa manifestação esteve prevista para começar em outubro, mas, logo nos primeiros dias de setembro, já era de conhecimento das autoridades a idéia de uma insurreição.⁵¹

O padre Hidalgo, em sua casa em Dolores, ao saber da descoberta da conspiração, decidiu dar início à revolta imediatamente, e na manhã de 16 de setembro de 1810, proferiu o “Grito de Dolores” – *¡Mexicanos, viva el México!, ¡Viva la Virgen de Guadalupe!, ¡Viva Fernando VII! y ¡Muera el mal gobierno!* –, com o qual convocou os índios e os *mestizos* a se unirem em um levante que objetivou defender a religião, mudar o governo local, conquistar a liberdade dos habitantes da Nova Espanha, acabar com o tributo entre outras atitudes de subserviência.⁵² Devemos salientar que, com tal grito, Hidalgo não propôs a separação entre a Nova Espanha e a metrópole, mas pretendeu que a população da colônia se levantasse contra as autoridades espanholas regionais e lutasse pela defesa da religião católica.

Logo quando foi possível, e à margem do marco legal da liberdade de imprensa, os insurgentes publicaram, na opinião de Stanley Robert Ross, os periódicos mais radicais de todo o processo de independência.⁵³ Padre Hidalgo, depois de ocupar a cidade de Guadalajara, fundou o primeiro periódico insurgente *El Despertador Americano*,⁵⁴ em 20 de dezembro de 1810, sendo este publicado até 17

⁵¹ Ibid., pp. 84-85.

⁵² ANNA. *La caída del gobierno...*, p. 82.

⁵³ ROSS. op. cit., pp. 357-358.

⁵⁴ Periódico no qual circularam amplamente as proclamações de Hidalgo referentes à abolição da escravidão e o sistema de castas, além da convocatória para a reunião de um congresso nacional que regeria o vice-reino. MACÍAS, Anna. *Cómo fue publicada la constitución de Apatzingán*. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. XIX, n. 1, jul-set/1969, p. 15. Para mais detalhes sobre os sete números publicados, Cf. <http://www.antorcha.net/index/hemeroteca>. Acesso em: 18/11/2005.

de janeiro de 1811, quando o padre foi preso. O periódico teve como objetivo principal convencer o público mexicano e de todo o continente, da justiça de seus propósitos. Os idealizadores do jornal buscaram seguidores para sua causa, combinando a informação sobre as vitórias de seu exército com a denúncia sobre a política espanhola.⁵⁵

Em outra região do país, o padre José Maria Morelos y Pavón também editou, a partir de 11 abril de 1811, um jornal com o nome de *El Ilustrador Nacional*, posteriormente intitulado *El Ilustrador Americano*, com freqüência semanal. Em contrapartida, o governo do vice-reino rebateu a propaganda insurgente com as mesmas armas e, ao mesmo tempo em que validava os redatores e leitores do periódico de Hidalgo, enaltecia o governo espanhol por meio de *La Gaceta de México*, na qual publicou a excomunhão contra os insurgentes. Segundo Guerra, o discurso das publicações insurgentes não pôde ser entendido como um precoce liberalismo mexicano, mas sim, como os agravos, os valores e as utopias de uma sociedade tradicional.⁵⁶

Depois de várias sessões de debates, as Cortes de Cádiz obtiveram, como resultado final, a Constituição de 1812.⁵⁷ A nova constituição outorgou amplos poderes às Cortes, sendo a monarquia constitucional a forma de governo escolhida. O governo ficou dividido em três poderes e os súditos se converteram em cidadãos, com uma representação em três níveis: em *ayuntamientos constitucionales*

⁵⁵ TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 63.

⁵⁶ Constavam nessas publicações: 1) os agravos: a) aos índios, a usurpação das terras comunais e o tributo, b) aos *mestizos*, o tributo e as discriminações raciais, c) aos *criollos*, o direito prioritário aos cargos e empregos; 2) os valores: a lealdade ao rei prisioneiro, a defesa da religião contra os perigos da tolerância, o patrocínio da Virgem de Guadalupe; 3) os temores: a chegada dos franceses e sua impiedade, a traição dos peninsulares que queriam entregar o reino a Napoleão; 4) as utopias: de um milenarismo cristão igualitário. GUERRA. op. cit., pp. 304-305. (tradução nossa).

⁵⁷ Para ver na íntegra a carta magna aprovada pelas Cortes de Cádiz, Cf. <http://www.cervantesvirtual.com/portal/1812>. Acesso em: 01/04/2005; <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/consthist/pdf/1812.pdf>. Acesso em: 10/01/2006.

(instituídos em toda população com mais de mil habitantes), em *diputaciones provinciales* (sete para a Nova Espanha) e nas Cortes.⁵⁸

As Cortes também proclamaram leis sobre as divisões de poderes, que reduziram o papel do rei ao poder executivo, sobre a faculdade de que tanto o rei como as Cortes podiam criar leis de forma conjunta, bem como a propósito da proclamação da soberania popular e do estabelecimento da paridade das colônias com a metrópole, no tocante à representação nas Cortes e distribuição de empregos administrativos.⁵⁹

Além disso, a carta aboliu a inquisição, reconheceu a igualdade jurídica, a inviolabilidade de domicílio e concebeu direitos como as liberdades de imprensa e expressão, decretados em 10 de novembro de 1810, incorporados à constituição de 1812, no título IX, correspondente a *Ilustración Pública*.⁶⁰

Na opinião de Guerra, a liberdade de imprensa concedida pelas Cortes de Cádiz iniciou o processo que rompeu certas estruturas do Antigo Regime na Espanha, e serviu como marco do nascimento e desenvolvimento – desde então irreversível, apesar dos intervalos de censura – do jornalismo político no mundo hispânico.⁶¹ A liberdade de imprensa viria a se transformar, para a Nova Espanha, no grande meio de expressão insurgente. Devido a essa nova condição, a imprensa no vice-reino esteve associada, desde o princípio, ao exercício das liberdades, ou seja, a concessão da liberdade de imprensa foi, sem dúvida, um meio de expressão

⁵⁸ ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina (coord.). *El establecimiento del federalismo en México, 1821-1827*. México: El Colegio de México, 2003, p. 25.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ O artigo sobre a liberdade de imprensa dizia: “Todos los españoles tienen libertad de escribir, imprimir y publicar sus ideas políticas sin necesidad de licencia, revisión o aprobación alguna anterior a la publicación, bajo las restricciones y responsabilidad que establezcan las leyes”. CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DE LA MONARQUÍA ESPAÑOLA, promulgada en Cádiz a 19 de marzo de 1812, Título IX, artículo 371, p. 104. <http://www.cervantesvirtual.com/portal/1812>. Acesso em: 01/04/2005; <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/conshist/pdf/1812.pdf>. Acesso em: 10/01/2006.

⁶¹ GUERRA. op. cit., p. 313.

capitalizado por setores minoritários, que o utilizaram como instrumento de comunicação e controle social.⁶²

Entretanto, as autoridades do vice-reino impediram a aplicabilidade dessa lei na Nova Espanha. No dia 16 de janeiro de 1812, o representante mexicano nas Cortes, o deputado Miguel Ramos Arizpe, solicitou, em vão, que se ordenasse ao vice-rei, a publicação do decreto estabelecendo a liberdade de imprensa no alémmar.⁶³ Contudo, na colônia, a carta magna fora enviada ao vice-rei Francisco Javier Venegas, em 6 de setembro de 1812, tendo este a ordem para publicá-la e estabelecê-la em todo o reino, o que foi feito a partir do dia 30 de setembro. A liberdade de imprensa na Nova Espanha somente foi instaurada pelo juramento à constituição, que se deu em 5 de outubro de 1812.

O resultado essencial da liberdade de imprensa foi, principalmente, sua utilização como uma arma, no interior das zonas realistas, controladas pelos, até então, partidários ocultos da insurgência.⁶⁴ Tal abertura fez com que José Joaquín Fernández de Lizardi e Carlos María de Bustamante, aproveitassem a “oportunidade” e publicassem o *Pensador Mexicano* e o *Jugueteillo*, respectivamente. Pode-se dizer que, com essas publicações, abriu-se pela primeira vez na história da Nova Espanha, um debate jornalístico que apresentou posições encontradas no que dizia respeito à revolução de independência.⁶⁵

Com certo retraimento, os jornalistas da época se expressaram sobre assuntos sociais, fazendo mais referências aos problemas políticos. Segundo Castelán Rueda, sem a utilização aberta de conceitos políticos para sustentar um

⁶² GÓMEZ DE LARA, Fernando et al. Estudio sobre la libertad de prensa en México. In: *Cuadernos Constitucionales México-Centroamérica*. México: Instituto de Investigaciones Jurídicas/UNAM, n. 25, 1997, pp. 17-34. <http://www.bibliojuridica.org/libros/libro.htm?l=176>. Acesso em: 18/12/2005; TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 59.

⁶³ SALADO ÁLVAREZ. op. cit., p. 111.

⁶⁴ GUERRA. op. cit., p. 313.

⁶⁵ ROSS. op. cit., p. 358.

debate, os jornalistas recorriam à sátira, à crítica burlesca e chocante, que ridicularizava o que as autoridades apresentavam como politicamente sério.⁶⁶

Os autores de o *Pensador Mexicano* e o *Juguéttillo* procuraram evitar uma posição política diferente da aplicada pelo governo ou seus panegíricos, mas, sem dúvida, expressavam opiniões críticas, contrárias às presentes, em *La Gaceta de México* ou pelos escritos de apoio às posições anti-insurgentes, geralmente patrocinados pelos vice-reis Francisco Javier Venegas e, posteriormente, por Félix María Calleja del Rey.⁶⁷ Era difícil imaginar a possibilidade de opiniões divergentes entre os que defendiam as idéias de independência e os que optavam pelas idéias das autoridades do vice-reino, pois, quem intercedesse pelas idéias insurgentes se expunha à imediata excomunhão e ao juízo civil que, na maioria das vezes, terminava com decreto à morte.

Além de não sabermos a data exata da primeira edição do *Juguéttillo*,⁶⁸ os poucos números publicados sempre trouxeram assuntos que polemizaram contra o governo do vice-reinado. No primeiro, Bustamante criticou, sobretudo, as ações do exército realista (comentando o que, para ele, foram fatos absurdos, ridículos ou enganosos), qualificando como protótipo de ingenuidade e tontices.⁶⁹ Na sua autobiografia *Hay tiempos de hablar y tiempos de callar*, Bustamante lembrou a causa que o levou a escrever o *Juguéttillo*:

Moviéronme eficazmente a ello: las horribles matanzas que los comandantes del gobierno español hacían con absoluta impunidad

⁶⁶ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 55.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Salado Álvarez considerou que o periódico fora publicado quinzenalmente, porque somente no terceiro número existe uma data, essa foi a de 27 de outubro de 1812, dia da censura do padre José Manuel Sartorio. SALADO ÁLVAREZ. op. cit., p. 117; Cf. BUSTAMANTE, Carlos María de. *Tercero Juguéttillo. Sine ira neque ódio, quorum causas procul habeo.* <http://www.bibliojuridica.org/libros/2/595/9.pdf>. Acesso em: 15/04/2005.

⁶⁹ Cf. BUSTAMANTE, Carlos María de. *Juguéttillo.* <http://www.bibliojuridica.org/libros/2/595/7.pdf>. Acesso em: 15/04/2005.

en los llamados insurgentes; el vandálico bando de 23 de junio de 1812 que publicó Venegas, que atacaba la inmunidad eclesiástica, previniendo se pasase por las armas a todo sacerdote, por el solo hecho de encontrarse en sus filas o campamentos; los no merecidos elogios que un bendito fraile hizo de Calleja haciéndolo superior a cuantos generales habían existido en el mundo; y sobre todo, el alto desprecio con que eran tratados los mexicanos, peor que perros.⁷⁰

Na publicação do *Juguéttillo*, Carlos María de Bustamante adotou como pseudônimo *El Censor de Antequera*, com o qual, pela primeira vez, criticou a dominação espanhola, sem, no entanto, adotar inteiramente a causa independente. No ano de 1808, com as notícias vindas da Europa sobre a invasão de Napoleão ao reino espanhol, a idéia de independência política da Nova Espanha foi, para Bustamante, algo distante, sendo ele um grande defensor da união entre peninsulares, americanos e indígenas contra a França. No entanto, com a insurreição de 1810, caíram por terra todas as esperanças que o jornalista tanto defendera até o momento.

Bustamante, como a maioria dos *criollos*, resistiu em decidir por algum dos dois lados da guerra, temeroso com as autoridades vice-reinais, que prendiam quem lhes parecesse suspeito. O jornalista, contudo, escreveu uma carta ao vice-rei reiterando sua posição de defensor da coroa. De acordo com Bustamante, os integrantes do *Consulado de México*,⁷¹ demonstraram para com ele uma atitude “pouco simpática”, diante da sua expressão de lealdade à coroa e da esperança da unidade entre *criollos* e espanhóis, tão difundidas e manifestadas na Nova Espanha. Com isso o jornalista iniciou suas inimizades entre os espanhóis.

⁷⁰ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, p. 26.

⁷¹ Grupo de comerciantes da Cidade do México, encabeçados por Gabriel de Yermo, que, secretamente, formou um batalhão denominado “voluntarios de Fernando VII”, com objetivo de por fim à “traição” do vice-rei e dos legisladores *criollos*. No dia 15 de setembro de 1808, Yermo e seus seguidores invadiram o palácio do vice-rei José de Iturrigaray, decretando a sua destituição e aprisionando-o junto com sua família.

Foi a partir desta ocasião que Bustamante, contrariamente ao que tinha pregado até então, manteve uma posição favorável às idéias de independência que o distanciaram da defesa da unidade de todos os membros da monarquia espanhola. Essa opinião ficou mais fortalecida após a morte do amigo e protetor Primo de Verdad, quem fora acusado de ser contrário à coroa espanhola. Mas foi em 1813, quando nomeado por padre Morelos para ocupar cargos no exército insurgente, que Bustamante assumiu de forma definitiva a causa insurgente.

Convencido em tentar investir contra as instituições espanholas, uma das maneiras escolhidas pelo jornalista foi criticar a Universidade, já que esta era considerada a corporação mais sábia da Nova Espanha. Exatamente essa proposição fez com que Alexander Humboldt escrevesse sobre a relevância de tão renomada instituição: “nenhuma cidade do novo continente, sem exceção aos Estados Unidos, possui estabelecimentos científicos tão grandes e sólidos como os da capital do México”.⁷² Bustamante assegurou que as instituições oficiais deveriam utilizar o *castellano* como única língua para comunicar-se com o público e que deveriam fazer uso do latim nos claustros.

Na edição de número dois do *Juguetillo*, Bustamante perpetrou críticas a outro autor, a quem ele não se refere nominalmente e que era a favor ao ataque à comunidade eclesiástica, realizado pelo marechal Félix Calleja. Mesmo sem ser um “insurgente ativo”, e também sem se identificar com a forma que o marechal Calleja conduzia a guerra, aproveitou-se de um escrito em defesa de Calleja, para criticar as campanhas conduzidas contra os insurgentes e a maneira que outros autores se referiam a elas.⁷³

⁷² GUERRA. op. cit., p. 277. (tradução nossa).

⁷³ SALADO ÁLVAREZ. op. cit., pp. 118-119. Para mais detalhes, Cf. BUSTAMANTE, Carlos María de. *Segundo Juguetillo. Al elogiador del señor Mariscal D. Félix María del Rey Salud y Reales*. <http://www.bibliojuridica.org/libros/2/595/8.pdf>. Acesso em: 15/04/2005.

No *Juguéttillo* de número três, Bustamante defendeu a imunidade do clero, devido aos atentados que, contra os sacerdotes seculares, cometiam os vice-reis. De acordo com nosso autor, o vice-rei Venegas cometeu um erro ao converter o clero em tema central de um conflito que não se relacionava com a dignidade eclesiástica. Para comprovar que essa idéia de perseguição ao clero era compartilhada pelos vice-reis (Venegas e, posteriormente, Calleja) reproduziremos parte da carta na qual o vice-rei Calleja descreve ao seu ministro da justiça, sua opinião quanto à convivência clerical, sobre a qual:

[...] el pueblo [...] oyó sin cesar los comentarios de aquellos escritos [...] y se empapó de las ideas que se le quisieron inspirar [...] [Se le hizo creer] que alguna resolución atentaba contra la pureza de la religión y los derechos de la Iglesia, según se estampó en impresos de aquellos días [...] difundidas estas especies en la multitud, canonizadas para ella con la autoridad de un amor o apologista eclesiástico y con la validación de la imprenta, causaron un crecimiento indecible en la indisposición de los espíritus [...].⁷⁴

Bustamante se empenhou em demonstrar que os sacerdotes não deixavam de sê-los por encontrarem-se no campo insurgente, e se opôs à divisão que as autoridades vice-reinais propuseram, seccionando-os entre sacerdotes bons e maus, uma vez que os únicos capazes de discernir a este respeito seriam as autoridades eclesiásticas. O jornalista afirmou ainda que um sacerdote encontrado nas filas insurgentes ou feito prisioneiro, não deveria ser morto, como pretendiam os espanhóis.⁷⁵

Na quarta edição de *Juguéttillo*, que teve como título *Palabra y perdones al autor de Juguetes contra el Juguéttillo* – o mais extenso de todos –, Bustamante polemizou com a *Señorita Americana*, procurando saber quem era o

⁷⁴ Carta do vice-rei Félix María Calleja ao ministro da justiça, 10 de junho de 1813. In: GUERRA. op. cit., p. 315.

⁷⁵ CASTELÁN RUEDA. op. cit., pp. 75-76; Sobre outras informações, Cf. BUSTAMANTE. *Tercero Juguéttillo*. op. cit.

autor que se utilizara do pseudônimo feminino para criticar os seus escritos. O mesmo número ainda foi concluído com diversas indagações do autor a respeito da liberdade de imprensa. Nessas “dúvidas”, como Bustamante as chamou, seis pontos foram levantados, com destaque para: 1º) se a liberdade de imprensa estava sujeita à igualdade judicial; 2º) se o partidário do governo poderia chamar ao seu contrário de traidor, insurgente, sedicioso, rebelde e mau espanhol; 5ª) se, na junta de censura, se encontravam as autoridades que negaram a restituição dos privilégios aos senhores eclesiásticos.⁷⁶

A quinta edição foi inteiramente dedicada a enaltecer o amigo Francisco Primo de Verdad y Ramos, morto na prisão em consequência do Golpe de Yermo.⁷⁷ Foi justamente no momento em que os jornalistas gozaram da liberdade de imprensa, que Bustamante acreditou apropriado cumprir com o juramento feito frente ao cadáver de Primo de Verdad, ao mesmo tempo em que se impôs a missão de ser o “transmissor às idades futuras” dos fatos dignos de perpetuar-se na memória americana. Eis as palavras proferidas por Bustamante, em seu periódico, sobre o juramento e sua missão:

Yo juré sobre su cadáver en la cárcel de este Arzobispado donde murió la mañana del 4 de octubre de 1808, que haría ver a la posteridad su inocencia, su candor, y sobre todo su lealtad, aquella lealtad última palabra que se le oyó balbucear para perder el habla y expirar... Sí amado mío, sí querido benefactor, sí apoyo de mi casa y familia, yo juré transmitir tu nombre en honor de las edades futuras, yo te dije en exceso de dolor y bañado en lágrimas ¿Cómo has

⁷⁶ Para mais detalhes desse exemplar, Cf. BUSTAMANTE, Carlos María de. *Cuarto Juguetillo. Palabra y perdones al autor de Juguetes contra el Juguetillo*. <http://www.bibliojuridica.org/libros/2/595/10.pdf>. Acesso em: 15/04/2005.

⁷⁷ As notícias vindas da metrópole, sobre a invasão francesa, fizeram com que o frei Melchior Talamantes, juntamente com Juan Francisco Azcárate e Francisco Primo de Verdad, apresentassem ao vice-rei Iturrigaray, um projeto de *Ayuntamiento*, que propunha a formação de uma *Junta Nacional*, que governasse e guardasse a soberania do rei Fernando VII. O governo provisório seria dirigido pelo próprio vice-rei. No entanto, a reação dos espanhóis não se fez esperar, e um grupo de comerciantes liderados pelo fazendeiro espanhol Gabriel de Yermo deflagrou um golpe de Estado no dia 15 de setembro de 1808, prendendo e destituindo o vice-rei, juntamente com dois dos membros mais influentes do *Ayuntamiento*. ANNA. *A independência do México...*, p. 81.

muerto tú que podrías ser la envidia de los Gracos y Fociones, tú, cuya grande alma bastaría para honrar a una nación?... ¡Bendito sea el cielo porque voy a llenar un deber que me imponen las leyes del honor y del reconocimiento! Americanos, llenad vosotros igualmente las obligaciones de la caridad que os impone la religión y el paisanaje, socorriendo generosos a sus familia desventurada, que gime bajo el peso de la orfandad y miseria [...].⁷⁸

A intenção de Bustamante ao relembrar Primo de Verdad foi muito clara. A função do autor foi um dever imposto pelas leis de honra e de reconhecimento à transmissão dos fatos importantes, o que serviria para perpetuá-los. O herói político Primo de Verdad apareceu nos escritos de Bustamante como um homem de planos, com uma ampla visão de futuro, cujas idéias foram incompreendidas em um período onde, na opinião de Bustamante, predominava a “ignorância”.

Retornando ao *Juguéttillo*, no sexto número do periódico, pelo motivo do aniversário de Venegas no dia 3 de dezembro de 1812, Bustamante se reportou ao vice-rei com um extenso artigo, cujo título foi, *El Censor de Antequera al Excmo. Sr. Virrey desea toda felicidad y le suplica reciba benignamente la siguiente expresión*. Nesse número, Bustamante dirigiu-se ao vice-rei “com a confiança de um filho rendido a seu pai”, para solicitar “o exercício e pontual cumprimento da constituição que se acabara de jurar”, solicitando a extinção definitiva da *Junta de Seguridad y Policía*, que atentava contra as garantias aos cidadãos estabelecidas no código constitucional.⁷⁹

Juntamente com Bustamante, Fernández de Lizardi, autor do *Pensador Mexicano* – que em seu periódico combateu as marcas da sociedade colonial, a

⁷⁸ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 83.

⁷⁹ GAYTÁN, Columba Galván; AGUILAR, Norma Alfaro. Juguéttillo dedicado a El Pensador Mexicano. In: *Il Encuentro Internacional de Historia de la Prensa en Iberoamérica, 1792-1950*. La Prensa de las Regiones. Xalapa, 2004, pp. 1-8. <http://www.historiadoresdelaprensa.com.mx/articulo/Ilencuentroprensa/12.doc>. Acesso em: 11/06/2005. (tradução nossa).

discriminação na concessão de postos públicos e o sistema educativo⁸⁰ –, aproveitou o ensejo do aniversário do vice-rei e solicitou a Venegas a revogação da proclamação pública de 3 de julho de 1812, que deu ingerência aos comandantes militares para julgar os clérigos insurgentes. O resultado dessa petição foi a ordem de apreensão para ambos os jornalistas e a suspensão imediata da liberdade de imprensa. Percebendo a rigidez dos atos do vice-rei, que resultaram na prisão do amigo e escritor Fernández de Lizardi, Bustamante resolveu refugiar-se em Tacubaya, juntando-se a filas insurgentes.

A partir da concessão da liberdade de imprensa por intermédio das Cortes de Cádiz, até a supressão do direito de se expressar livremente, a Nova Espanha vivenciou o nascimento da “opinião pública”. Segundo Guerra, foi uma das expressões chave da política moderna, pois, invadira rapidamente o discurso patriótico.⁸¹ Essa opinião pública revelou um processo de integração muito lento entre as formas arcaicas e modernas de sociabilidade dentro da Nova Espanha.⁸²

1.3 – Carlos María de Bustamante e a “propagação” do movimento insurgente

A supressão da liberdade de imprensa, em julho de 1812, pelo vice-rei Venegas, fez com que Bustamante fugisse para Zacatlán, dirigindo-se para Oaxaca – sua cidade natal – onde se encontravam os exércitos insurgentes, comandados pelo padre José María Morelos, quem o nomeou com o grau de Brigadeiro e Inspetor Geral de Cavalaria. No dia de sua chegada, 24 de maio de 1813, o

⁸⁰ TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 63-64.

⁸¹ GUERRA. op. cit., p. 302.

⁸² CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 62.

jornalista se incorporou à redação do *Correo Americano del Sur*.⁸³ De acordo com Krause, ao se incorporar ao jornal, Bustamante adotou um tom “abertamente profético”. O autor destaca os contínuos paralelismos traçados por Bustamante entre o povo de Israel e o mexicano, tal como vemos nessa passagem:

Mirad, americanos, quiénes son los delincuentes hermanos vuestros, que trabajan como los israelitas en Egipto día y noche, en las cañas y barbechos para engrosar la fortuna de este nuevo faraón; pero consolaos, hermanos míos, con que el cielo os ha suscitado un Moisés y un Josué para sacaros de tan afrentoso cautiverio; vosotros veréis desaparecer sus ejércitos... lo digo confiado en la justicia de Dios.⁸⁴

O *Correo Americano del Sur* começou a ser publicado no dia 25 de fevereiro de 1813, sob a direção de José Manuel Herrera, cargo ocupado posteriormente por Bustamante. Considerado o órgão de imprensa mais importante com que contaram os insurgentes, o periódico teve como principal objetivo, narrar e “propagar” os fatos relacionados com as expedições militares, e transcrever as ações – consideradas gloriosas – de um exército nacional bem disciplinado, comandado pelo padre José María Morelos. O jornal procurou também contrapor a imagem de bandoleiros, ladrões de galinhas e ímpios atribuídos pelo governo do vice-reino aos insurgentes, com uma imagem de um governo legitimamente constituído, que representava os verdadeiros interesses da nação que se pretendia construir.⁸⁵

Não pretendemos, no entanto, fazer uma análise minuciosa do *Correo Americano del Sur*, mas podemos, contudo, perceber que sua linha de

⁸³ A primeira participação de Bustamante foi uma missiva escrita durante sua viagem até Oaxaca, endereçada a Morelos, a qual este mandou publicar no *Correo Americano del Sur*. Nesta carta, Bustamante ressaltou a sua eleição pelo “povo do México” como representante da paróquia de San Miguel, juntamente com o padre José Manuel Sartorio. Cf. SALADO ÁLVAREZ. op. cit., pp. 123-137.

⁸⁴ KRAUSE. op. cit.

⁸⁵ Para maiores detalhes sobre a apresentação, os trinta e nove números e as quatro edições extras do *Correo Americano del Sur*. Cf. <http://www.antorcha.net/index/hemeroteca>. Acesso em: 18/11/2005.

argumentação foi marcadamente contrária ao governo espanhol no vice-reino, além de assinalar as Cortes de Cádiz como um governo espúrio, ilegítimo e anti-religioso. A posição anti-espanhola adotada por Bustamante se fundamentava em suas críticas aos espanhóis, por ele considerados irreligiosos. Segundo Bustamante, o governo espanhol cometia infrações à moral – adultério, roubo e interesse pessoal, entre outros –, além da falta de patriotismo.

Essa privação de patriotismo, para Bustamante, significou o desrespeito ao rei Fernando VII, que foi evidenciado na criação de uma junta capaz de se entender com os franceses e na organização de instituições parecidas aos destes. De acordo com Bustamante, tudo isso ocorreu devido ao ódio e temor aos americanos, já que os peninsulares não os reconheciam nem os reconheceram como iguais; por esse motivo que, em sua opinião, os espanhóis lutavam com extrema maldade nos conflitos.

Para compor os artigos do jornal, as principais fontes de informação eram antigas edições de outros periódicos insurgentes já editados, tais como o *Ilustrador Americano* e o *Semanario Patriótico*. Além do interesse na difusão das idéias insurgentes, o motivo que levou, primeiramente José Manuel Herrera, e, posteriormente, Bustamante, a publicar os artigos dos dois jornais outrora editados, foi o bom aproveitamento das idéias propagadas pelos redatores dos tais periódicos.

Nas páginas do *Correo Americano del Sur*, a insurreição fora apontada como um mal necessário, útil para evitar a irreligiosidade – na visão dos insurgentes – e para combater a influência francesa nas autoridades da Nova Espanha. Outro traço marcante na publicação, foram os escritos que demonstravam a “religiosidade” e o “patriotismo” dos americanos nas regiões já libertadas. De acordo com Castelán Rueda, os autores dos artigos do periódico insurgente, tiveram forte necessidade de

comunhão entre as imagens das autoridades civis, militares e religiosas e o povo, já que havia uma religião e uma nação que celebrar, e seus símbolos eram a Suprema Junta Nacional e a Virgem de Guadalupe.⁸⁶

A atuação de Bustamante no *Correo Americano del Sur* foi um divisor de águas na vida do jornalista, posto que nosso autor resolveu participar da guerra, lutando ao lado dos insurgentes no exército de Morelos. O contato com o padre possibilitou a formação do anti-espanholismo *criollo*, que o levou a identificar a gênese da guerra de independência.

A partir do número XIX do *Correo Americano del Sur*, Bustamante passou a escrever com mais frequência no jornal, e suas palavras indicam uma dupla preocupação. Primeiramente, legitimar-se frente aos seus interlocutores – os insurgentes que declararam guerra aos espanhóis – esclarecendo o porquê de sua demora para aliar-se a eles. Posteriormente, sua preocupação era dirigir-se aos espanhóis para explicar-lhes a difícil decisão de romper com seus iguais, ainda que mantivesse a preocupação de seguir sendo um “homem de bem”.⁸⁷

Bustamante não endereçava suas palavras para um grupo ou outro, pois entendia que era o protagonista de uma etapa importantíssima na história da Nova Espanha. Em alguns escritos, nota-se que se dirigia ao seu irmão, a Morelos, ou a outro interlocutor, e empregava uma linguagem doutrinal, orientada não somente aos seus contemporâneos, mas sim, à posteridade. Castelán Rueda afirma que, essa preocupação por passar à história, essa segurança de ser parte importante de um processo histórico de grandes magnitudes, Bustamante viria a

⁸⁶ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 93.

⁸⁷ Ibid., p. 102; O homem de bem, em outras palavras, era um crente católico, dotado de forte sentimento de honra e moral e de suficientes meios financeiros para manter certo estilo de vida. Cf. COSTELOE, Michael P. *La República Central en México, 1835-1846*. "Hombres de bien" en la época de Santa Anna. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 35.

conservar durante toda sua vida e iria introduzi-la não só na prática da narração histórica, mas, também, na redação da sua autobiografia e de seu diário pessoal.⁸⁸

Em sua participação no *Correo Americano del Sur*, Bustamante projetou os temas que seriam o escopo de sua atividade política: a defesa da religião católica e de uma prática da fé. De acordo Alicia Hernández Chávez, o jornalista escolheu, como cerne da sua atividade, esses temas porque a “impiedade” dos espanhóis foi relacionada, pouco a pouco, com as atitudes contrárias a uma pátria religiosa. Na concepção de Bustamante, ao atribuir-se o poder sobre os elementos e valores do culto cristão, o governo do vice-reino pretendeu despojar os americanos de sua religiosidade.⁸⁹

Entre os anos de 1812 e 1820, período no qual houve um consenso entre os mexicanos em relação ao direito de governar-se por uma constituição formulada e aprovada por eles mesmos, solidificou-se também a definição da religião católica como a religião de Estado; esta se consolidou por convir o bem e a concórdia da unidade de sentimentos religiosos, assim como a unidade de sentimentos políticos.⁹⁰

Contudo, para alcançar os objetivos propostos no *Correo Americano del Sur*, Bustamante denunciou as impiedades do governo do vice-reino espanhol, acreditando que este tivesse sido influenciado por idéias estranhas, alheias aos princípios mais elementares da religião católica. Os editores do *Correo Americano del Sur* concordavam que as maiores provas do anti-clericalismo dos espanhóis eram as perseguições aos sacerdotes insurgentes e a impiedade com que os exércitos do vice-reino saqueavam os templos.

⁸⁸ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 102.

⁸⁹ HERNÁNDEZ CHÁVEZ, Alicia. De la res pública a la República. In: *19th Internacional Congress of Historical Sciences*. The millennium congress. Oslo, 2000, pp. 1-24. <http://www.oslo2000.uio.no/program/papers/s17/s17.chavez.pdf>. Acesso em: 08/06/2005.

⁹⁰ Idem.

Bustamante teve ciência disso e, boa parte de seu discurso enquanto integrante do *Correo Americano del Sur*, pautou-se por afrontar o binômio religiosidade americana e irreligiosidade espanhola, fazendo da inviolabilidade da condição eclesiástica uma bandeira. Dessa forma, nosso autor acreditou que consolidaria, ou seja, daria forma e força, a uma identidade americana profundamente religiosa, já que ele pautava-se no discurso religioso para fomentar a guerra de independência.

Com o transcorrer da disputa, Bustamante, por meio das páginas do *Correo Americano del Sur*, transformou padre Morelos na figura do herói libertador e herói legislador, que, em sua opinião, teria sido enviado pelo “céu”, para a glória da América.⁹¹ Bustamante ainda responsabilizou o governo espanhol e aos espanhóis enraizados no México como os culpados pelo atraso em que viviam os americanos no que se referia aos assuntos políticos, além de buscar referências para mostrar aos leitores, o esforço dos insurgentes para conseguir um governo representativo para os americanos.⁹²

Em um dos últimos artigos no *Correo Americano del Sur*, datado em 15 de abril de 1813 e publicado em 13 de outubro, Bustamante sublinhou a importância do *Ayuntamiento* da Cidade do México, que para ele representava os direitos do povo americano. Nesse artigo, nosso autor objetivou persuadir os *criollos* da improbabilidade de permanecerem lutando contra os espanhóis, elevando o caráter do homem americano e seu convencimento como “paixão declarada” da legitimidade dos seus direitos. Demonstrou também os sinais da queda do governo espanhol, relacionados à economia, assinalando que as ações dos insurgentes provocaram nos espanhóis, situações de miséria econômica. Eis a passagem do artigo:

⁹¹ Cf. *Correo Americano del Sur*, número XXIV de 05/08/1813, p. 187, <http://www.antorcha.net/index/hemeroteca/correo/24.pdf>. Acesso em: 18/11/2005.

⁹² *Ibid.*, pp. 187-188.

No está pues ese gobierno en estado de prometerse, ni aun por un sueño halagüeño, una reconquista con fuerzas superiores venidas de España, porque estas, o están destruidas totalmente, o si existen algunas, no pueden acudir a su socorro por falta de tesoros que costeen unas expediciones dispendiosas.⁹³

Em contraponto à miséria dos espanhóis, Bustamante certificou que o exército insurgente estava em uma situação vantajosa, provando que estes eram competentes para se governarem. Para comprovar essa idéia, nosso autor mencionou o exemplo da província de Oaxaca, que instituíra um governo comandado por Morelos, o qual, contando com bravos soldados e excelentes oficiais, conseguiu eliminar os inimigos.⁹⁴

Contudo, Bustamante aconselhou que o *Ayuntamiento* da Cidade do México fosse o condutor do vice-reino, como seu principal corpo representativo, para que esse conduzisse a uma reconciliação e colocasse um ponto final à guerra.⁹⁵ Na opinião de Castelán Rueda, Bustamante faz uma clara referência à política do Antigo Regime, na qual todas as formas de representação política antigas ocupam um lugar e têm um significado no debate. Com isso, Bustamante não estava propondo novas formas de governo nem instituições diferentes, ele acreditava que a Nova Espanha poderia seguir sendo governada pelas mesmas corporações e seguindo as mesmas “ordens antigas”, ou seja, estaria buscando resgatar a força dos atores tradicionais, as corporações do vice-reino e especialmente o *Ayuntamiento*.⁹⁶

Antes da instalação do congresso de Chilpancingo⁹⁷ – congresso esse convocado por Morelos, no dia 13 de setembro de 1813, e que o ratificara como

⁹³ Ibid., número XXXIII de 13/10/1813, p. 261.

⁹⁴ Ibid., p. 262.

⁹⁵ Ibid., p. 265.

⁹⁶ CASTELÁN RUEDA. op. cit., pp. 133-134.

⁹⁷ Congresso considerado o primeiro de cunho independente, substituiu a *Junta de Zitacuaro* e, pela primeira vez em um documento escrito, se falou de uma total independência da Espanha. A verdadeira tarefa do congresso foi constituir algum tipo de governo formal que pudesse solicitar as potências estrangeiras um possível reconhecimento. VILLORO, Luis. La revolución de independencia.

comandante do exército e do executivo –, Carlos Maria de Bustamante foi designado deputado, representando a província do Estado do México, o que lhe permitiu mudar da carreira das armas para a de legislador.

No entanto, Bustamante não abandonou a luta insurgente e para mostrar que não desistira da peleja, atendeu a dois pedidos de Morelos. O primeiro consistiu na redação do discurso de abertura do congresso de Anáhuac – ainda que, em momento algum, atribua a autoria do documento – e, o segundo, foi a colaboração de Bustamante para elaborar a ata de declaração de independência, a constituição de Apatzingán.⁹⁸

Por fim, a última participação de Bustamante no *Correo Americano del Sur* foi em uma edição extraordinária, publicada em 28 de dezembro de 1813, na qual ele descreveu sobre as festas em honra a Virgem de Guadalupe na cidade de Oaxaca, destacando os valores pertencentes a uma nação que comemorava a aparição “da protetora e da general das sempre triunfantes armas da América”.⁹⁹

Neste último número, Bustamante incorporou os mitos fundadores que remetem a uma sociedade idílica: por um lado, o “império do México”, com seus dias tranqüilos, que se perdem “na venerável antiguidade”, e, pelo outro, uma sociedade religiosa, guadalupana, justa, unida por meio do culto à Virgem de Guadalupe, “que

In: CENTRO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS. op. cit., p. 513; ANNA. A independência do México... , pp. 89-90.

⁹⁸ Resultante do congresso de Anáhuac, celebrado em Chilpancingo, o documento apresentou a estrutura organizativa dos poderes legislativo, executivo e judiciário. A esta lei estiveram integrados artigos que versaram sobre a independência do México. Alguns de seus postulados básicos foram: reconhecimento à religião católica, apostólica e romana, soberania popular, igualdade perante a lei, respeito à liberdade e aos direitos individuais e inviolabilidade do comércio. Contemplava uma república central, com um poder executivo depositado em um triunvirato que governaria de forma colegiada, um congresso formado por dezessete deputados e uma Corte ou Tribunal de Justiça. A administração do país estabelecia três secretarias: a de guerra, da fazenda e do governo. Cf. TORRE VILLAR. op. cit., pp. 33-63; e MACÍAS, ANNA. Autores de la constitución de Apatzingán. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. XX, n. 4, abr-jun/1971, pp. 511-521 e DECRETO CONSTITUCIONAL PARA LA LIBERTAD DE LA AMÉRICA MEXICANA, sancionado en Apatzingán a 22 de octubre de 1814. <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/conshist/pdf/1814.pdf>. Acesso em: 10/01/2006.

⁹⁹ Cf. *Correo Extraordinario del Sur*, de 28/12/1813, s/p. http://www.antorcha.net/index/hemeroteca/correo/39_extraordinario.pdf. Acesso em: 18/11/2005.

só pode proteger a causa da nação, por ser justa e justíssima, porque nela se interessa a religião católica e a pureza e santidade de seus dogmas”.¹⁰⁰

Desta forma, com a exposição da comemoração religiosa em homenagem à Virgem de Guadalupe, foi que Carlos María de Bustamante encerrou a sua passagem pelo *Correo Americano del Sur*, pondo término a existência deste fundamental periódico insurgente. Assim sendo, no capítulo seguinte, trataremos sobre como se deu o fim da colaboração do autor no movimento de luta contra os espanhóis e de que forma Bustamante participou da história do México, depois de alcançada a independência.

¹⁰⁰ Idem.

Capítulo 2: Carlos María de Bustamante a partir da morte de José María Morelos y Pavón

2.1 – Os “escritos prisioneiros” e os antecedentes da independência mexicana

Neste capítulo, abordaremos a resignação da postura de Bustamante em relação à independência, concretizada com a redação de um de seus textos, endereçado ao rei Fernando VII. Trataremos ainda da retomada, pelo autor, da opinião favorável ao movimento independente e, a partir da consolidação deste movimento, a atuação do mesmo nos acontecimentos decorrentes no México, até o final da década de 1840.

No final do ano de 1813, os exércitos do padre José María Morelos foram derrotados em Valladolid. Em dezembro de 1815, os insurgentes sofreram mais algumas derrotas, que derivaram na prisão, condenação à morte e posterior fuzilamento de Morelos, bem como na desintegração do congresso de Chilpancingo, instalado em Zacatlán. O resultado dessas ações foi a submissão de todo o país ao governo da Espanha. Segundo Timothy Anna, a desintegração do movimento provocou a desunião no seio dos rebeldes e reduziu, praticamente a nada, as ações dos diminutos grupos de insurgentes.¹⁰¹

No transcorrer de um período de mais de catorze meses – dezembro de 1815 a março de 1817 – Bustamante, juntamente com outros insurgentes, viveu sem uma liderança precisa, tomando conhecimento das freqüentes perdas que foram arrebatando o que restara dos exércitos insurgentes. Em princípios de 1817,

¹⁰¹ ANNA. *La caída del gobierno español...*, p. 202.

sobraram somente os exércitos liderados por Guadalupe Victoria,¹⁰² em Veracruz, e Vicente Guerrero,¹⁰³ nas montanhas do sul, que ainda lutavam contra a coroa espanhola. Juntamente com outros rebeldes, Bustamante vivia uma situação particular e complicada, temendo cair, a qualquer momento, nas mãos dos exércitos realistas. Diante das circunstâncias, Bustamante decidiu se entregar, aceitando a anistia oferecida pelo vice-rei Juan Ruiz de Apodaca, no ano de 1817. Sobre esse episódio escreveu:

Estaba yo entonces en el centro de tres divisiones enemigas [...]. No tenía un real, mi esposa enferma, las caballerías estaban destruidas, pues las buenas me las robaron mis criados en el pueblo de Alcomunga. Tampoco tenía un asilo en un país desconocido y los negros procuraban congraciarse con el gobierno de Veracruz entregando a cuantos insurgentes podían haber en sus manos. Tal era mi difícil situación en 8 de marzo de 1817, en que emprendí entregarme al gobierno español, como lo ejecuté en el destacamento del Plan del Río. Su comandante me recibió bien y procuró suavizar la amargura y vergüenza que rebosaba en mi semblante; creí morirme al presentarle mi espada, y no deseo a mi mayor enemigo que sufra igual pena si tiene pundonor.¹⁰⁴

Conduzido à prisão em Veracruz, Bustamante arquitetou meios de emigrar para os Estados Unidos. Logrando sua fuga, embarcou em meados de agosto de 1817, mas foi descoberto. Ao ser conduzido para o exterior da embarcação e revistado, o autor entregou a uns marinheiros ingleses alguns escritos – os cinco cadernos que sua esposa havia amarrado a seu corpo – nos quais

¹⁰² Guadalupe Victoria (1786-1843), militar e político mexicano, estudou as leis e lutou no exército insurgente, sob as ordens de José María Morelos y Pavón. Primeiro presidente da república mexicana (1824-1829), decretou a abolição da escravidão e a expulsão dos espanhóis, consolidando as relações internacionais, sobretudo com Grã-Bretanha, Estados Unidos, América Central e a *Gran Colombia* de Simón Bolívar. Cf: <http://www.elbalero.gob.mx/historia/html/gober/gober.html>.; <http://usuarios.lycos.es/Aime/gobernantes.html>. Acesso em: 26/07/2005.

¹⁰³ Vicente Guerrero (1782-1831), militar e político mexicano, lutou a favor da independência, sendo comandado, primeiramente, pelo padre Morelos, até chegar ao comando dos exércitos do sul. Consumada a independência, lutou contra Agustín de Iturbide e tornou-se presidente do México em 1829. Cf: <http://www.elbalero.gob.mx/historia/html/gober/gober.html>.; <http://usuarios.lycos.es/Aime/gobernantes.html>. Acesso em: 26/07/2005.

¹⁰⁴ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, p. 42.

contava a história que documentara enquanto participava dos conflitos pela independência do México.

Em sua autobiografia, Bustamante conta que, ao ver seus papéis confiscados e escondidos, pensou: “Andai velhacos, que já os levais, agora saberá a Europa originalmente vossas maldades, e eu já terei conseguido uma parte dos meus desejos”.¹⁰⁵ Esses cadernos, mais tarde, lhe seriam devolvidos e viriam a ser conhecidos e publicados sob o nome de *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*, considerada uma das principais obras do autor.

Após este incidente, Bustamante foi aprisionado por treze meses nas masmorras da fortaleza de *San Juan de Ulúa*. Na prisão, pouco tempo depois, o autor iniciou a redação de mais uma de suas obras, que foi apresentada na forma de dois opúsculos com o título *El indio mexicano o Avisos al Rey Fernando Séptimo para la pacificación de la América Septentrional*, o primeiro redigido em 1817 e o segundo em 1818.

A obra, que foi publicada postumamente, teve como objetivo analisar a relação do rei Fernando VII com os índios da “Nação Americana” e a pontuação de melhorias para um bom governo para a Nova Espanha. Além disso, os *Avisos* apresentaram um ilustrado que reconhecia a autoridade suprema do rei e a resignação da sua postura a favor da independência. Este reconhecimento ocorreu a partir da ocasião em que Bustamante se rendeu aos espanhóis, dando a guerra por concluída.¹⁰⁶ Eis como Bustamante se reportou ao rei:

Al Rey Señor: El regreso de V.M. al trono de sus padres me ha hecho creer que formado en la escuela de la adversidad y experiencia por un duro cautiverio, ha venido a tomar las riendas de la administración animado de los más vivos deseos de hacer felices a

¹⁰⁵ SALADO ÁLVAREZ. op. cit., p. 192. (tradução nossa).

¹⁰⁶ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 166.

unos pueblos, que aunque distantes del Solio, lloraran vuestras desgracias, os ofrecieron sus hijos, franquearon sus tesoros, y habrían tomado gustosos vuestras cadenas, y exhalado su último suspiro a trueque de ver a V.M. libre, y levantado de su corazón el peso de tan infanda pesadumbre. Por tanto ofrezco, gustosísimo a V.M. estos apuntamientos que he formado, para que aquietada la Nación Americana (de que tengo la dicha de ser hijo) de la sangrienta revolución que la aflige, pueda V.M. por la ejecución de ellos restituirla la paz de que carece. Dios guarde a V.M. muchos años.¹⁰⁷

O desejo de ver terminada a disputa, para Bustamante, não justificava-se apenas pelo anseio de pôr fim às disputas armadas, mas, também, em estabelecer novas formas de governo, administração judicial, ilustração e comércio, que permitiriam erradicar a origem dos males provocados pelos conflitos armados contra os habitantes do vice-reino.¹⁰⁸

Para Castelán Rueda, Bustamante construiu essa visão da realidade da Nova Espanha, com a sua passagem pelos exércitos de Morelos. Pode-se dizer que à sua condição de ilustrado, adotada nos primeiros anos no *Diario de México*, a guerra agregou um conhecimento mais duro, de uma realidade que até o momento lhe era alheia.¹⁰⁹

Nestes escritos, Bustamante reuniu o conhecimento do sistema jurídico da Nova Espanha com sua experiência sobre a desigualdade jurídica e social em todo o território do vice-reino. Em ambos os textos, o autor sugeriu propostas para impedir a repetição de conjunturas como as que derivaram no Golpe de Yermo, em setembro de 1808, que terminaram com a representação do *Ayuntamiento* e a destituição do vice-rei Iturrigaray. De uma forma ou outra, na obra *El indio mexicano*, estão presentes as inquietações expressadas por Bustamante quando

¹⁰⁷ Ibid., p. 167.

¹⁰⁸ Ibid., p. 148.

¹⁰⁹ Idem.

esteve preso, salvo a demanda de independência política, a qual somente foi manifestada durante sua participação direta nas filas dos insurgentes.¹¹⁰

No entanto, Bustamante tentou retornar à sua antiga posição de intelectual, propondo revisar e reformar parte das *Leyes de las Indias* e as principais práticas administrativas do vice-reino. Percebe-se, dessa forma, que, neste momento, desapareceu das páginas do autor, a idéia de ruptura política com a Espanha, ainda que persistisse a idéia de conciliar interesses. De acordo com Castelán Rueda, a vontade de harmonizar de Bustamante, o levou a propor um ponto final entre as discórdias que floresceram no decorrer da guerra, e considerar que os males que a provocaram não estiveram nos peninsulares, mas sim, em uma série de leis antiquadas e inoperantes.¹¹¹

No primeiro opúsculo, Bustamante fez alusões gerais e desordenadas ao que ele considerou as principais causas de descontentamento e desigualdade na “América Mexicana” e propôs reformas práticas, que não chegaram a modificar substancialmente a estrutura jurídica do vice-reinado. Tais reformas, propostas como necessárias para um melhor governo, e que tencionavam aliviar alguns problemas que enfrentavam a população da Nova Espanha, também foram acompanhadas de grandes reflexões, sustentadas em sua experiência jurídica, constantemente invocada, e no conhecimento adquirido por meio de sua atividade insurgente.

O outro opúsculo foi um aporte à “administração da justiça”, empresa que Bustamante considerou “superior a seus talentos”, além de consistir em uma reforma aos artigos das *Leyes de las Indias*, diretamente ligados aos problemas formulados no primeiro opúsculo. Ambos os opúsculos foram apresentados como duas partes complementares de um mesmo corpo de idéias, com intenção de

¹¹⁰ Ibid., pp. 148-149.

¹¹¹ Ibid., p. 149.

formular as causas e as conseqüências dos problemas e, logo, suas possíveis soluções jurídicas. No entanto, as reflexões, os diferentes argumentos e as possíveis soluções se misturaram, fazendo repetitivos alguns pontos e deixando outros somente esboçados.¹¹²

Libertado após pagamento de fiança, em 1819, Bustamante se estabeleceu na cidade de Veracruz, exercendo sua primeira formação, a advocacia, por meio da qual conseguiu êxitos econômicos, além de, em muitas ocasiões, assessorar o governador D'Ávila.¹¹³ No ano de 1820, quando a constituição de Cádiz voltou a vigorar, Bustamante foi beneficiado pela anistia concedida pelas Cortes.

Com o juramento da constituição, ocorreu o retorno da liberdade de imprensa – oito anos depois de ser suprimida pelo vice-rei Venegas –, na qual Bustamante retomou a publicação do *Juguéttillo*. Para Gómez de Lara, a imprensa foi o veículo de expressão para as demais liberdades do México, no entanto, o poderio e a transcendência deste meio sugeriram às autoridades que a legislação reguladora tendesse mais a limitar seu exercício que a definir sua natureza e sua abrangência.¹¹⁴

Na nova edição do *Juguéttillo*, a de número sete – seguindo a seqüência anterior à proibição em julho de 1812 – Bustamante procurou elogiar as vantagens da Constituição Espanhola, e seguiu abordando em outros dois números a ilustração do vice-reino, no qual começou a ponderar sobre as bondades dos “antigos mexicanos”. Na sétima edição, dedicada a Fernández de Lizardi, Bustamante expressou as condições de suspensão e o reinício de um direito – a

¹¹² Idem.

¹¹³ LOPÉZ BETANCOURT, Raúl Eduardo. *El antifederalismo de Carlos María de Bustamante*. México, 1977, 247p. Dissertação – Facultad de Filosofía y Letras de Estudios Superiores, Colegio de Historia, UNAM, p. 21.

¹¹⁴ GÓMEZ DE LARA. op. cit., pp. 20-21.

liberdade de imprensa – que ele e Lizardi defenderam anteriormente, como garantia para todos os indivíduos e necessária para o exercício de um bom governo.¹¹⁵

O juramento da constituição fez Bustamante enxergá-la como a cura para todos os males que afetavam o vice-reino e que eram atribuídos ao despotismo de seus governantes. No entanto, Bustamante mudou sua opinião em relação à aceitação ao rei Fernando VII – que ele expressara nos opúsculos redigidos dois anos antes, enquanto esteve preso –, e não mais percebia a vontade do rei como o último recurso capaz de devolver a felicidade ao reino.¹¹⁶

Mesmo que o pensamento de Bustamante ainda fosse o mesmo apresentado na obra *El indio mexicano o Avisos al Rey Fernando Séptimo para la pacificación de la América Septentrional*, o autor tinha esperança que a felicidade no vice-reino fosse alcançada por meio da legalidade estabelecida pela constituição, e não mais pela figura do rei. Em sua autobiografia, Bustamante procurou demonstrar sua fé na vontade de Fernando VII, pela situação crítica que passara na prisão:

[...] en Ulúa escribí una obra a que puse por título *Medidas para la pacificación*, dedicada al rey; mejor le venía de *Medidas para hacer feliz a México por la independencia*; usé este arbitrio por si me sorprendieran una noche, pues en varias lo hicieron a deshora, registrando hasta lo más secreto del pabellón [...].¹¹⁷

De acordo com Anna, o juramento da constituição de Cádiz pelo rei Fernando VII representava a reforma moderada, a autonomia e a monarquia constitucional ao invés do absolutismo.¹¹⁸ O restabelecimento da carta magna nos territórios americanos não provocou uma contra-revolução, mas fez com que se

¹¹⁵ GAYTÁN; AGUILAR. op. cit., p. 4.

¹¹⁶ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 170.

¹¹⁷ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, p. 51.

¹¹⁸ ANNA. *La caída del gobierno español...*, p. 211.

tornasse perceptível a irrelevância do rei, da coroa espanhola, do hispanismo e da mãe pátria.¹¹⁹

O descontentamento quanto às atitudes tomadas pelas Cortes de Cádiz aumentou quando as medidas atentaram especialmente contra os interesses da Igreja e dos militares. De acordo com a população mexicana, o anti-clericalismo dos espanhóis era muito forte, já que, as Cortes emitiram uma série de decretos contra o poder temporal da Igreja, como a supressão do foro eclesiástico, a redução dos dízimos, a abolição das ordens monásticas e da companhia de Jesus, além da anulação da inquisição.¹²⁰

No que diz respeito aos militares, que já detinham o poder nas esferas locais e regionais, os decretos das Cortes indicavam a subordinação das milícias aos *cabildos* e às juntas civis locais, estabeleciam que os cargos públicos deveriam ser preenchidos por meio de eleições, e que o comandante das tropas deveria ser um cargo distinto do chefe político local, sendo que somente poderia acontecer essa acumulação se lhe fosse outorgado o poder de capitão-general.¹²¹

Esses foram, basicamente os motivos que deflagraram a insatisfação dos que viviam na Nova Espanha para com as Cortes. Os *criollos* e os espanhóis, juntamente com o clero começaram a conspirar, reunindo-se na igreja *La Profesa*, na Cidade do México. Nessas reuniões, ficou decidido que eles proclamariam a independência, todavia, antes de dar um passo tão importante, teriam que restituir a paz no vice-reinado. Muitos daqueles que desses encontros participaram, foram integrantes do golpe contra o vice-rei espanhol Iturrigaray em 1808.

Neste momento, restava ao poder imperial espanhol somente duas alternativas, sendo a primeira restabelecer a legitimidade da sua autoridade no vice-

¹¹⁹ ANNA. A independência do México... , p. 108.

¹²⁰ VILLOORO. op. cit., p. 518.

¹²¹ ANNA. A independência do México... , p. 109.

reino, e a segunda, a possibilidade de provar aos mexicanos que deveriam sujeitar-se a governo da Espanha, porque este ainda tinha algo a oferecer.¹²²

Porém, com a ruptura da ordem na Nova Espanha, o exército conquistou um lugar importante no cenário político. Neste contexto, o general *criollo* Agustín de Iturbide, unido a Vicente Guerrero, aproveitou-se da situação para consumir a independência, sem derramar uma gota de sangue, uma vez que sua fórmula de monarquia constitucional independente, encabeçada por Fernando VII, satisfazia à grande maioria dos habitantes do vice-reinado.¹²³ Por outra parte, com o fim da autoridade real suprema espanhola, e a ausência de uma nobreza, o trono foi preenchido imediatamente pelos heróis populares do exército vitorioso. Esse exército, que conseguiu a independência da Espanha, fez com que o grupo se tornasse o árbitro do poder no México.¹²⁴

O fato de que a independência foi realizada no país em apenas alguns meses de 1821, permitiu a constatação de que a Espanha fracassara em sua empreitada, e que somente não conseguiu impedir o movimento de independência, porque ela e seus agentes, não reconheceram que a reconquista do México não era a mesma coisa que a reafirmação da autoridade real. Os mexicanos consideravam que a autoridade espanhola havia deixado de existir há tempo, desde a corrupção da época do ministro Manuel Godoy; pela abdicação de Carlos IV, em função do seu herdeiro; pela prisão e morte de José de Iturrigaray, em 1808; pela usurpação do trono, feita por José Bonaparte; pelo restabelecimento de um governo autônomo em Cádiz e pelas reações do restaurado rei Fernando VII.¹²⁵

¹²² ANNA. *La caída del gobierno español...*, p. 208.

¹²³ ZORAIDA VÁZQUEZ. *El establecimiento...*, p. 26.

¹²⁴ BAZANT, Jan. O México da Independência a 1867. In: BETHEL. op. cit., pp. 419-422.

¹²⁵ ANNA. *La caída del gobierno español...*, p. 208.

Dessa forma, a consumação da independência, em 1821, foi possível visto que, a restauração do regime constitucional demonstrou que o espírito imperial espanhol “do altar e da coroa” estava morto, e que o objetivo do liberalismo constitucional espanhol era pela manutenção da dependência das colônias americanas. No entanto, todas as reclamações para com a coroa espanhola, que já tiveram validade sob o regime absolutista e que foram absorvidas pelo regime liberal, fizeram-se percebidas de uma forma mais ativa. No mais, a conturbação política vivida na Península, era um alerta para o México de que a constituição poderia correr risco até na própria Espanha e de que era necessária uma atitude enérgica para a sua preservação no México.¹²⁶

2.2 – Carlos María de Bustamante e a sua articulação política no México independente

Os setores dominantes – Igreja e exército – que se viram ameaçados pelo poder espanhol, articularam-se ao redor do *Plan de Iguala*,¹²⁷ proclamado por Agustín de Iturbide, em março de 1821, o que resultou na independência da colônia espanhola. O *Plan de Iguala* apresentou um programa politicamente aceitável, já que a insurreição não era mais atrativa para muitos mexicanos, porque ameaçava suas vidas, sua segurança e o seu bem estar.¹²⁸

Segundo Bazant, além da unificação da oligarquia *criolla*, todos os corpos do exército, um após outro, se bandearam para o lado de Iturbide, sendo

¹²⁶ ANNA. A independência do México... , p. 110.

¹²⁷ O *Plan de Iguala* uniu os conservadores e liberais, rebeldes e realistas, *criollos* e espanhóis. Composto de 23 artigos, os pontos principais foram as chamadas “três garantias”, que eram “religião, independência e união”. O *Ejército Trigarante* foi o responsável por levar a cabo o *Plan de Iguala*. Cf. RAMÍREZ, Felipe Tena. *Leyes Fundamentales de México, 1808-1873*. 5ª ed., México: Porrúa, 1973, pp. 109-115.

¹²⁸ ANNA. *La caída del gobierno español...* , p. 208.

que, somente os batalhões expedicionários apoiaram o governo realista. O alto clero e os latifundiários, por outra parte, sustentaram o movimento de independência com toda a força econômica e moral.¹²⁹ Bustamante relata como tomou conhecimento do

Plan de Iguala:

El lunes de carnestolendas de 1821 se supo en Veracruz el Plan de Iguala que conmovió altamente a las autoridades de la plaza y recrudenció el antiguo odio que me tenían; mayor habría sido si hubiesen sabido que había aplicado todo el influjo que tenía sobre el general Vicente Guerrero para que unieran sus fuerzas a las del señor Iturbide y se allanase este obstáculo, que era el único que entorpecía la empresa.¹³⁰

O governo de Iturbide – juntamente com o *Plan de Iguala* e o *Tratado de Córdoba*,¹³¹ que sustentaram seu império após a separação da Espanha – recebeu apoio, em 1821, de *La Gaceta Imperial del Gobierno de México* – que postulava ter sido ele o verdadeiro libertador da Nova Espanha, ao invés dos padres Hidalgo e Morelos – além dos jornais *El Faro del Imperio de la Capital* ou *El Farol de Puebla*. Ao lado daqueles que apoiavam o sistema republicano, e acreditavam que os padres eram os libertadores, estavam as publicações *La Abeja Poblana*, dos irmãos Trancoso e *El Semanario Político y Literário*, de José María Luis Mora.¹³²

A partir de 1821, Carlos María de Bustamante começou a publicar a obra *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*. Nessa obra, Bustamante utilizou toda a sua experiência de advogado, jornalista e insurgente, além de oferecer para a nova nação independente um catálogo de façanhas heróicas, a partir das quais se

¹²⁹ BAZANT. op. cit., pp. 414-415.

¹³⁰ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, p. 52.

¹³¹ Tratado de 24 de agosto de 1821, que, juntamente, como o *Plan de Iguala*, proclamado em 24 de fevereiro de 1821, estabeleceu como forma de governo o império. Iturbide, autor do plano e co-autor do tratado – junto com o vice-rei Juan O'Donojú – era um fervoroso adepto à forma monárquica que considerava necessária para o México. BRAVO UGARTE, José. *México Independiente*. Barcelona: Salvat, 1959, pp. 115-119.

¹³² TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 85.

puderam construir os principais mitos que moldurariam a identidade nacional mexicana. Esta obra foi a primeira tentativa do autor em escrever um relato abrangendo o maior número de ações militares e sucessos políticos de importância ocorrida na Nova Espanha, durante o decorrer da luta contra a Espanha.

A primeira versão do *Cuadro Histórico* apareceu entre os anos de 1821 e 1827. Bustamante o dividiu em três épocas: o golpe de Estado de 1808, na Nova Espanha, que derivou na prisão do vice-rei José de Iturrigaray, perpassando pela guerra de independência, até a morte do vice-rei Juan O'Donojú, depois da assinatura do *Tratado de Córdoba*. Ao elaborar essa obra, o autor desejou organizar uma memória detalhada sobre os principais fatos da guerra de independência. Essa primeira versão foi redigida durante os anos em que ele participou da luta contra os espanhóis no exército do padre José Maria Morelos.

É bem provável que a obra foi escrita entre dezembro de 1812 e janeiro de 1813, até um mês antes de sua prisão em 11 de agosto de 1817. O próprio Bustamante escreveu, em sua autobiografia, que algumas partes da primeira versão foram escritas nos campos de batalha e que teve, como principal fonte, descrições dos combatentes, ou, em alguns casos, sua própria observação.¹³³

Os principais documentos utilizados na primeira versão do *Cuadro Histórico*, foram as proclamações militares dos líderes insurgentes, as *Gacetas* do governo do vice-reino, correspondências entre alguns comandantes dos exércitos insurgentes, além de outros tipos de documentos, como as cartas e os ofícios que estiveram em seu poder durante o período em que foi editor do *Correo Americano del Sur*.¹³⁴

¹³³ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, pp. 43-44.

¹³⁴ CLAPS, María Eugenia. Carlos María de Bustamante. In: ORTEGA y MEDINA, Juan A.; CAMELO, Rosa (comp.). *Historiografía Mexicana*. El surgimiento de la historiografía nacional. México: UNAM, v. III, 1997, pp. 114-115.

Com a consolidação da independência, Bustamante pôde publicar, em forma de cartas semanais dirigidas a um “amigo estrangeiro”, o *Cuadro Histórico* na íntegra, com o apoio econômico de várias secretarias de governo e de algumas legislaturas dos estados. Nesta obra, Bustamante teve como intenção – ao relatar os acontecimentos ocorridos desde 15 de setembro de 1810 até sua prisão, em agosto de 1817 – denunciar os atos cometidos pelo governo espanhol contra os habitantes da Nova Espanha, tal como manifesta em sua autobiografia:

Esta multitud de reflexiones abrumaban mi espíritu. “Pero llevo conmigo”, me decía, “para disiparlas, la historia de las crueldades y opresión que hoy sufre mi patria por un tirano, y tal vez con su lectura y con mi voz una potencia amiga de la libertad de los pueblos se moverá a socorrerla; tal vez yo seré el instrumento de su remedio [...]”.¹³⁵

Para Claps, Bustamante, por meio da obra, pretendeu evocar os mexicanos para que esses constituíssem uma “unidade”, para que não mais caíssem sob o domínio espanhol. De fato, Bustamante pedira às futuras gerações mexicanas que jurassem ódio eterno à tirania espanhola, já que, para ele, a história era uma grande lição na qual podem ser encontrados os erros, que não se devem repetir.¹³⁶ Castelán Rueda acrescenta que Bustamante escreveu uma “história pátria”, como se estivesse escrevendo uma parte da história da civilização cristã, já que acreditava que a revolução de independência era a história de um povo eleito, e como tal, fonte de inspiração moral.¹³⁷

Ainda no primeiro semestre de 1821, diante da conquista da independência e dos logros conseguidos pelos exércitos insurgentes, Carlos María de Bustamante apoiou abertamente aos generais Agustín de Iturbide e Antonio

¹³⁵ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, p. 44.

¹³⁶ CLAPS. *op. cit.*, pp. 117-118.

¹³⁷ CASTELÁN RUEDA. *op. cit.*, p. 206.

López Santa Anna. A proclamação do *Plan de Iguala* permitiu que Bustamante saísse da cidade de Veracruz, no dia 30 de maio de 1821, e se dirigisse primeiro a Xalapa e, depois, a Puebla, com a intenção de voltar à Cidade do México.¹³⁸ Ao chegar a Xalapa, cidade rendida pelas forças do general Antonio López de Santa Anna, Bustamante serviu a este como secretário particular e se encarregou de redigir algumas cartas, proclamas e manifestos.

Depois dos serviços prestados ao general Santa Anna, Bustamante dirigiu-se a Puebla e teve duas audiências com Iturbide, o futuro imperador do México, a quem Bustamante buscou convencer em não executar o *Plan de Iguala* e o *Tratado de Córdoba*, por considerá-los antipatrióticos. Não foi do agrado de Bustamante a adoção da forma de governo monárquica, nem a escolha de Iturbide para ser o novo monarca mexicano. Bustamante acreditava que o ex-general deveria deixar que o congresso resolvesse esses assuntos.

A atitude de Bustamante, direta e clara, incomodou Iturbide, o que, a partir de então, criou uma animosidade entre ambos. Depois do encontro com Iturbide, Bustamante dirigiu-se para a Cidade do México, a qual havia abandonado havia nove anos, por conta do apoio e defesa ao movimento insurgente.

O êxito do *Plan de Iguala*, no que se referia à liberdade de imprensa, foi perceptível com a publicação de periódicos, *hojas sueltas* e todo gênero de impressos que se transformaram em “espelho fiel das inquietudes nacionais”, já que o México independente herdou, dos tempos coloniais e dos anos duros de luta pela sua liberdade política, um jornalismo com forte sabor informativo-polêmico.¹³⁹

Em seu retorno a capital, e diante das circunstâncias, Bustamante editou uma série de periódicos populares: *El Duende de los Cafés*, *La Gaceta de*

¹³⁸ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, pp. 52-53.

¹³⁹ ROSS. op. cit., p. 359.

Cayo Pluto e La Abispa de Chilpanzingo. O primeiro número deste foi impresso em Puebla, no dia 15 de novembro de 1821, e reimpresso na Cidade do México em 16 de fevereiro de 1822, oito dias antes da convocação do primeiro congresso constituinte mexicano, sendo o último em 1826. Sobre sua chegada à Cidade do México e a respeito do seu novo periódico Bustamante escreveu:

Llegué a esta capital el 11 de octubre, a la sazón que daba gracias la regencia a nuestra Señora de Guadalupe por tan señalado favor; mi gozo se trocó en pesadumbre cuando vi una Junta que no correspondía en su totalidad a los votos de la nación; sus providencias y medidas de adulación al primer jefe, me olieron a monarquía de nuevo cuño, para la que no había la necesaria disposición general de ánimos. Comencé a publicar un periódico intitulado La Abispa de Chilpanzingo, en ella impugné el proyecto de convocatoria de que el señor Iturbide hablaba, no como regente, sino como Agustín de Iturbide.¹⁴⁰

Em *La Abispa de Chilpanzingo*, Bustamante foi de encontro às idéias defendidas pela *La Gaceta Imperial del Gobierno de México*, e, desde seu primeiro número, objetivou escrever tal jornal “para perpetuar a memória do primeiro congresso instalado em 13 de setembro de 1813 pelo senhor José María Morelos”.¹⁴¹

De acordo com Rosalba Cruz Soto, Bustamante se sentiu possuído pela antiga insurgência, e buscava demonstrar aos editores de *La Gaceta Imperial del Gobierno de México* que os verdadeiros libertadores foram Miguel Hidalgo e José María Morelos – a quem Bustamante chamaria de “Novo Moisés”¹⁴² – e não Agustín de Iturbide. A idéia do ex-insurgente era propagar a ideologia e a epopéia de

¹⁴⁰ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, pp. 54-55.

¹⁴¹ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 195.

¹⁴² KRAUSE. op. cit.

1810, para que servisse de apoio doutrinário ao novo Estado, e iniciasse os mexicanos no culto àqueles que ele considerava “os verdadeiros heróis da pátria”.¹⁴³

Esse último fato representa a consolidação de uma nova forma de Bustamante fazer história, já que no passado ele se empenhara em cunhar medalhas para registrar algum fato relevante da época colonial. Pode-se dizer que essa nova forma esteve pautada em três princípios. O primeiro seria a apresentação dos heróis sob a forma de mártires: homens sábios, religiosos, humanos e leais. O segundo princípio derivou da insegurança política que se vivia na época – consolidação da independência. Por fim, pautou-se ainda na idéia de que a melhor forma de julgar um fato seria apresentá-lo em sua forma material, evidente, ou seja, tomando como base o documento.

Em *La Abispa de Chilpanzingo* Bustamante utilizou-se do estilo epistolar, o qual se converteu em uma forma privilegiada para narrar a história do México, dirigindo as cartas a um suposto amigo, que vivia em outro país. Em seu novo periódico, Bustamante se serviu da metáfora de um menino “surpreso de espanto” para representar a atitude de indiferença dos habitantes da Cidade do México frente à sua independência política. Seu intuito foi atuar como um observador dos temores e costumes dos habitantes da Cidade do México.

Em um dos primeiros números de *La Abispa de Chilpanzingo*, o tema central foi a economia da nova nação. Nessa edição, Bustamante fez referências ao comércio do tabaco e a liberação de sua produção, enfatizando que o produto poderia recuperar a economia destruída, em consequência de onze anos de guerras com a Espanha.

¹⁴³ CRUZ SOTO, Rosalba. Las publicaciones periódicas y la formación de una identidad nacional. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*. México: UNAM, v. 20, n. 20, jul-dez/2000, p. 38. http://www.ejournal.unam.mx/historia_moderna/ehm20/EHM02001.pdf. Acesso em: 05/09/2005.

No terceiro número, Bustamante estabeleceu uma série de reflexões e discussões sobre a forma pela qual deveriam convocar o novo congresso. No que tangia a assuntos exteriores, o autor apresentou como crucial, a colonização do norte do México – Texas e as Califórnicas – por colonos estadunidenses que buscavam um “clima mais feliz e privilegiado que o deles”.¹⁴⁴

Segundo o autor, as instituições mexicanas, demonstrando uma grande liberalidade de princípios, deveriam estar dispostas a aceitar “onze milhões e meio” de colonos ou mais, em um período aproximado de dez anos. Uma boa política liberal de colonização proporcionaria tal felicidade aos colonos, que, influenciados “pelos costumes puros e pela força do exemplo mexicano”, ver-se-iam motivados a abraçar a religião católica e renunciar qualquer outra seita.¹⁴⁵

Ainda no mesmo número de *La Abispa de Chilpanzingo*, Bustamante afirmou que Iturbide deveria devolver a “preciosa jóia” à nação, depositada em um congresso soberano, para que seus integrantes decidissem sobre a forma de governo que melhor conviesse à nova nação independente. O autor utilizou-se do exemplo de George Washington – que se retirou após ter conquistado a independência dos Estados Unidos e devolveu o mando que lhe fora conferido na guerra contra os ingleses – para que o México, da mesma forma que os Estados Unidos, alcançassem sua felicidade e prosperasse com rapidez.¹⁴⁶

Todavia, Iturbide não repetiu o gesto de Washington, e se manifestou contrário às opiniões de Bustamante, decretando a sua prisão. Sobre mais esse encarceramento, Bustamante se referiu, em sua autobiografia:

¹⁴⁴ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 197.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Ibid., p. 198.

[...] la impugné, digo, como pude, más el número cinco de mi periódico fue denunciado por el fiscal de imprenta, don Ignacio Retana, con los pretextos más frívolos y miserables que pudieran ocurrir a la cabeza delirante de un fanático exaltado; conocíase a legua que allí había una mano superior y de un influjo irresistible, que movía la pluma de aquel pobre hombre; el día 20 de noviembre se me arrestó en el cuartel de la partida de Capa, donde estuve preso diez horas, y al cabo de ellas se me puso en libertad de orden de la Junta; fui después absuelto en el segundo jurado [...], desbaratose el plan de mis, y fue que estuviese encausado mientras se hacían las elecciones de diputados en Oaxaca para que no nombrase aquella provincia.¹⁴⁷

A partir da instalação do congresso, em 22 de fevereiro de 1822, a relação divergente entre Bustamante e Iturbide seguia, uma vez que, na opinião do autor, o imperador abusava de seu poder, ainda mais quando críticas eram feitas sobre suas atitudes governamentais. O resultado dessas observações feitas, não somente por Bustamante, mas por outros deputados que censuravam o imperador, foi o decreto de encarceramento em 26 de agosto de 1822.

Bustamante foi libertado em março de 1823, após a renúncia de Iturbide e a reinstalação do congresso, que o ex-imperador suspendeu em outubro do ano anterior. Ao cair Iturbide, o autor se viu enobrecido diante de suas convicções políticas anti-imperiais, e foi uma vez mais eleito deputado para o congresso que aprovaria a primeira constituição federal mexicana, em 4 de outubro de 1824.

O anti-federalismo de Bustamante se acentuou frente às novas circunstâncias do México independente. Bustamante insistiu no fato de que a vontade popular era a única fonte de soberania capaz de dispor legitimamente a forma de governo que melhor convinha ao país. Assim sendo, quando o congresso, do qual ele era integrante, escolheu o sistema federal para gerir o país, o autor esteve convencido de que essa vontade popular – mesmo ele sendo favorável ao

¹⁴⁷ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, p. 55.

republicanismo centralista –, era uma vontade soberana, e que, por isso, ele deveria reconhecê-la e respeitá-la.

Entretanto, durante os anos de 1822 e 1824, Bustamante utilizou-se das páginas do periódico *El Cenzontli de México* para prevenir a população dos riscos da anarquia, e para lutar contra a escolha do sistema federal, visto que ele considerava que o federalismo dividiria o país em frações, quando o correto era uni-lo.¹⁴⁸ O federalismo, adotado oficialmente no dia 4 de outubro de 1824, por meio da *Constitución Federal de los Estados Unidos Mexicanos*,¹⁴⁹ foi inspirado na constituição dos Estados Unidos.

Na opinião de Zoraida Vázquez, entretanto, a constituição mexicana foi mais radical. A autora afirma que, a grande dívida da constituição de 1824, para com a dos Estados Unidos, foi a forma de representação em duas câmaras, resultado do compromisso entre estados pequenos e grandes para estabelecer a União estadunidense, em 1789. Por outra parte, a constituição de 1824 também seguiu de perto a gaditana, de 1812.¹⁵⁰

Na sessão do congresso do dia 13 de dezembro de 1823, quando foi discutido o artigo quinto da *Acta Constitutiva de la Federación*,¹⁵¹ Bustamante apresentou suas opiniões contrárias ao federalismo, nos seguintes termos:

Que la federación va a hundir a la patria en el desorden, y reúno en cinco puntos las razones de mi afirmación:

Primero – Ninguna razón de utilidad se presenta para adoptar la forma de república federada;

Segundo – El establecimiento de esta república atacaría a la esencia de ella que es la igualdad;

Tercero – La oligarquía sería su inmediato resultado y de consiguiente la tiranía y disolución;

¹⁴⁸ TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 86.

¹⁴⁹ RAMÍREZ. op. cit., pp. 153-195.

¹⁵⁰ ZORAIDA VÁZQUEZ. *El establecimiento...*, p. 20.

¹⁵¹ Cf. RAMÍREZ. op. cit., pp. 154-161.

Cuarto – Seríalo igualmente la pobreza de los pueblos, su inseguridad y su reconquista por los españoles y otra potencia extraña;

Quinto – Cuando el clamor de los pueblos fuese tal que nos viéramos en el caso de adoptarla, las circunstancias peligrosas en que nos hallamos demandaría que este proyecto se demorase hasta que nuestra independencia fuese reconocida por toda Europa. Veamos si acierto a demostrar estas verdades.¹⁵²

Bustamante considerava que o sistema federalista traria mais impostos, uma falsa igualdade da população que conduziria à anarquia, mais gastos com as tropas e a necessidade de um grande contingente de elementos com experiência administrativa. Também mencionava que, dada a pobreza das pessoas e a debilidade militar das províncias, o federalismo permitiria uma fácil reconquista por parte dos espanhóis ou de qualquer outra potência estrangeira.¹⁵³

As tentativas, em vão, do autor em convencer os outros deputados pela escolha do sistema político de sua preferência, fez com que ficasse desiludido e temeroso, segundo suas próprias palavras, no fim do ano de 1823:

[...] la Europa aún no reconoce nuestra independencia, estamos divididos ya aún contagiados con la dolencia del pernicioso federalismo, tenemos enemigos y rivales en nuestro seno ¿podrá por tanto subsistir esta naciente nación? ¿No será muy fundado vaticinar más ruina? ¡Quiera el cielo que mis temores sean infundados!¹⁵⁴

Terminadas as sessões do congresso constituinte, que promulgaram a constituição de 1824 e, por conseguinte, a adoção do federalismo, Bustamante retornou a carreira militar que se iniciara em 1812. O *Supremo Poder Ejecutivo* não viu esse pedido com bons olhos, mas acabou nomeando Bustamante *auditor de*

¹⁵² ZORAIDA VÁZQUEZ; HERNÁNDEZ SILVA (edit.). *Diario Histórico de México...*, Voto de Bustamante sobre el artículo 5 del Acta, Anexos diciembre de 1823.

¹⁵³ LOPÉZ BETANCOURT. op. cit., pp. 108-111.

¹⁵⁴ ZORAIDA VÁZQUEZ; HERNÁNDEZ SILVA. op. cit., 31 de diciembre de 1823.

guerra cesante, atribuindo-lhe o mesmo valor que recebiam antigamente os auditores de guerra.¹⁵⁵

Em 1832, Bustamante iniciou o relato dos acontecimentos do México independente, por meio da obra *Continuación del Cuadro Histórico*. O sexto volume, publicado com o título *Historia del Emperador Dn. Agustín de Iturbide hasta su muerte y consecuencias y establecimiento de la república popular federal*) – que, no ano de 1846, foi corrigida e aumentada – abordou assuntos pertinentes ao governo do primeiro imperador mexicano Agustín I, tanto como a sua renúncia, o exílio e o fuzilamento do monarca, até a instauração do sistema federal, pelas mãos do *Supremo Poder Ejecutivo*.

Entre os anos de 1833 e 1835, Bustamante se empenhou em escrever e editar suas obras históricas, sem abandonar, no entanto, as atividades políticas. Nesse período, redigiu uma rara obra pedagógica, *Mañanas de la Alameda de México*, na qual, três personagens principais – um casal inglês, Jorge e Milady, e a mexicana Margarita – se reúnem para conversar, e o fazem em trinta e quatro manhãs, discursando sobre a antiga história do México.

Diante do sucesso que a obra alcançou, o autor se dedicou ao segundo volume de *Mañanas de la Alameda de México*, desta vez com vinte seis conversas, referindo-se ao Visconde de Kingsborough, editor das *Mexican Antiquities* (a obra pioneira no resgate historiográfico do México pré-hispânico), chamando-o, *restaurador de la Historia mexicana y vindicador de la gloria de un pueblo*. No referido volume, Margarita narra a história antiga pré-hispânica, desde os *toltecas* até a chegada dos espanhóis na cidade de Veracruz.¹⁵⁶

¹⁵⁵ BUSTAMANTE. *Hay tiempos...*, p. 57.

¹⁵⁶ Idem; Para conhecer o segundo volume dessa obra de Carlos Maria de Bustamante, Cf. http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/02584974390269573089079/p0000001.htm#I_3. Acesso em: 28/02/2006.

No dia 23 de outubro de 1835, após mais de uma década de vigência do sistema federalista – sistema que, de acordo com Bravo Ugarte, foi uma completa inovação a respeito da tradição governamental do país, mas, cujos resultados geraram, por vezes, desunião, outras, anarquia e outras, ainda, tirania –, foi promulgada, no México, as *Bases Constitucionales Provisionales*,¹⁵⁷ que estabeleceram no país o regime centralista.¹⁵⁸ Como o congresso não tinha o caráter exclusivo de ser constituinte, a redação e a aprovação da constituição centralista prolongou-se de outubro de 1835 a dezembro de 1836.

Com a adoção do centralismo, Carlos María de Bustamante sustentou a opinião de que a mudança de sistema de governo era popular porque as pessoas se encontravam cansadas dos “excessos dos que estavam no poder, especialmente os congressistas e os governadores estatais”.¹⁵⁹ Insistiu, ainda, que quase todos os mexicanos estavam a favor da mudança porque o sistema federal trouxera o delito, a falta de segurança para as pessoas e as propriedades, além dos ataques contra a religião, a decadência econômica e a pobreza.¹⁶⁰

Devemos ressaltar que o centralismo sempre foi apoiado por um grupo pequeno, não somente na Cidade do México, mas nos estados mexicanos. Entretanto, uma minoria decidida e audaz, após uma série de compromissos políticos, conseguiu levar adiante seu projeto, aproveitando as circunstâncias que se foram apresentando e avançando passo a passo. De fato, foi a primeira ocasião que,

¹⁵⁷ Cf. RAMÍREZ. op. cit., pp. 202-204.

¹⁵⁸ BRAVO UGARTE. op. cit., p. 25.

¹⁵⁹ BUSTAMANTE, Carlos María de. Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana. In: COSTELOE. *La república central...*, p. 89. (tradução nossa).

¹⁶⁰ COSTELOE. *La república central...*, p. 129.

desde a consumação da independência, não se fez uso da força militar para impor uma mudança política importante.¹⁶¹

O grupo responsável pela alteração na forma de organização do Estado representava uma quarta parte do congresso, advogados e eclesiásticos provenientes do Estado de México e Puebla, todos com ampla experiência política adquirida durante a república federal. Estes homens – Francisco Manuel Sánchez de Tagle, Mariano Michelena, Carlos María de Bustamante, dentre outros – vivenciaram os primórdios da independência, o desencanto e frustração pela vertiginosa decomposição do país durante a primeira república federal, e compartilhavam a esperança de formar uma nação forte.¹⁶²

No momento em que o general Santa Anna partia para o Texas, para evitar a separação do território que pretendia anexar-se aos Estados Unidos, o congresso elaborava a nova constituição de 1836 – chamada de *Siete Leyes Constitucionales*¹⁶³ – que estabeleceu a nova forma de organização que regeu o país durante a primeira república central, até o ano de 1841. A nova constituição foi dotada da clássica divisão e ordenamento de poderes, um legislativo bicameral, com um executivo composto por um presidente – que tinha o mandato de oito anos –, um ministério e um conselho de governo, um poder judicial imóvel e uma divisão de

¹⁶¹ SORDO CEDEÑO, Reynaldo. Bases y leyes constitucionales de la república mexicana, 1836. In: GALEANA. op. cit., p. 99.

¹⁶² Ibid., p. 103.

¹⁶³ A comissão redatora apresentou a constituição em forma de leis constitucionais, onde cada uma tinha um aspecto específico da organização constitucional. Composta por sete leis, ficou conhecida com o nome de *Siete Leyes Constitucionales*. BASES Y LEYES CONSTITUCIONALES DE LA REPUBLICA MEXICANA, decretada por el gobierno de la nación en el año de 1836. <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/conshist/pdf/1836.pdf>. Acesso em: 10/01/2006; Cf. RAMÍREZ. op. cit., pp. 199-248.

território em “departamentos” dotados de assembleias eletivas, com amplas faculdades de administração.¹⁶⁴

A novidade da carta, que mantinha o caráter representativo e popular, foi a criação de um quarto poder, o *Supremo Poder Conservador*, que teve como função, regular os atos dos outros poderes, cuidar para que as leis fossem observadas, declarar quando algum dos poderes violasse a constituição ou excedesse em suas faculdades, além de definir qual era a vontade nacional nos casos extraordinários que pudessem ocorrer. Para Michael P. Costeloe, o *Supremo Poder Conservador*, funcionaria somente pela força da persuasão moral, sem propriamente iniciar qualquer movimento, mas seria obedecido sempre, como o verdadeiro “oráculo social” da nação.¹⁶⁵

Esse poder era formado por uma junta de cinco membros – dentre estes, Carlos María de Bustamante – com renovação de um dos membros a cada dois anos. Para que uma resolução deste poder tivesse efeito, era necessária a aprovação de pelo menos três de seus membros.¹⁶⁶ Suas atribuições eram consideráveis, já que o novo poder podia declarar inconstitucional e nula qualquer lei, caso fosse solicitado por qualquer um dos outros três poderes.¹⁶⁷

Com a adoção do centralismo, os deputados buscaram encontrar um equilíbrio entre o princípio de ordem e as liberdades dos mexicanos. Os centralistas trataram de controlar os caudilhos militares e de evitar a preponderância do exército nas questões políticas. A constituição de 1836 não impôs, à Igreja, nenhuma prerrogativa que não estivesse na carta de 1824, mas com ela, limitou a soberania

¹⁶⁴ SIERRA, Justo. *La evolución política del pueblo mexicano*. Livro Tercero, Primeira Parte, Capítulo 2. <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/ecm/12138307544860273976791/index.htm>. Acesso em: 21/03/2005.

¹⁶⁵ COSTELOE. *La república central...*, p. 141.

¹⁶⁶ Cf. RAMÍREZ. op. cit., pp. 204-248.

¹⁶⁷ COSTELOE. *La república central...*, p. 143.

dos departamentos e restringiu a participação política do clero. Os centralistas consideraram também que, por meio de um complicado sistema constitucional, poderiam conseguir a estabilidade política, com um centro de união respeitável com pessoas idôneas, para o exercício da tarefa política.¹⁶⁸

Entretanto, nem tudo aconteceu como imaginavam os adeptos do regime tão defendido por Bustamante. Segundo Annick Lempérière, as leis de 1836 foram mais liberais que a constituição de 1824, sendo esse um dos motivos que acelerou a crise no México.¹⁶⁹ Para Bravo Ugarte, o sistema centralista mostrou-se policefálico e o quarto poder, odioso, pois, criou obstáculos para os outros poderes.¹⁷⁰

Para corroborar com o fracasso da experiência centralista, a derrota do Texas, a recessão econômica, a crise das moedas de cobre, a imposição de novos impostos, as rebeliões militares, a guerra contra a França (1838-1839), o movimento separatista de Yucatán (1839-1843), somadas às insurreições federalistas que ocorreram no período, fizeram com que o regime não se consolidasse no México.¹⁷¹

Entre fins de 1836 e princípios de 1837, acelerou-se a deterioração do grupo centralista. Por sua vez, o governo mostrou-se incapaz de reunir fundos para iniciar uma nova campanha militar para a reconquista do Texas. Com maior insistência, a opinião pública relacionava a separação da província do Texas com a nova constituição e com a mudança na forma de organização do Estado. Além disso, a oposição federalista, que sempre esteve presente, os interesses econômicos regionais e as pressões internacionais de franceses e estadunidenses,

¹⁶⁸ SORDO CEDEÑO. op. cit., p. 111.

¹⁶⁹ LEMPÉRIÈRE, Annick. De la república corporativa a la nación moderna, México (1821-1860). In: ANNINO, Antonio; GUERRA, François-Xavier (coord.). *Inventando la nación*. Iberoamérica, siglo XIX. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 325.

¹⁷⁰ BRAVO UGARTE. op. cit., p. 25.

¹⁷¹ COSTELOE. *La república central...*, p. 152.

tornaram-se fatores que determinaram o isolamento dos centralistas frente a outros grupos políticos.¹⁷²

A experiência centralista chegou ao fim em 28 de setembro de 1841, quando o país voltou a ser governado por um *Ejecutivo Provisional*, formado pelos generais Mariano Paredes y Arrillaga, Gabriel Valencia e Antonio López de Santa Anna. O *Ejecutivo Provisional* estabeleceu as *Bases de Tacubaya*,¹⁷³ as quais “suspendiam a ordem constitucional e autorizavam ao comandante do exército – Santa Anna – a nomear uma junta de representantes dos departamentos para eleger um presidente provisório, investido de faculdades extraordinárias, enquanto uma nova constituição era elaborada”.¹⁷⁴ Sobre as *Bases de Tacubaya*, Bustamante escreveu:

[...] es la herida más profunda que pudiera dar al corazón de un pueblo que conoce a sus derechos, ama su libertad, y ha comenzado a gustar de sus dulzuras. Con un solo rasgo de pluma ha echado [Santa Anna] abajo un edificio construido en el largo espacio de 19 años, ya ha desaparecido la libertad de que se gloriaban disfrutar los mexicanos; [...] Por esto solo dato, sin contar con otros muchos, conocerá V.E. la sensación profunda que habrá causado en el corazón de todo mexicano. Así es que, en todas partes no se oyen más quejas e imprecaciones; y yo estoy asombrado al ver, cómo pueda subsistir esta sociedad sin garantías, y me temo mucho, que pasado este aturdimiento que causa un golpe imprevisto [...], la nación vuelva sobre sus pasos, y se precipite al caos de una revolución sangrientísima [...].¹⁷⁵

Diante dos caminhos que o governo de Santa Anna tomava, Bustamante procurou “conscientizar” o povo mexicano. Na segunda carta da obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, datada de 10 de janeiro de 1843, o autor

¹⁷² SORDO CEDEÑO. op. cit., pp. 112-113.

¹⁷³ Cf. BUSTAMANTE, Carlos María de. *Apuntes para la historia del gobierno del general don Antonio López de Santa Anna*, desde principios de octubre de 1841 hasta el 6 de diciembre de 1844, en que fue depuesto del mando por uniforme voluntad de la nación. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

¹⁷⁴ ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina (coord.). *La fundación del Estado Mexicano, 1821-1855*. 3ª reimp., México: Nueva Imagen, 2000, p. 23.

¹⁷⁵ BUSTAMANTE. *Apuntes...*, carta II, pp. 12-13.

descreve o governo do general como puramente militar e despótico, pois temia as atitudes do mandatário.¹⁷⁶ No entanto, ainda assim, parte da população, assim como os comerciantes, confiavam que uma “mão dura” poderia resolver os problemas que assolavam o país.

Prosseguindo com os escritos que relatavam os acontecimentos do México após 1821, Bustamante em 1842, publicou em dois tomos (volumes sete e oito da *Continuación del Cuadro*) sob o título de *El gabinete mexicano durante el segundo periodo de la administración del Exmo. Señor Presidente Dn. Anastasio Bustamante, hasta la entrega del mando al Exmo. Señor Presidente Interino Dn. Antonio López de Santa Anna*. No primeiro volume, o autor faz referências ao período da administração do presidente Anastasio Bustamante, entre os anos de 1837 a 1839. O segundo tomo continua com o estudo sobre a administração do presidente Anastasio Bustamante, e termina com a entrega do cargo ao presidente interino Antonio López de Santa-Anna.

No ano de 1842, formou-se um congresso, constituído, em sua maioria, por federalistas; estes, no entanto, não se atreveram a tentar restabelecer o sistema dos quais eram adeptos. O novo congresso, instalado no mês de junho, tentou realizar uma reforma religiosa e decretar a liberdade de imprensa, o que desagradou a Santa Anna. De forma geral, as idéias federalistas geraram muitos protestos e pronunciamentos, como os de San Luis Potosí e Huejotzingo, acarretando na dissolução do congresso, em 19 de dezembro de 1842.¹⁷⁷

Ao entrar o ano de 1843, um novo congresso foi formado e seus membros elaboraram – contando com a intervenção do general Santa Anna –, uma

¹⁷⁶ Ibid., carta II, p. 11.

¹⁷⁷ Sobre o que escreveu Carlos María de Bustamante a respeito desses protestos e pronunciamentos, e como se deu a dissolução do congresso, Cf. Ibid., carta VII, pp. 89-101; BRAVO UGARTE. op. cit., p. 26.

nova constituição, que ficou conhecida como *Bases Orgánicas*. A nova constituição procurou corrigir alguns erros das *Siete Leyes*, e propôs a extinção do *Supremo Poder Conservador*, além da substituição das *juntas departamentales* por assembleias de maior representação. No entanto, as propostas mantiveram a centralização das rendas, dando prioridade aos gastos militares, com o pretexto da guerra com o Texas.¹⁷⁸

Com a vigência das *Bases Orgánicas*, constituição que regeu o país durante grande parte da segunda república centralista (1843-1846), o general Santa Anna propôs nomear a Carlos María de Bustamante como um dos membros do *Consejo de Estado*, o que não foi aceito pelo autor.¹⁷⁹ Na obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, Bustamante relatou precisamente o período que o general governara o México ditatorialmente.

Dentre as boas realizações de Santa Anna, na opinião de Bravo Ugarte, estão a reorganização do exército, a criação do Tribunal Mercantil e o restabelecimento do Tribunal de Minas, extinto pela constituição de Cádiz – atitude que Bustamante criticara na carta de número III¹⁸⁰ –, a restauração da Academia de Bela Artes e o restabelecimento – atendendo a um pedido de Bustamante¹⁸¹ – dos jesuítas nas regiões setentrionais.¹⁸²

Por outro lado, não obstante, Santa Anna sacrificou o país com novos impostos, não prestou contas – como exigiam as *Bases de Tacubaya* – do uso que fez das faculdades extraordinárias no *Ejecutivo Provisional*, e não tomou posse, como presidente, na data estabelecida pelas *Bases Orgánicas*. Nomeou, ainda, sem

¹⁷⁸ ZORAIDA VÁZQUEZ. *La fundación...*, p. 24.

¹⁷⁹ GARCÍA CUBAS. *op. cit.*, p. 462.

¹⁸⁰ BUSTAMANTE. *Apuntes...*, carta III, p. 27.

¹⁸¹ Sobre o pedido de Bustamante e o decreto que repôs os jesuítas no norte do México, Cf. *Ibid.*, carta X, pp. 153-154.

¹⁸² BRAVO UGARTE. *op. cit.*, p. 26.

a autorização do congresso, como presidente interino, o general Valentin Canalizo, além de ter saído em campanha, em direção ao Texas, sem licença do congresso e dado um golpe de Estado contra os poderes legislativo e executivo de Querétaro.

Diante das atitudes de Santa Anna, o general José Joaquín Herrera liderou uma insurreição, que se concretizou no dia 6 de dezembro de 1844, substituindo o general Santa Anna, prisioneiro e exilado. Com o fim do governo do general Santa Anna, Bustamante publicou em 1845, a obra *Apuntes para la historia del gobierno del general don Antonio López de Santa Anna, desde principios de octubre de 1841 hasta el 6 de diciembre de 1844, en que fue depuesto del mando por uniforme voluntad de la nación*, iniciada em 1843.

Nos anos que se seguiram até o fim do período denominado Segunda República Centralista, em agosto de 1846, a instabilidade predominou no México. Mesmo com o retorno do federalismo, o país implicou-se em um conflito armado com os Estados Unidos, no qual este conquistou mais da metade do território mexicano. Esta guerra foi relatada por Bustamante na obra *El Nuevo Bernal Díaz de Castillo (Historia de la invasión de los Anglo-Americanos en México)*, concluída pouco antes de sua morte, em 21 de setembro de 1848.

Bustamante, sem dúvida, pelos papéis que exerceu como patriota, político, historiador e jornalista na história do México não pode ser esquecido, muito menos visto com certo desdém, como ocorre no discurso de muitos historiadores. Ainda que as críticas existam, temos que saber distinguir entre as que têm alguma razão, e aquelas que nascem de vícios caprichosos ou invejas, para que não seja cometida nenhuma injustiça.¹⁸³ A presença de Bustamante no cenário histórico mexicano deve ser percebida como de suma importância para os que pretendem

¹⁸³ LABASTIDA, Horacio. Bustamante, prez y conciencia moral de la patria. In: BUSTAMANTE. Carlos María de. *El Nuevo Bernal Díaz de Castillo, Historia de la invasión de los Anglo-Americanos en México*. 2ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. VII.

compreender melhor o período desde a luta pela independência contra os espanhóis, até a guerra contra os Estados Unidos, no final da década de 1840.

Posto isto, no próximo capítulo, abordaremos um dos principais textos de Bustamante, a obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, no qual poderemos observar a postura do autor em relação ao objetivo proposto por ele: “conscientizar” às futuras gerações mexicanas sobre as atitudes dos governantes.

Capítulo 3: A “conscientização” do povo mexicano por meio da obra os *Apuntes del gobierno de Santa Anna*

3.1 – A obra

Neste capítulo, abordaremos a obra escrita por Bustamante sobre o governo do general Santa Anna, no início dos anos de 1840, na qual objetivava a “conscientização” do povo, ao que dizia respeito às atitudes do general em relação ao México. Discorreremos sobre o público alvo da obra, para quem Bustamante a orientava, a forma de divisão da mesma, a organização dessas informações e qual o procedimento utilizado para a sua escrita.

Enquanto o México vivia sob a ditadura do general Antonio López de Santa Anna, instaurada em outubro de 1841 – e que, segundo Zoraida Vázquez, fora bem-vinda, uma vez que a monarquia, o federalismo e o centralismo fracassaram¹⁸⁴ –, Carlos María de Bustamante, no começo de 1843, deu início a escrita da obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, publicada em 1845, com o seguinte propósito:

Al escribir estas cartas, me propuse instruir a la generación futura de los ápices y pormenores de muchas cosas que parecen ridículas e insignificantes a los que las hemos presenciado; no parecerán tales a los que existan de aquí cien años pues querrán saber las épocas de México, con el mismo afán con que hoy inculcamos las de la conquista, y andamos a caza de manuscritos que nos hablen del gobierno de los virreyes.¹⁸⁵

O motivo pelo qual essa obra nos chamou a atenção refere-se aos meios utilizados por Bustamante no exame e “manuseio” da figura do

¹⁸⁴ ZORAIDA VÁZQUEZ. *La fundación...*, pp. 23-24.

¹⁸⁵ BUSTAMANTE. *Apuntes...*, p. II.

general/presidente. Os relatos e atitudes do autor frente ao general Santa Anna eram de respeito e incredulidade, levando-o, segundo suas próprias palavras, a desenvolver sentimentos entre a “aversão” e o “espanto”.

Por meio dessa obra, Bustamante desejou que seus contemporâneos conhecessem os “desvios do verdadeiro caminho” e a “imoralidade” dos governantes. Daí que, para ilustrar as gerações futuras, Bustamante escolheu fazer as “memórias” de alguns dos muitos governos de Santa Anna. A intenção do autor era oferecer relatos “apaixonantes”, utilizando-se, por vezes, de uma linguagem figurada, fazendo alusão a episódios e personagens da história antiga mundial e contemporânea do México, sempre os relacionando aos acontecimentos mais notáveis, em sua opinião, da história mexicana.

No trecho abaixo, Bustamante ressaltou que suas obras sempre se dirigiriam aos que tinham o poder nas mãos, e que sempre escrevia e falava a verdade aos que governavam:

aunque estén armados de poder y brillantez. La hablé a los virreyes Venegas y Calleja publicando el Juguetillo, la hablé al Sr. Iturbide por medio de la Abispa de Chilpancingo y del Cenzontli: la hablé a los Sres. Presidentes Victoria y Guerrero por la Voz de la patria: la hablé en fin al Sr. Santa Anna publicando la Marimba, y cien artículos en los periódicos y folletos sueltos; mi objetivo ha sido servir a la nación, contribuir con mis escasas luces, e incendiar los yerros de su gobierno para que los repare, y la haga feliz.¹⁸⁶

Além disso, Bustamante insistiu em afirmar que, enquanto trabalhou, não deixou de desejar que a nação melhorasse a sua sorte, e alertou para que “os erros cometidos no passado a tornasse cuidadosa e que evitasse outros erros

¹⁸⁶ BUSTAMANTE, Carlos María de. *Continuación del Cuadro Histórico. El gabinete mexicano durante el segundo período de Bustamante hasta la entrega del mando a Santa Anna*. México: Fondo de Cultura Económica, v. 7, 1985, s/p.

maiores no futuro”.¹⁸⁷ Para Carmem Vázquez Mantecón, a análise das causas históricas do passado mexicano, para Bustamante, significaria o prognóstico certo do futuro. Neste sentido, a autora percebe uma segunda preocupação, unida à anterior, que abrangeu toda a obra de Bustamante: a necessidade de que os mexicanos de então “criassem uma consciência nacional, como uma herança para os mexicanos de hoje”.¹⁸⁸

O próprio Bustamante assinalou que a obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna* nada mais era do que uma seqüência dos cinco volumes do *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana* e dos três da *Continuación del Cuadro Histórico*. Sobre esta última, afirmou que, ao escrevê-las, a história do México estava relegada a:

Una peste de periódicos publicados en México y en las capitales de los departamentos, y millares de papeles sueltos y folletos escritos desde el año de 1821, cuya mayor parte se ha perdido y pasado a las coheterías, boticas y tiendas de comistrajos, contienen sin duda la historia de nuestras revoluciones y desaciertos; mas como están escritos sin método ni orden, y adulando algunos al partido vencedor, menos sirven para instruir que para confundir a sus lectores.¹⁸⁹

No entanto, ainda procurou deixar claro que, se as escrevia era porque estava convencido que, passados alguns anos, quem aspirasse escrever a história, estaria disposto a tecer um romance ou uma novela para dizer “coisas doces às crianças no berço”. Por isso, Bustamante procurou recolher uma grande quantidade de dados e apontamentos secretos, com pretensão de dar-lhes “métodos” e “objetividade”.¹⁹⁰

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ VÁZQUEZ MANTECÓN, op. cit., p. XI.

¹⁸⁹ BUSTAMANTE. *Continuación del Cuadro ...*, v. 7, s/p.

¹⁹⁰ Idem.

Além disso, Bustamante não se cansou de repetir que não escrevia relatos da história que lhe era contemporânea, mas sim:

Memorias para que una pluma bien cortada la escriba de un modo que haga honor a los mexicanos, porque si en su conducta política hay acciones que reprender, también hay acciones que admirar. Jamás he sido de los que llevan la máxima de hacer leña del árbol caído.¹⁹¹

Os fatos e acontecimentos escolhidos por Bustamante, e que compuseram mais um de seus escritos, foram: a dissolução do congresso, a publicação do *Plan de Huejotzingo* e a nomeação da *Junta de Notables*, para formar as bases da futura constituição; além das guerras do Texas, de Yucatán; a invasão do Novo México; a guerra do sul dos índios de Chilapa; a imposição de muitas contribuições; a extinção da moeda de cobre; os empréstimos forçados; os descobrimentos das minas de mercúrio e a exploração desse último, em Jalisco; a prisão de Gómez Pedraza e sócios; a eleição de deputados para o congresso, pela influência do governo; a ocupação de Tabasco pelas tropas do general Pedro Ampudia e os ataques a essa cidade contra as forças do governador Sentmant, bem como o seu fuzilamento; a demolição do *Parian de México* e ruína a de Santa Anna, com a cobrança da liberdade nacional que, segundo Bustamante, havia usurpado dos mexicanos.¹⁹²

Assim como nas obras o *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana* e na *Continuación del Cuadro Histórico*, na obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, Bustamante percebeu a necessidade de sua participação no debate político de sua

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² BUSTAMANTE. *Apuntes...*, pp. II-III.

época, por meio das entregas semanais de sua obra, a qual adquiriu o caráter de um órgão jornalístico, com uma visão política ativa no cotidiano mexicano.¹⁹³

Os principais documentos utilizados por Bustamante para a elaboração da obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna* foram editais do governo mexicano – *El Diario del gobierno* –, correspondências entre alguns generais e políticos, pronunciamentos, cartas e ofícios que estiveram em suas mãos, além das notícias publicadas em diversos jornais mexicanos. Dentre os vários periódicos existentes no período, o autor se utilizou principalmente do *El Siglo XIX*, considerado o jornal mais importante no momento, e o primeiro que manteve uma atitude crítica ante qualquer forma de governo.¹⁹⁴

Bustamante organizou a obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna* na forma de “cartas publicas”, dirigidas a um “amigo estrangeiro”, e redigiu vinte e seis delas, relatando os principais acontecimentos ocorridos entre outubro de 1841 e fevereiro de 1845. Estas cartas foram escritas quando o autor exercia um de seus muitos mandatos como deputado por seu estado natal, Oaxaca.

A escolha da forma de produção da obra, por meio de “cartas públicas”, também pode ser explicada por ser um dos gêneros mais comuns utilizados na época. Semelhante aos escritos apresentados em forma de um diálogo, nos quais dois ou mais personagens discutem sobre um assunto relevante, nas cartas, as personagens mencionadas atuam por sua própria vontade, sem a intervenção do editor.¹⁹⁵

¹⁹³ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 216.

¹⁹⁴ TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 86.

¹⁹⁵ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 204.

Por esse meio, Bustamante narrou os fatos que se sucederam na primeira metade da década de 1840, período conhecido na historiografia mexicana como “a ditadura de Santa Anna”. Nesses anos, o general gozou de amplos poderes na esfera militar, além de governar apoiado nas *Bases de Tacubaya*. Segundo Bustamante, neste período, os mexicanos não viram a luz pública, o que o levou a indagar-se como eles (os mexicanos) puderam viver sob uma dominação tão dura e degradante, depois de haverem saboreado os princípios e as máximas das constituições liberais.¹⁹⁶

A obra foi impressa em cartas soltas, semanalmente, com folhas separadas, na forma de cinqüenta e nove fólhos, tendo sido a primeira delas impressa com a data de 1º de janeiro de 1843 e a última em 18 de fevereiro de 1845, contabilizando quatrocentos e sessenta páginas. As cartas podem ser divididas em três períodos.

O primeiro período corresponde aquele entre a carta de número um, publicada no dia 1º de janeiro de 1843, até a de número nove, publicada em 16 de fevereiro de 1843, e trata da gestão do general Santa Anna entre 7 de outubro de 1841 até 20 de junho de 1843.¹⁹⁷

No segundo período, são incluídas as cartas de número dez, publicada em 2 de julho de 1843, até a de número vinte, publicada em 25 de setembro de 1844. Nesse conjunto de cartas, Bustamante versou sobre o segundo período do governo do general Santa Anna e findou a narrativa com o pronunciamento do general Mariano Paredes y Arrillaga à nação, no dia 2 de novembro de 1844, no qual propôs a saída do general Santa Anna do poder.

¹⁹⁶ BUSTAMANTE. *Apuntes...*, p. II.

¹⁹⁷ *Ibid.*, carta IX, p. 152.

Por fim, o último período engloba a carta de número vinte e um, que foi publicada em 24 de novembro de 1844, até a de número vinte seis, publicada em 18 de fevereiro de 1845, nas quais relata a tentativa de captura até a prisão do general Santa Anna.

O estilo epistolar utilizado por Bustamante, tal qual em escritos anteriores, foi um recurso de expressão amplamente utilizado pelo autor, sendo elemento de primeira importância em sua obra. Em suas cartas, reais ou fictícias, um ator oculto (seu “querido amigo”) influi no transcorrer da obra. No *Diario de México*, por exemplo, Bustamante demonstrava os danos sociais que pode causar o jogo em “uma carta de um amigo que vive em Paris”. Já no *Correo Americano del Sur*, foram diversas as cartas que o autor utilizava como documentos: cartas que ele mesmo recebia ou enviava, além de cartas que o jornal recebia, foram apresentadas tais quais foram escritas, sem que o editor modificasse seu formato.¹⁹⁸

Segundo Claps, Bustamante preferiu tal forma de escrita porque esta lhe permitia expressar as idéias com franqueza, diminuindo ou inclusive evitando, como pareceu sugerir o autor, a simulação e a hipocrisia que implicaria outro tipo de trabalhos mais formais.¹⁹⁹

A obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna* não esteve somente constituída pela narração dos fatos históricos, mas, também, pelos comentários e reflexões pessoais de Bustamante, que também foi partícipe desses acontecimentos. O autor, em toda sua obra, buscou evidenciar os fatos e as atitudes dos governantes, a partir dos quais os mexicanos pudessem obter um aprendizado que os ajudassem a resolver os problemas que enfrentava a nação independente.

¹⁹⁸ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 204.

¹⁹⁹ CLAPS. op. cit., p. 112.

Apesar de sua escolha pelo estilo epistolar, Bustamante ainda considerou que sua obra estaria “cheia de defeitos”, de “inexatidões” e de “falta de crítica”. No entanto, segundo afirmou, procurou escrevê-la como observara os fatos, e, admitiu, não ter deixado de lado seus sentimentos.²⁰⁰ Devido a proximidade dos acontecimentos e as implicações de alguns deles na vida do autor, este foi levado, efetivamente, a cometer pequenas confusões, algumas de ordem cronológica e, outras, no que se referiu à apresentação das cartas aos leitores. Salientamos que Bustamante escrevera seus textos a uma distância de dois anos dos episódios por ele narrados.²⁰¹

Por este motivo, Castelán Rueda considera difícil analisar a metodologia empregada por Bustamante por meio de critérios aplicáveis a uma suposta história “acadêmica” ou “científica”. A escolha dos assuntos e sua forma de apresentação não obedecem a critérios conceituais inscritos em uma escola de pensamento ou em alguma forma particular de escrever a história. Pelo contrário, a obra de Bustamante oscila entre a simples crônica e uma miscelânea de formas de narrar fatos considerados como heróicos.²⁰²

Na obra, quando lida pela primeira vez, os fatos podem parecer serem narrados de forma linear, com uma cronologia adequada, ou seja, com um início e uma conclusão bem concisos dentro do recorte temporal escolhido por Bustamante: a promulgação das *Bases de Tacubaya* até a queda e julgamento de Santa Anna. Contudo, após uma leitura minuciosa, pode-se perceber que Bustamante não seguiu uma ordem cronológica dos acontecimentos.²⁰³

²⁰⁰ BUSTAMANTE. *Apuntes...*, p. III.

²⁰¹ VÁZQUEZ MANTECÓN, op. cit., p. XXIV.

²⁰² CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 206.

²⁰³ Como exemplo, podemos mencionar a carta XX, datada de 25 de setembro de 1844, e que relatava, em sua maioria, os fatos ocorridos nos meses de outubro e novembro do decorrente ano.

Aos problemas já mencionados ao que concerne à escritura da obra, podemos adicionar as sérias questões de redação existentes, as quais tornam custosa a sua leitura. Isso se deve ao fato de Bustamante ter, por várias vezes, sem explicar ao leitor, empregado cortes ao texto, que embaralham, em uma mesma carta, períodos e assuntos completamente distintos.

Para esse problema de cronologia, com qual nos deparamos durante a leitura da obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, Castelán Rueda menciona que, fiel à sua origem de jornalista, Bustamante escrevia e editava as “cartas” que constituiriam a obra por meio do mesmo procedimento utilizado para editar um jornal semanal: redigia e editava, praticamente ao mesmo tempo, as informações de uma semana. No transcorrer da semana, Bustamante prestava atenção às críticas e impressões sobre o seu trabalho, os quais, sem dúvida, influenciavam em sua visão dos fatos e o obrigavam a ampliar ou retornar ao tema abordado.²⁰⁴

Talvez seja por essa razão que muitos autores criticaram as obras de Bustamante, afirmando que o autor não poderia ser considerado um historiador uma vez que se equivocava nas datas, ou visto que os seus relatos eram extremamente passionais, ou, ainda, porque fizera uma apologia à independência. Sobre essas opiniões, Claps considera que seus emitentes podem ser divididos em dois grupos de historiadores: o erudito-crítico e o crítico-revalorizador.²⁰⁵ O primeiro grupo, de acordo com a autora, criticou Bustamante por sua ingenuidade, rapidez com que publicava seus textos, falhas de erudição e a falta de escrúpulo editorial; considerando que seus escritos caracterizavam-se por uma credulidade às vezes pueril, já que se deixava influenciar por comentários não confirmados, ou que, em

²⁰⁴ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 209. Gostaríamos de mencionar que, somente em uma única carta, Bustamante não faz referência somente ao “seu querido amigo”, mas sim, “aos seus leitores”. Tal fato ocorreu na carta de número XXV, e, assim, o argumento de Castelán Rueda pode ser reforçado.

²⁰⁵ CLAPS. op. cit., p. 125.

ocasiões, sua própria opinião resultava tendenciosa e inconseqüente. O segundo grupo de historiadores levou em consideração as situações nas quais Bustamante realizou sua obra, ou seja, justificaram as falhas e as restrições dos trabalhos e fez elogios ao estilo passional de sua narração.²⁰⁶

Independentemente de todas essas opiniões, favoráveis e contrárias à obra de Carlos María de Bustamante – retratando o período de guerra contra os espanhóis e o pós-independente, até o fim dos anos de 1840 – concordamos com a opinião de Lucas Alamán,²⁰⁷ segundo o qual, qualquer um que quiser saber sobre esses episódios da história do México, não pode deixar de se reportar as obras de Bustamante, pois estas contribuíram na formação da vida política, doméstica e social do México.²⁰⁸ Acreditamos que Bustamante procurou narrar não unicamente os acontecimentos históricos entre as décadas de 1810 e 1840, mas buscou ainda, comentar e refletir pessoalmente sobre os mesmos, algo que fez de uma maneira apaixonante e, nunca, indiferente.

3.2 – Antonio López de Santa Anna na ótica de Carlos Maria de Bustamante

A obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna* é o texto onde Bustamante relatou não somente um dos governos do general Santa Anna, mas representou também, uma tentativa de divulgar as principais ocorrências que contribuíram para a instabilidade do México, depois de conquistada a independência da Espanha.

²⁰⁶ Ibid., pp. 125-126.

²⁰⁷ Considera-se Lucas Alamán como uma das figuras literárias mais importantes de sua época no México, tanto pela qualidade de sua prosa, como pela seriedade em seus métodos de investigação como um historiador; no entanto, também é um dos escritores mexicanos mais discutidos, devido a sua inegável parcialidade quanto as idéias políticas, ainda mais em escritos literários. Dentro de suas obras mais importantes encontram-se: *Historia de México e Disertación sobre la historia de México*.

²⁰⁸ SALADO ÁLVAREZ. op. cit., p. 158.

Para muitos historiadores, Santa Anna foi considerado “a cobra que devorou todas as outras”,²⁰⁹ além de ser um homem que teve sua conduta “totalmente desprovida de sentido comum”, governou o país “sem capricho, sem plano nem método”.²¹⁰ Por esses motivos foi que Bustamante, na obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, procurou não somente relatar os acontecimentos do sexto, sétimo e oitavo períodos do governo do general, revelando, também, sua visão sobre a conduta de Santa Anna nesses períodos, para com o povo mexicano.

O general que, em 1841, já participava da cena política no país havia vinte anos – desde a queda do imperador Iturbide até a destituição do presidente Anastásio Bustamante –, mostrou-se um patriota autêntico, somente interessado no bem da nação.²¹¹ Entretanto, segundo Bustamante, Santa Anna foi um homem de caráter extrovertido e duvidoso, que desenvolveu, em poucos anos, uma personalidade egocêntrica e volúvel, que passava da mais simples humildade a soberba exacerbada, sendo considerado um fanfarrão para uns, sagaz para outros, e que nunca passava inadvertido; tal como apresenta nessa passagem:

[...] presentóse allí Santa Anna con todo el esplendor, guardias y lujo, cual pudiera darse un monarca de Levante. Su coche podría servir a un soberano, según su hermosura y adornos. Acompañáronlo todos los tribunales de etiqueta, en la que marcharon hasta el santuario, porción de generales en caballos ricamente enjaezados [...].²¹²

El modo con que Santa Anna se presentó en este banquete fue fastuoso y regio. En frente de tu mesa se colocaran seis pajes, y detrás de su silla sus ayudantes que cuidaban de su persona, y respetuosos procuraban adivinar sus deseos; jamás se ha visto entre

²⁰⁹ VÁZQUEZ MANTECÓN. op. cit., p. XXIV.

²¹⁰ MUÑOZ, Rafael. *Santa Anna*. El dictador resplandeciente. 4ª reimp., México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 187.

²¹¹ COSTELOE. *La república central...*, pp. 242-243.

²¹² BUSTAMANTE. *Apuntes...*, carta II, p. 22.

nosotros mas desarrollada aristocracia [...].²¹³

Enquanto Santa Anna aproveitava-se dessas situações, Bustamante, no decorrer de suas cartas, procurou fazer um contraponto entre a situação do general e a miséria vivida pelo restante da população. Temos aqui uma passagem, na qual o autor versou sobre a penúria que ele testemunhara, e o respeito que ele adquiriu pelo povo mexicano ao saber dos sofrimentos que seus concidadãos eram submetidos pelo general:

¡Dios mío! ¡Qué terrible es la imagen de la miseria! ¡No permitas que mis ojos vean otra vez tan triste cuadro! No puedo describirlo, y si lo intentara hacer aquí, diría con Gesnero... ¡Naturaleza, dame tus pinceles, y cuando falte aceite para suavizar los colores, yo los desleiré con mis lágrimas! ¡Pueblo mexicano, pueblo manso, pueblo piadoso y asaz sufrido! En este día te conocí cuanto te amaba y cuán digno eres de otra suerte por tus virtudes. ¡Quiera el cielo mejorártela, y cambiar estos días de desgracia y miseria, en días de ventura y holganza...²¹⁴

Bustamante considerava que, independentemente da situação que assolava o restante da população, Santa Anna sentia-se soberano, digno de luxo e carismático, explorando ao máximo suas faculdades para alcançar o propósito de projetar-se como um ser “semi-divino” e supremo.²¹⁵ Para Bustamante, a personalidade inconstante do general o levava, repetidas vezes, a confundir o imaginário com o real; tal como se verificou nos cerimoniais realizados para o pé perdido por Santa Anna na guerra contra os franceses, em 1838:

En la mañana de 5 de diciembre [de 1841] se anunció el aniversario de Veracruz en que perdió Santa Anna un pie y de que hará memoria a cada paso que dé. Hubo un repique general y besamanos en

²¹³ Ibid., carta IV, p. 33.

²¹⁴ Ibid., carta II, p. 21.

²¹⁵ CORTÉS NAVA, Ana María. Epílogo. In: SANTA ANNA. op. cit., p. 181.

Palacio,²¹⁶ [...] se hizo un brillante entierro, desconocido para nuestros mayores, del miembro de un hombre vivo aun, al que ocurrió, por la novedad y rareza de la función, la gente más ilustre de México, y un inmenso pueblo, atraído de la novedad de este singular espectáculo.²¹⁷

Para Bustamante, essa personalidade de Santa Anna tinha seus reveses, tanto que, de certa maneira, em algumas ocasiões, o general preferia se retirar aos seus domínios em Veracruz, dando mostras de “ressentimento” e “depressão”.²¹⁸ Em contrapartida, em outras circunstâncias, o general encontrava-se tão seguro de si, que acreditava ser “indispensável”, “inteligente” e o único capaz de reconduzir a nação a um caminho melhor. Por isso, Santa Anna pretendia que seus retornos à Cidade do México fossem esplendorosos.

Para ilustrarmos melhor como eram as celebrações de retorno do general, utilizaremos algumas passagens que Bustamante menciona os episódios de março de 1843, no qual Santa Anna foi nomeado por uma *Junta de Representantes dos Departamentos* para reassumir a presidência do país, e de novembro de 1844, quando o presidente interino Valentín Canalizo nomeou-o comandante do exército mexicano.

Hizola el domingo 5 de marzo de 1843 con aparato esplendente, pues le acompañó mucha tropa salida de aquí a recibirlo, y que reunida le escoltó de Puebla, bien hacia un grueso respetable. [...] El ministro Tornel tomó grande empeño en que esta entrada fuera fastuosa [...]. El verdadero objeto fue aumentar el prestigio de este jefe.²¹⁹

Verificóla a las doce y media del lunes 18 de noviembre de 1844 precediendo para su recibimiento una batería de cuatro cañones de batalla con buenos avantrenes y tropa volante; [le seguía] precedida

²¹⁶ BUSTAMANTE. *Apuntes...*, carta III, p. 26.

²¹⁷ *Ibid.*, carta VII, p. 84.

²¹⁸ Em seu diário, Santa Anna corrobora essa afirmação: “Designado para desempenhar a presidência do México, esta eleição me desagradou; a melancolia que me dominava fazia-me aborrecido no bulício do palácio, e preferivelmente a solidão [...]. SANTA ANNA. op. cit., p. 44. (tradução nossa).

²¹⁹ BUSTAMANTE. *Apuntes...*, carta VIII, p. 123.

de música, la famosa columna de granaderos llamada de los supremos poderes, con todo equipo de campaña, dirigiéndose a Nuestra Señora de Guadalupe.²²⁰

Para o autor, Santa Anna sempre esperava o momento apropriado para fazer suas aparições, fosse por ter sido requisitado ou por acreditar que era necessitado com extrema urgência. Em diversas oportunidades, o general apresentava-se caprichosamente, pois optava em retornar a Cidade do México para “resolver” os problemas do país e, conseqüentemente, retomar o poder, decidindo, por si só, atacar com veemência seu inimigo, quem quer que ele fosse.

Bustamante acreditava que Santa Anna era um aficionado por mulheres, uma vez que teve vários filhos naturais, dos quais reconheceu alguns. Devido a essa forte afeição do general foi que o autor criticou claramente o caráter de Santa Anna, usando inclusive o seu juízo, para fortalecer suas más impressões. Citamos como exemplo, o episódio do segundo casamento do general, um mês depois da morte da sua primeira esposa, no qual Bustamante relatou que:

El pueblo de México no vio de buen ojo este matrimonio por la proximidad de la muerte de la Sra. García; y tanto más cuanto que nuestras antiguas leyes harto escrupulosas, han medido los grados de sentimiento que los hombres deben tener por la muerte de sus deudos; así es que no señalan el mismo tiempo de luto al que ha perdido al padre o a la esposa que a un deudo o amigo.²²¹

Bustamante ressaltou, ainda, em uma das cartas, que o general dividiu a sua paixão pelas mulheres com as rinhas de galo e jogos de azar. Devido a esses fatos, o autor considerou que o general não sabia administrar economicamente o país e que não pensava nos mexicanos. Convicto dessa opinião, Bustamante tentou “conscientizar” os cidadãos sobre os perigos que corriam ao entregar, nas mãos do

²²⁰ Ibid., carta XX, p. 310.

²²¹ Idem., p. 301.

general, o empréstimo requerido para a continuação da guerra de reconquista do Texas. Eis a passagem em que Bustamante alertou a câmara e a toda a nação:

[Se conocía] la gran necesidad que había de facilitar los cuatro millones pedidos [...]; pero también conocía lo peligroso que era poner a disposición de Santa Anna cuatro millones. Recordaba sus bureos, sus juegos de albueros y gallos en que había perdido millares de onzas: sus convenios lucrosos con los extranjeros y aun mexicanos, precio con que ha vendido una parte de la prosperidad industrial de la nación.²²²

Em algumas cartas, Bustamante mencionou seu relacionamento com o general Santa Anna, como na ocasião em que conversaram sobre os caminhos que poderia tomar o país diante das decisões do general frente ao governo mexicano,²²³ durante uma entrevista na qual, Bustamante, solicitou a Santa Anna o restabelecimento da Companhia de Jesus no país.²²⁴ Para fortalecermos essa ideia da aproximação entre ambos, temos uma passagem onde Bustamante expressou sua impressão particular sobre a figura do general:

[...] hoy constituido el arbitro de la nación, y recibiendo inciensos y elogios sin tasa; quería haber poseído los conocimientos frenológicos del Dr. Gall, para describir a este hombre con exactitud. La edad le ha puesto un aspecto grave y sañudo; su voz, el tono u maneras con que habla a los jefes no es común, es imponente, y sus palabras tienen un no sé qué de inexplicable superioridad. Anda con pena por la falta de un pié; pero esta falta la suple con un modo de mandar de fuerza irresistible.²²⁵

Bustamante, prosseguindo com o cumprimento do seu objetivo e observando o que Santa Anna fazia com o dinheiro público – que deveria ser

²²² Ibid., carta XVII, p. 276.

²²³ Cf. Ibid., carta II, pp. 11-17.

²²⁴ Ibid., carta VII, p. 80. Sobre o decreto de reposição dos jesuítas em diversas regiões do país, Cf. Ibid., carta X, pp. 153-154.

²²⁵ Idem.

destinado ao país que se encontrava em uma situação crítica, devido, sobretudo, à grande falsificação de moedas de cobre –, informou, em uma de suas cartas, que as terras localizadas desde Veracruz até Xalapa eram todas propriedades de Santa Anna e que, a carne e o leite que se comercializava naquelas localidades, saíam de suas fazendas.

Bustamante teve como intenção, demonstrar que os impostos eram manejados de forma errônea e, com isso, “conscientizar” a população sobre o perigo que as atitudes do general poderiam acarretar para o México. Em uma de suas cartas, Bustamante denunciou a forma como Santa Anna utilizou-se irregularmente dos impostos, além de mostrar aos mexicanos a incompatibilidade entre a sua riqueza e os salários que Santa Anna recebia como general de divisão e presidente anualmente – na opinião do autor, com esse montante, não era possível ao general adquirir todos os bens que ele possuía.²²⁶

De acordo com Bustamante, para permanecer no poder, Santa Anna teve a idéia de suspender o congresso. Temos um relato de uma das cartas de Bustamante que se refere ao início do sexto período de governo do general, que, para se manter e prosseguir frente ao governo, Santa Anna também:

[...] dispuso levantar numerosos cuerpos de tropas echando grandes levas por todos los departamentos. Los ejecutores de sus órdenes se excedieron cruelmente, pues por entregar sus cupos arrasaron menos con vagos que con hombres de bien, sacándolos por sospechas de sus pobres chozas y condujeron maniatados a México. Dieronse en espectáculo de compasión muchos centenares de infelices traídos de muchas distancias, seguidos de sus pobres mujeres y tiernos hijos, flácidos ayunos y desnudos, que excitaron una general compasión.²²⁷

²²⁶ Ibid., carta XVII, p. 276.

²²⁷ BUSTAMANTE. *Apuntes...*, carta I, p. 7.

Bustamante também aconselhou Santa Anna e fez alusão ao governo do ex-imperador Iturbide; que, para se manter no governo, suspendeu o congresso de 1822 e o restituiu no ano seguinte, o que acabou por desprestigiá-lo e foi o princípio de sua ruína.²²⁸ Segundo o autor, Iturbide “não trabalhou por princípios fixos”, e não respeitou a história, já que, para Bustamante, “quem governava devia sempre marchar sobre os passos da história, e principalmente da história de seu país”.²²⁹

É interessante salientarmos que Bustamante sempre se utilizaria do exemplo de Iturbide como mostra dos “insucessos históricos” do passado mexicano. No transcorrer das cartas, para indicar os erros que Santa Anna não deveria cometer, Bustamante se indaga “se seria possível que a história que se escrevia para guiar aos governos, havia sido inútil para os mesmos aprenderem como deveriam governar”.²³⁰

Ao comparar os dois governantes, Bustamante os equiparava, ao mesmo tempo em que procurava demonstrar o seu nível de responsabilidade em “conscientizar” seus leitores. Para tal conscientização, o autor estabeleceu um espaço ético, cujos limites foram impostos de acordo com a sua memória dos períodos de ambos os mandatários na história do México.

Empenhado em sua missão, Bustamante procurou mostrar em suas cartas o quanto Santa Anna não demonstrava interesse pelos assuntos que diziam respeito ao país e à população. O autor comentou, entre outros acontecimentos, sobre um ornato público que o general mandou erigir no centro de uma praça na Cidade do México, chegando a destruir um mercado popular (*El Parían*), despejando

²²⁸ Ibid., carta II, p. 15.

²²⁹ Idem.

²³⁰ Ibid., p. 101. Essas comparações entre as atitudes do governo de Iturbide e com o de Santa Anna se repetiram também na carta XV, pp. 254-255 e na carta XIX, p. 291.

do local algumas centenas de famílias. Sobre mais essa atitude de Santa Anna, o autor escreveu:

Sin embargo de esto, he visto con amargura vaciar este edificio a gran prisa y salir despavoridos de él muchísimos infelices que allí tenían su comercio, perdidos y sin tener donde situarse; más de trescientas familias van a perecer sin remedio. Por consultar al ornato de México, ha despreciado Santa Anna sus quejas. ¡Si siquiera le hubiera dado tres meses de plazo para mudarse, el estrago habría sido menos! Esto no quedará sin castigo ante el Eterno. Con la misma festinación con que hemos destruido este edificio, hemos dado por el pie a muchos establecimientos útiles sin subrogar otros; por eso hoy nuestra situación política es tan deplorable.²³¹

Na opinião de Bustamante, Santa Anna vinha legislando sobre “o humano e o divino”. Em relação a essas atitudes, que arranhavam a imagem do país, o autor assinalou que a postura do general era, “uma falta de respeito aos mexicanos, que ele estava zombando deles, insultando-os e tratando-os como uma manada de bestas incapazes de conhecer o bem e o mal”.²³²

No decorrer da leitura das cartas, nos foi perceptível, uma vez mais, o quanto Bustamante discordava das atitudes que Santa Anna tomava frente ao país. Essa discordância ficou evidente na cerimônia de comemoração da independência e pela ausência do general na Cidade do México, após a morte de sua primeira esposa. Em uma das cartas, o autor retratou a sua impressão e o alívio sentido pelo povo quando o general se afastou uma vez mais do poder. Sobre esses sentimentos Bustamante mencionou que:

La alegría del corazón se aumenta o disminuye en razón del ánimo y de sus predisposiciones para recibir las ideas y los afectos. Sin duda que la ausencia de Santa Anna de tal manera predispuso a los mexicanos, que aseguraron que este día había excedido en solemnidad a los de los años anteriores. Efectivamente fue brillante; [...] todos sentimos un no sé que de júbilo que presagiaba un gran

²³¹ Ibid., carta XI, p. 202.

²³² Ibid., carta VII, p. 88.

bien que deseábamos y estaba próximos a realizarse, mas de cuando en cuando se amargaba esta idea lisonjera acordándonos de que tamaño bien exigía el sacrificio de muchas víctimas.²³³

Bustamante acreditava que, com suas cartas, cumpria o objetivo de “conscientizar” a nação a respeito das atitudes de Santa Anna. Antes da queda do general, em dezembro de 1844, o autor relatou os fatos que derivaram nesse episódio. Em junho desse ano, o general foi eleito pelas *Assembleas Departamentales*, assumindo pela oitava vez a presidência do México.

Nesse período, intensificaram-se, no país, as notícias de que os Estados Unidos desejavam agregar o Texas. Para combater esse desejo, Santa Anna solicitou, primeiramente, um empréstimo de quatro milhões e outro de dez milhões às câmaras, para tentar reconquistar esse território. Nesse ínterim, o general ausentou-se da presidência no mês de setembro, devido à morte de sua esposa, retornando no mês de novembro, quando foi nomeado para comandar os exércitos mexicanos, que se dirigiriam para o norte do país.

Nessa ausência do general da Cidade do México, Bustamante discorre, em suas cartas, sobre as atitudes de grupos militares para tentar mudar o panorama de dificuldade que o México enfrentava sob o domínio da figura de Santa Anna. O autor deu destaque, nesse momento da obra, à mobilização do general Mariano Paredes y Arrillaga, que, em 1º de novembro de 1844, manifestou-se contra Santa Anna.

Nesse manifesto, publicado por Bustamante em sua obra, Santa Anna era acusado pelo grupo do general Paredes de, exercendo os poderes de presidente da república, não cumprir com cinco deveres que se comprometera ao assumir o governo do país, no ano de 1841. Dentre eles estiveram medidas rigorosas para

²³³ Ibid., carta XX, p. 298.

disciplinar o exército, organização da fazenda pública e dos setores administrativos, a reconquista do território do Texas e a moralização dos homens viciados pela revolução.²³⁴

Sob os efeitos do pronunciamento do general Paredes, Bustamante descreveu que, chegado o dia 1º de dezembro de 1844, dia este que, para o autor, “será memorável nos registros públicos da iniquidade e bárbaro despotismo exercido contra a representação nacional”, ocorreram mais protestos, dessa vez por meio da câmara e do senado, contra o general Santa Anna.²³⁵

No dia 4, quem resolveu se manifestar foi a população, que derrubou uma estátua que Santa Anna tinha erguido no dia 4 de junho, na *Plazuela del Volador*, desenterrando e arrastando a perna do general pelas ruas da Cidade do México. Na manifestação, o presidente interino Canalizo, quem Santa Anna deixara em seu lugar quando se licenciou para tentar recuperar o Texas, foi preso.²³⁶

Na noite de 6 de dezembro de 1844, depois das comemorações pela queda de Santa Anna, o ambiente na câmara de deputados, como relatou Bustamante em uma de suas cartas, era de “gozo puríssimo”.²³⁷ Alcançado o objetivo, restava colocar o país nos eixos. Para o autor, a primeira atitude a ser tomada para que o país voltasse a ter um rumo, era processar ao general Santa Anna e os pertencentes ao seu grupo, em seguida, decidir quem seria o responsável por comandar o país.

Devemos salientar que Bustamante encerrou a obra durante o julgamento de Santa Anna. Todavia, antes de concluir a obra, rogou dizendo ao povo: “Queira Deus que não fiquem enganados em suas esperanças, pois bem-

²³⁴ Cf. Manifiesto del general Paredes a la nación. Ibid., carta XX, pp. 321-328.

²³⁵ Ibid., carta XXI, pp. 352-354.

²³⁶ Ibid., carta XXII, pp. 360-364.

²³⁷ Ibid., carta XVII, p. 273.

aventurados são os que têm fome e sede de justiça porque eles serão saciados”.²³⁸

Dessa maneira, Carlos María de Bustamante concluiu a sua obra sobre o governo do general Antonio López de Santa Anna, que no mês de maio de 1845, fora condenado ao exílio na Venezuela.

Castelán Rueda afirma que as referências aos acontecimentos políticos que Bustamante viveu, constituíram-se em um dos traços singulares da forma de fazer história. Nas páginas da obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, ao mostrar com toda a crueza os piores e mais lamentáveis feitos do passado, a história, para o autor, adquiriria um sentido pedagógico, com o objetivo de que tais fatos não viessem a se repetir.²³⁹

Assim, segundo Bustamante, a história seria um ensinamento, e seu papel consistia em transmiti-lo, justamente para que não se repetissem os erros cometidos no passado imediato. Nas palavras do próprio Bustamante, a história:

[...] se escribe para que arreglen los pueblos su conducta, y las lecciones de la experiencia les sirvan de regla para ajustar a la razón las operaciones de lo presente. La de nuestra pasada revolución está escrita con sangre; pero que aún humea: temamos mucho que la relación de nuestras locuras se escriba para las edades venideras con la que derramen los que hoy las hacen.²⁴⁰

A obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, se consolida em uma seqüência do *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana* e da *Continuación del Cuadro Histórico*. Na concepção de Bustamante, essas obras serviriam como documentos para aqueles historiadores que quisessem entender melhor esses acontecimentos, por ele vividos e relatados.

²³⁸ Ibid., carta XXVI, p. 459.

²³⁹ CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 348.

²⁴⁰ BUSTAMANTE, Carlos María de. *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, v. 1, 1985, carta V, pp. 165-166.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa, no final do século XVIII e início do século XIX, desempenhou um papel ativo nos movimentos políticos e sociais na América espanhola. O jornalismo foi de fundamental importância na constituição de uma opinião pública, na formação e expressão dos ideais de independência das colônias e na constituição dos estados nacionais. Periódicos, panfletos, *diarios* e revistas, por vezes de vida curta e tiragem limitada, se transformaram em lugares privilegiados de debate e de atividade política.

O desenvolvimento da imprensa na América espanhola, nesse período, esteve condicionado a censura que foi se tornando progressivamente reduzida até culminar com as medidas tomadas para impedir a propagação dos escritos revolucionários depois da Revolução Francesa. As idéias ilustradas se dissiparam e se misturaram na Nova Espanha em uma luta de idéias, que enfrentaram a força da tradição, com a desconhecida força da modernidade.²⁴¹

Justamente nessa época, na Nova Espanha, o fluxo de idéias já era muito intenso – sem dúvida havia mais confusão do que certezas. Pelos *criollos* ilustrados da Nova Espanha, o jornalismo foi visto como uma forma de divulgação de suas idéias – além de uma extensão da escola, da academia, do púlpito e dos tribunais –, no qual eles poderiam sugerir idéias para uma melhor ilustração do reino, sempre manifestando intenções de colaborar com informações para uma melhor forma de se viver.²⁴²

Dentre esses *criollos* ilustrados, destacamos Carlos María de Bustamante, que fizera seus estudos em letras, filosofia e advogava com alguma

²⁴¹ TIMOTEO ÁLVAREZ; MARTÍNEZ RIAZA. op. cit., p. 36.

²⁴² CASTELÁN RUEDA. op. cit., p. 18.

prática. Bustamante conheceu, em 1805, Francisco Primo de Verdad y Ramos, com quem trabalhou e aprofundou-se nas idéias oriundas da Europa. Juntos ambos decidiram publicar, em outubro do mesmo ano, o *Diario de México*, jornal no qual Bustamante pretendeu “moralizar a plebe”, considerando que, para alcançar esse objetivo, nada melhor que a “palavra escrita”.

Essa modalidade de propagação de idéias, sempre foi motivo de preocupação para quem exerce o poder de proibir ou de permitir a sua circulação. A palavra escrita possui o poder da imagem, pois produz imagens que, quando lidas ou escutadas, deixam à imaginação a tarefa de delinear características que configuram o ser real ou fictício que descrevem.²⁴³

Para Bustamante, a palavra escrita foi a forma encontrada para que as críticas perpetradas formassem uma “consciência política a favor da independência”, o que não era visto com bons olhos por parte das autoridades do vice-reinado. Seus artigos, publicados no *Diario de México*, serviram, quando já iniciada a luta pela independência, para veicular os infortúnios que assolavam a sociedade.

Com o juramento da constituição de Cádiz, em 1812, Bustamante, que tentara um apaziguamento nas relações entre *criollos* e peninsulares, usufruiu da liberdade de imprensa para publicar o *Jugueteillo*, no qual o autor criou controvérsias sobre qualquer assunto que circulava pelo vice-reinado. Esse intuito de Bustamante de expressar-se livremente e, assim, contribuir para a criação da “opinião pública” na Nova Espanha, tornou-se a razão pela qual foi cassado, assim como os demais autores que propuseram a “moralização” da plebe, que tinha acesso aos jornais, bem como seu direito de utilizar a palavra escrita.

²⁴³ Ibid., p. 362.

Iniciada a luta pela independência, não bastava mais “moralizar e civilizar” a plebe, ou mesmo, fomentar a “opinião pública”. Somando a esses objetivos, Bustamante pretendeu apresentar os motivos pelos quais ele e os demais insurgentes lutavam. A palavra escrita, com a adesão do autor às filas insurgentes, tomou um outro caminho, já que nas páginas do *Correo Americano del Sur*, Bustamante se opôs à organização política do vice-reino.

Com a proposta da instalação do congresso de Chilpancingo pelo padre José María Morelos, Bustamante passou a se ocupar de uma outra maneira de utilização dessa palavra, desenvolvendo textos com teor propagandista das idéias insurgentes. Com a morte de Morelos e a desestruturação do movimento insurgente, Bustamante aceitou a anistia oferecida pelos espanhóis, ficando preso por quase três anos. Em 1820, ao ser restabelecida a constituição de Cádiz, o autor teceu elogios a carta magna e a ilustração do vice-reino, em seu jornal o *Juguéttillo*.

Ao se consolidar a independência no ano de 1821, o autor publicou a obra *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*, relatando e propagando os principais acontecimentos da luta por ele vivenciada, por meio de suas “cartas semanais” direcionadas ao seu “amigo estrangeiro”. Nessa obra, o autor procurou escrever as “memórias” sobre os acontecimentos ocorridos desde 15 de setembro de 1810, até sua prisão, em 1817, objetivando denunciar os atos cometidos pelo governo espanhol contra os *criollos*.

Utilizando-se dessa forma de escrita, Bustamante prosseguiu, de 1821, até o ano de 1826, escrevendo no jornal *La Abispa de Chilpanzingo*, desejando também informar e propagar os principais assuntos relativos ao congresso homônimo, para que a imagem desse fosse perpetuada. O autor ainda buscou mostrar a seus contemporâneos, nas páginas do *El Cenzontli*, os desmandos de

Iturbide e sua oposição ao republicanismo federalista, adotado com a queda do ex-imperador.

Na obra *Apuntes del gobierno de Santa Anna*, Bustamante procurou narrar a atuação do general Antonio López de Santa Anna, durante alguns dos onze períodos em que esteve a frente do governo do México. Nessa obra, o autor objetivou “conscientizar” os mexicanos de que os erros cometidos no passado – os do império de Agustín de Iturbide – e, sobretudo, os erros cometidos por Santa Anna, servissem de exemplo para as futuras gerações.

A palavra escrita de Bustamante, empregada em uma luta intensa, criou imagens que se reproduziram durante os mais de quarenta anos que o autor a utilizou para “moralizar e conscientizar” a plebe, “propagar” o movimento insurgente e “civilizar” os mexicanos. Empregando a palavra escrita, o autor relatou as ações de personagens e descreveu características, ajudando a construir a identidade dos que viveram no período de transição entre o vice-reino da Nova Espanha e o México independente, época caracterizada por mudanças bruscas, nas quais se enfrentaram as idéias típicas do Antigo Regime e do liberalismo em gestação.

TABELA 1
SISTEMAS DE GOVERNO MEXICANO, 1821-1867

ANOS	SISTEMAS
1821-1822	Regência
1822-1823	Primeiro império
1823-1824	Supremo poder executivo
1824-1835	Primeira república federal
1835-1841	Primeira república central
1841-1843	Executivo provisório com plenos poderes (Primeira ditadura de Santa Anna)
1844-1846	Segunda república central
1846-1853	Segunda república federal
1853-1855	Regime aconstitucional centralista (Segunda ditadura de Santa Anna)
1855-1857	Regime aconstitucional liberal
1857-1863	Terceira república federal
1863-1867	Segundo Império

Fonte: SORDO CEDENO, Reinaldo. El congreso y la formación del Estado-Nación. In: ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina (coord.). *La fundación del Estado Mexicano*. México: Nueva Imagen, 2000; BRAVO UGARTE, José. *México Independiente*. Barcelona: Salvat, 1959.

TABELA 2
CONSTITUIÇÕES MEXICANAS, 1824-1865

ANOS	NOME
1824	Constitución federal dos Estados Unidos Mexicanos
1836	Bases y Leyes constitucionales de la República Mexicana
1843	Bases Orgánicas de la República Mexicana
1847	Acta Constitutiva y de Reformas
1857	Constitución Federal de los Estados Unidos Mexicanos
1865	Estatuto Provisional del Imperio Mexicano

Fonte: RAMIREZ, Felipe Tena. *Leyes Fundamentales de México, 1808-1873*. 5ª ed., México: Porrúa, 1973; GALEANA, Patricia. *México y sus Constituciones*, 2ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

TABELA 3

GOVERNANTES MEXICANOS, 1821-1867

PERÍODO	NOME
28 de setembro de 1821 a 29 de março de 1823	Agustín de Iturbide (presidente da regência e primeiro imperador)
29 de março a 31 de março de 1823	José Mariano Marín (presidente do congresso)
31 de março de 1823 a 10 de outubro de 1824	Pedro Celestino Negrete, José Mariano Michelena, José Miguel Domínguez, Vicente Guerrero, Nicolás Bravo e Guadalupe Victoria (supremo poder executivo)
10 de outubro de 1824 a 1º de abril de 1829	Guadalupe Victoria
1º de abril de 1829 a 18 de dezembro de 1829	Vicente Guerrero
18 de dezembro de 1829 a 23 de dezembro de 1829	José María Bocanegra
23 de dezembro de 1829 a 1º de janeiro de 1830	Pedro Vélez
1º de janeiro de 1830 a 31 de agosto de 1832; 19 de abril de 1837 a 19 de março de 1839 e 11 de julho de 1839 a 21 de setembro de 1841	Anastasio Bustamante
14 de agosto de 1832 a 26 de dezembro de 1832	Melchor Múzquiz
13 de janeiro de 1833 a 31 de março de 1833	Manuel Gómez Pedraza
1º de abril de 1833 a 15 de maio de 1833; 2 a 17 de junho de 1833; 6 de julho a 27 de outubro de 1833; 5 de dezembro de 1833 a 23 de abril de 1834 e 24 de dezembro de 1846 a 20 de março de 1847	Valentín Gómez Farias
16 de maio de 1833 a 1º de junho de 1833; 18 de junho de 1833 a 5 de julho de 1833; 27 de outubro de 1833 a 4 de dezembro de 1833; 24 de abril de 1834 a 27 de janeiro de 1835; 20 de março de 1839 a 10 de julho de 1839; 10 de outubro de 1841 a 26 de outubro de 1842; 4 de março de 1843 a 4 de outubro de 1843; 4 de junho de 1844 a 12 de setembro de 1844; 21 de março de 1847 a 31 de março de 1847; 20 de maio de 1847 a 16 de setembro de 1847 e 20 de abril de 1853 a 12 de agosto de 1855	Antonio López de Santa Anna
28 de janeiro de 1835 a 27 de fevereiro de 1836	Miguel Barragán
27 de fevereiro de 1836 a 18 de abril de 1837	José Justo Corro
10 a 15 de julho de 1839; 26 de outubro de 1842 a 4 de março de 1843 e 29 de julho a 5 de agosto de 1846	Nicolas Bravo

22 de setembro a 6 de outubro de 1841	Francisco Xavier Echeverría
4 de outubro de 1843 a 3 de junho de 1844 e 21 de setembro a 5 de dezembro de 1844	Valentin Canalizo
12 a 20 de setembro de 1844; 6 de dezembro de 1844 a 14 de junho de 1845 e 2 de junho de 1848 a 14 de janeiro de 1851	José Joaquín Herrera
2 de janeiro a 29 de julho de 1846	Mariano Paredes y Arrillaga
6 de agosto a 24 de dezembro de 1846 e 21 a 23 de janeiro de 1859	Mariano Salas
1º de abril a 20 de maio de 1847 e 14 de novembro de 1847 a 7 de janeiro de 1848	Pedro María Anaya
16 de setembro a 14 de novembro de 1847 e 8 de janeiro a 1º de junho de 1848	Manuel de la Peña y Peña
15 de janeiro de 1851 a 6 de janeiro de 1853	Mariano Arista
6 de janeiro a 6 de fevereiro de 1853	Juan Bautista Ceballos
7 de fevereiro a 19 de abril de 1853	Manuel María Lombardini
13 a 15 de agosto de 1855 e 12 de setembro a 3 de outubro de 1855	Rómulo Díaz de la Vega
15 de agosto a 11 de setembro de 1855	Martín Carrera
4 de outubro a 10 de dezembro de 1855	Juan Álvarez Benítez
11 de dezembro de 1855 a 30 de novembro de 1857 e 1º de dezembro de 1857 a 20 de janeiro de 1858	Ignacio Comonfort
19 de janeiro de 1858 a 7 de dezembro de 1861 e 8 de dezembro de 1865 a 24 de dezembro de 1867	Benito Juárez García
21 de janeiro a 23 de dezembro de 1858 e 24 de janeiro a 1º de fevereiro de 1859	Félix María Zuloaga
24 de dezembro de 1858 a 21 de janeiro de 1859	Manuel Robles Pezuela
2 de fevereiro de 1859 a 13 de agosto de 1860 e 15 de agosto a 24 de dezembro de 1860	Miguel Miramón
13 a 15 de agosto de 1860	José Ignacio Pavón
21 de julho de 1863 a 12 de junho de 1864	Juan N. Almonte, Juan B. Ormachea, Mariano S. Peláez e Antonio de Labastida (regência do segundo império)
10 de abril de 1864 a 15 de maio de 1867	Fernando Maximiliano de Habsburgo (segundo imperador)

Fonte: <http://mx.geocities.com/costagrande2000/presidentes.htm>, <http://www.elbalero.gob.mx/historia/html/gober/gober.html> e <http://usuarios.lycos.es/Aime/gobernantes.html>. Acesso em: 29/08/2005. ZAVALA, Silvio. *Apuntes de Historia Nacional, 1808-1974*, México: Fondo de Cultura Económica, 1995; BRAVO UGARTE, José. *México Independiente*. Barcelona: Salvat, 1959.

TABELA 4

GOVERNOS DO GENERAL SANTA ANNA, 1833-1855

GOVERNOS	PERÍODOS	TEMPO DE GOVERNO	FORMA DE CHEGAR AO PODER	CAUSA PELA QUAL DEIXOU O GOVERNO
Primeiro Período	16 de maio de 1833 a 1º de junho de 1833	16 dias	Pelo decreto de 30 de março de 1833	Assumiu o mando do exército
Segundo Período	18 de junho de 1833 a 5 de julho de 1833	17 dias	Regressou da perseguição ao general Gabriel Duran	Novamente se colocou frente ao exército
Terceiro Período	27 de outubro de 1833 a 4 de dezembro de 1833	1 mês e 8 dias	Regressou após vencer seus inimigos	Solicitou licença por motivos de saúde
Quarto Período	24 de abril de 1834 a 27 de janeiro de 1835	9 meses e 3 dias	Apresentou-se para governar sem haver vencido a licença que tirou por motivo de saúde	Renunciou mas o congresso não aceitou e lhe concedeu licença pelo tempo que fosse necessário
Quinto Período	20 de março de 1839 a 10 de julho de 1839	3 meses e 20 dias	O Supremo Poder Conservador o nomeou Presidente Interino	Se "separou" da presidência
Sexto Período	10 de outubro de 1841 a 26 de outubro de 1842	1 ano e 16 dias	Foi nomeado pela Junta de Representantes dos Departamentos	Pelo decreto expedido por ele mesmo em 10 de outubro de 1841
Sétimo Período	4 de março de 1843 a 4 de outubro de 1843	7 meses	Chegou como Presidente Provisório	"Deixou" a presidência Provisória que ocupava
Oitavo Período	4 de junho de 1844 a 12 de setembro de 1844	3 meses e 8 dias	Eleito pelas Assembléias Departamentais, declarado pelas Câmaras como Presidente Constitucional	Fez uso da licença por Decreto
Nono Período	21 de março de 1847 a 31 de março de 1847	10 dias	Nomeado pelo congresso como presidente interino	Obteve uma licença para separar-se do cargo
Décimo Período	20 de maio de 1847 a 16 de setembro de 1847	3 meses e 27 dias	Regressou de uma licença que lhe foi concedida	Renunciou na <i>Villa de Guadalupe Hidalgo</i>
Décimo Primeiro Período	20 de abril de 1853 a 12 de agosto de 1855	2 anos, 3 meses e 23 dias	Lombardini lhe entregou o cargo de Depositário do Poder Executivo	Renunciou em Perote abandonando o país
	Tempo total que Santa Anna governou	5 anos, 9 meses e 28 dias		

Fonte: <http://usuarios.lycos.es/Aime/gobernantes.html>. Acesso em: 06/07/2005.

FONTES

BASES ORGÁNICAS DE LA REPÚBLICA MEXICANA, acordadas por la honorable Junta Legislativa, establecida conforme a los decretos de 19 a 23 de diciembre de 1842, sancionadas por el Supremo Gobierno Provisional con arreglo a los mismos decretos el día 15 de junio del año de 1843 y publicadas por Bando Nacional el día 14 del mismo. <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/conshist/pdf/1836.pdf>. Acceso em: 10/01/2006; RAMÍREZ, Felipe Tena. *Leyes Fundamentales de México, 1808-1873*. 5ª ed., México: Porrúa, 1973, pp. 403-436.

BASES Y LEYES CONSTITUCIONALES DE LA REPUBLICA MEXICANA, decretada por el gobierno de la nación en el año de 1836. <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/conshist/pdf/1836.pdf>. Acceso em: 10/01/2006; RAMÍREZ, Felipe Tena. *Leyes Fundamentales de México, 1808-1873*. 5ª ed., México: Porrúa, 1973, pp. 199-248.

BUSTAMANTE, Carlos María de. *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, v. 1-5, 1985.

_____. *Continuación del Cuadro Histórico, Historia del emperador Agustín de Iturbide y establecimiento de la república popular federal*. México: Fondo de Cultura Económica, v. 6, 1985.

_____. *Continuación del Cuadro Histórico, El gabinete mexicano durante el segundo período de Bustamante hasta la entrega del mando a Santa Anna*. México: Fondo de Cultura Económica, v. 7-8, 1985.

_____. *Apuntes para la historia del gobierno del general don Antonio López de Santa Anna, desde principios de octubre de 1841 hasta 6 de diciembre de 1844 en que fue depuesto del mando por uniforme voluntad de la nación*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

_____. *Jugueteillo*. <http://www.bibliojuridica.org/libros/2/595/7.pdf>. Acceso em 15/04/2005.

_____. *Segundo Jugueteillo. Al elogiador del señor Mariscal D. Félix María del Rey Salud y Reales*. <http://www.bibliojuridica.org/libros/2/595/8.pdf>. Acceso em 15/04/2005.

_____. *Tercero Jugueteillo. Sine ira neque ódio, quorum causas procul habeo*. <http://www.bibliojuridica.org/libros/2/595/9.pdf>. Acceso em 15/04/2005.

_____. *Cuarto Juguetillo. Palavra y perdone el autor de Juguetes contra el Juguetillo*. <http://www.bibliojuridica.org/libros/2/595/10.pdf>. Acesso em 15/04/2005.

_____. *Hay tiempos de hablar y tiempos de callar*. México: Planeta/Conaculta, 2002.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE LOS ESTADOS UNIDOS MEXICANOS, sancionada por el Congreso General Constituyente, el 4 de octubre de 1824. <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/conshist/pdf/1824.pdf>. Acesso em: 10/01/2006; RAMÍREZ, Felipe Tena. *Leyes Fundamentales de México, 1808-1873*. 5ª ed., México: Porrúa, 1973, pp. 153-195.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DE LA MONARQUÍA ESPAÑOLA, promulgada en Cádiz a 19 de marzo de 1812. <http://www.cervantesvirtual.com/portal/1812>. Acesso em: 01/04/2005; <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/conshist/pdf/1812.pdf>. Acesso em: 10/01/2006.

CORREO AMERICANO DEL SUR, 25 de fevereiro de 1813-28 de dezembro de 1813. <http://www.antorcha.net/index/hemeroteca>. Acesso em: 18/11/2005.

DECRETO CONSTITUCIONAL PARA LA LIBERTAD DE LA AMÉRICA MEXICANA, sancionado en Apatzingán a 22 de octubre de 1814. <http://www.juridicas.unam.mx/infjur/leg/conshist/pdf/1814.pdf>. Acesso em: 10/01/2006.

PLAN DE IGUALA Y TRATADO DE CÓRDOBA. RAMÍREZ, Felipe Tena. *Leyes Fundamentales de México, 1808-1873*. 5ª ed., México: Porrúa, 1973, pp. 109-115.

SANTA ANNA, Antonio López. *Mi historia militar y política, 1810-1874*. México: Lindero, 2001.

ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina; HERNÁNDEZ SILVA, Héctor Cuauhtémoc (edit.). *Diario Histórico de México de Carlos María de Bustamante*. México: CIESAS/El Colegio de México, CD-1 (1822-1834), 2001.

_____. *Diario Histórico de México de Carlos María de Bustamante*. México: CIESAS/El Colegio de México, CD-2 (1835-1848), 2003.

Sites consultados:

<http://www.antorcha.net>

<http://www.bibliojuridica.org>

<http://www.biblional.bibliog.unam.mx>

<http://www.cervantesvirtual.com>

<http://www.colmex.mx>

<http://www.ejournal.unam.mx>

<http://www.elbalero.gob.mx/historia/html/gober/gober.html>

<http://www.eluniversal.com.mx/noticias.html>

<http://mx.geocities.com/costagrande2000/presidentes.htm>

<http://www.juridicas.unam.mx>

<http://usuarios.lycos.es/Aime/gobernantes.html>

BIBLIOGRAFIA**Artigos**

BACHMAN, John E. Los panfletos de la independencia. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. XX, n. 4, abr-jun/1971, pp. 511-521.

BUSTAMANTE, Carlos María de. *Mañanas de la Alameda de México*. v. 2. http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/02584974390269573089079/p000001.htm#l_3. Acesso em: 28/02/2006.

CHIARAMONTE, José Carlos. Fundamentos lusnaturalistas de los movimientos de independencia. In: *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani"*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, terceira série, n. 22, 2º semestre de 2000, pp. 33-71.

_____. La formación de los Estados nacionales en Iberoamérica. In: *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani"*. Buenos Aires:

Fundo de Cultura Econômica, terceira série, n. 15, 1º semestre de 1997, pp. 143-165.

CARTWRIGHT, Celeste Flores. Periodismo, poesía, crítica y censura a fines del Virreinato. Resenha do livro *La Arcadia de México*. La primera asociación literaria del país de María del Carmen Pérez Hernández. In: *Correo del maestro*. México: Uribe y Ferrari Editores S/A, n. 75, agosto/2002. <http://www.correodelmaestro.com/anteriores/2002/agosto/libros75.htm>. Acesso em: 13/11/2005.

COELHO, Hercídia Mara Facuri. A correspondência como fonte histórica: Aspectos da vida Acadêmica na cidade de São Paulo no século XIX, através das cartas de Alvarez de Azevedo. In: *Memória da Semana de História*. Franca: Gráfica da UNESP/Franca, 1980, pp. 181-185.

CRUZ SOTO, Rosalba. Las publicaciones periódicas y la formación de una identidad nacional. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*. México: UNAM, v. 20, n. 20, jul-dez/2000, pp. 15-39. http://www.ejournal.unam.mx/historia_moderna/ehm20/EHM02001.pdf. Acesso em: 05/09/2005.

HERNÁNDEZ CHÁVEZ, Alicia. De la res pública a la República. In: *19th International Congress of Historical Sciences*. The millennium congress. Oslo, 2000, pp. 1-24. <http://www.oslo2000.uio.no/program/papers/s17/s17.chavez.pdf>. Acesso em: 08/06/2005.

FREGOSO GENNIS, Carlos. Las ideas insurgentes y su difusión en la prensa del occidente mexicano: estudio de caso *El Despertador Americano*. In: *Sincronía*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, n. 17, invierno 2000. <http://fuentes.csh.udg.mx/CUCSH/Sincronia/fregoso.htm>. Acesso em: 04/07/2005.

FUENTES MARES, José. En el subsuelo de las constituciones de México. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. IX, n. 1, jul-dez/1959, pp. 1-14.

GARRIDO ASPERÓ, María José. Cada quien sus héroes. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*. México: UNAM, n. 22, jul-dez/2001, p. 5-22. http://www.ejournal.unam.mx/historia_moderna/ehm22/EHM02201.pdf. Acesso em: 05/09/2005.

GAYTÁN, Columba Galván; AGUILAR, Norma Alfaro. Juguete dedicado a El Pensador Mexicano. In: *II Encuentro Internacional de Historia de la Prensa en Iberoamérica, 1792-1950*. La Prensa de las Regiones. Xalapa, 2004, pp. 1-8.

<http://www.historiadoresdelaprensa.com.mx/articulo/lencuentroprensa/12.doc>.

Acesso em: 11/06/2005.

GÓMEZ DE LARA, Fernando et al. Estudio sobre la libertad de prensa en México. In: *Cuadernos Constitucionales México-Centroamérica*. México: Instituto de Investigaciones Jurídicas/UNAM, n. 25, 1997, pp. 17-34. <http://www.bibliojuridica.org/libros/libro.htm?l=176>. Acesso em: 18/12/2005.

HERREJÓN PEREDO, Carlos. Hidalgo y la Nación. In: Revista Relaciones. Zamora: El Colegio de Michoacán, v. XXV, verão 2004. <http://www.colmich.edu.mx/relaciones/099/pdf/Carlos%20Herrej%F3n%20Peredo.pdf> Acesso em: 22/02/2006.

KRAUSE, Enrique. El altar de la patria. *Confabulario, Suplemento de Cultura de El Universal* on line, 14/05/2005. <http://estadis.eluniversal.com.mx/graficos/confabulario/14-mayo-05.htm>. Acesso em: 25/06/2005.

LANDA LANDA, María Guadalupe. Características temáticas de las publicaciones periódicas en el siglo XIX. In: *Gaceta Bibliográfica*. México: Instituto Nacional de Investigaciones Bibliográficas/UNAM, n. 8, jan-mar/2000. <http://www.biblional.bibliog.unam.mx/iib/gaceta/abrdic1999/gac08.html>. Acesso em: 01/02/2006.

LEMOINE VILLACAÑA, Ernesto. 1821: ¿Consumación o contradicción de 1810? In: *Revista Secuencia*. México: Instituto Mora, n. 1, março/1985, pp. 25-35. http://www.institutomora.edu.mx/secuencia/pdf/01/01_03.pdf. Acesso em: 28/02/2006.

MACÍAS, Anna. Cómo fue publicada la constitución de Apatzingán. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. XIX, n. 1, jul-set/1969, pp. 11-22.

_____. Autores de la constitución de Apatzingán. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. XX, n. 4, abr-jun/1971, pp. 511-521.

OLMEDILLA, Carlos. México, 1808-1821: Algunas aportaciones históricas. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. IX, n. 4, abr-jun/1960, pp. 586-600.

PINEDA SOTO, Adriana. La prensa pro cultural de Michoacán hacia finales del siglo XIX. In: Revista da Universidad de Guadalajara. Dossier: Los estudios sobre

impresos en América Latina. Siglos XIX y XX. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, n. 28, verão 2003. <http://www.cge.udg.mx/revistaudg/rug28/art1.html>. Acesso em: 01/03/2006.

POTASH, Robert A. Historiografía del México Independiente. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. X, n. 3, jan-mar/1961, pp. 361-412.

ROSS, Stanley Robert. El historiador y periodismo mexicano. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de México, v. XIV, n. 4, jan-mar/1965, pp. 347-382.

ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina. El dilema de la enseñanza de la historia de México. <http://www.iacd.oas.org/LaEduca%20114/vazquez.htm>. Acesso em: 21/11/2005.

Livros

ALONSO, Paula (comp.). Introducción. In: *Construcciones impresas*. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estilos nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, pp. 7-12.

ANNA, Timothy. *La caída del gobierno español en la ciudad de México*. 1ª reimp., México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

_____. A independência do México e da América Central. In: BETHEL, Leslie. *História da América Latina: Da independência a 1870*. São Paulo: EDUSP, v. III, 2001, pp. 73-118.

BAZANT, Jan. *Historia de la deuda exterior de México 1823-1946*. 3ª ed. México: El Colegio de México, 1995.

_____. O México da Independência a 1867. In: BETHEL, Leslie. *História da América Latina: Da independência a 1870*. São Paulo: EDUSP, v. III, 2001, pp. 413-464.

BRAVO UGARTE, José. *México independiente*. Barcelona: Salvat Editores, 1959.

CASTELÁN RUEDA, Roberto. *La fuerza de la palabra impresa*. Carlos María de Bustamante y el discurso de la modernidad. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

CHARTIER, Roger. As práticas da Escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. *História da Vida Privada: da Renascença ao Século da Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 113-161.

CHEIBUB FIGUEREDO, Argelina; FIGUEREDO, Marcus. *O plebiscito e as formas de governo*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHIARAMONTE, José Carlos. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. In: CARMAGNANI, Marcelo (coord.). *Federalismo latinoamericanos: México, Argentina, Brasil*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, pp. 81-134.

_____. *Ciudades, provincias, Estados: Orígenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Espasa-Calpe/Ariel Historia, 1997.

_____. Ciudadanía, soberanía y representación en la génesis del Estado argentino (c. 1810-1852). In: SABATO, Hilda. *Ciudadanía política y formación de las naciones. Perspectivas históricas de América Latina*. 1ª reimp., México: Fondo de Cultura Económica, 2002, pp. 94-116.

CLAPS, María Eugenia. Carlos María de Bustamante. In: ORTEGA y MEDINA, Juan A.; CAMELO, Rosa (comp.). *Historiografía Mexicana*. El surgimiento de la historiografía nacional. México: UNAM, v. III, 1997, pp. 109-126.

COSTELOE, Michael P. *La primera república federal de México (1824-1835)*. Un estudio de los partidos políticos en el México independiente. 1ª reimp., México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

_____. *La respuesta a la independencia*. La España imperial y las revoluciones hispanoamericanas, 1810-1840. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

_____. *La República Central en México, 1835-1846*. "Hombres de bien" en la época de Santa Anna. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

DÍAZ DÍAZ, Fernando. *Caudillos y caciques*. Antonio López de Santa Anna y Juan Álvarez. México: El Colegio de México, 1972.

FUENTES DÍAZ, Vicente. *Los partidos políticos en México*. 2ª ed., México: Altiplano, 1969, pp. 7-56.

GARCÍA CUBAS, Antonio. *Diccionario geográfico, histórico y biográfico de los Estados Unidos Mexicanos*. México: Antigua Imprenta de las Escalerillas, t. 1, 1896. <http://www.colmex.mx>. Acesso em: 16/03/2005.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, pp. 7-24.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e Independencias*. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas. 3ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. 3ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 27-61.

KIELHORN, Ana Elisabeth (org.). *Dicionário de termos políticos*. São Paulo: Íris, 19??.

LEMPÉRIÈRE, Annick. De la república corporativa a la nación moderna, México (1821-1860). In: ANNINO, Antonio; GUERRA, François-Xavier (coord.). *Inventando la nación*. Iberoamérica, siglo XIX. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, pp. 316-346.

LOPÉZ BETANCOURT, Raúl Eduardo. *El antifederalismo de Carlos María de Bustamante*. México, 1977, 247p. Dissertação – Facultad de Filosofía y Letras de Estudios Superiores, Colegio de Historia, UNAM.

MANRIQUE, Jorge Alberto. Del barroco a la ilustración. In: CENTRO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS. *Historia general de México, versión 2000*. 4ª reimp., México: El Colegio de México, 2002, pp. 429-488.

MATUTE, Álvaro. *México en el siglo XIX: Antología de fuentes e interpretaciones históricas*. 2ª ed., México: UNAM, 1973.

MUÑOZ, Rafael. *Santa Anna*. El dictador resplandeciente. 4ª reimp., México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

PICCATO, Pablo. Jurados de imprenta en México: el honor en la construcción de la esfera pública, 1821-1882. In: ALONSO, Paula (comp.). *Construcciones impresas*. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estilos nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, pp. 139-165.

SALADO ÁLVAREZ, Victoriano. *La vida Azarosa y romántica de don Carlos María de Bustamante*. Madrid: Espasa-Calpe, 1933.

SALINAS SANDOVAL, María del Carmen. *Oposición al imperio de Agustín de Iturbide*. <http://www.cmq.edu.mx/docinvest/document/DI02095.pdf>. Acceso em: 15/11/2005.

SIERRA, Justo. *La evolución política del pueblo mexicano*. Livro Tercero, Primeira Parte, Capítulo 1. <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/ecm/12138307544860273976791/index.htm>. Acceso em: 21/03/2005.

SIMS, Harold D. *La expulsión de los españoles de México (1821-1828)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

SORDO CEDEÑO, Reynaldo. Bases y leyes constitucionales de la república mexicana, 1836. In: GALEANA, Patricia (comp.). *México y sus constituciones*. 2ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 2003, pp. 96-131.

TIMOTEO ÁLVAREZ, Jesús; MARTÍNEZ RIAZA, Ascensión. *Historia de la prensa hispanoamericana*. Madrid: MAPFRE, 1992, pp. 7-114.

TORRE VILLAR, Ernesto de la. Decreto Constitucional para la Libertad de la América Mexicana, 1814. In: GALEANA, Patricia (comp.). *México y sus constituciones*. 2ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 2003, pp. 33-63.

TRUEBA, Alfonso. *Santa Anna*. 3ª ed., México: Jus, 1958.

VELASCO, Manuel Gutiérrez de. *Historia de las constituciones mexicanas*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1978.

VILLORO, Luis. La revolución de independencia. In: CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS. *Historia general de México*. 4ª reimp., México: El colegio de México, 2002, pp. 490-523.

YÁÑEZ, Agustín. *Santa Anna: Espectro de una sociedad*. 3ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ZAVALA, Silvio. *Apuntes de Historia Nacional, 1808-1974*. 2ª reimp., México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina. *Don Antonio López de Santa Anna, Mito y Enigma*. México: Centro de Estudios de Historia de México/Condumex, 1987.

_____. *La fundación del Estado Mexicano, 1821-1855*. 3ª reimp., México: Nueva Imagen, 2000.

_____. Los primeros tropiezos. In: CENTRO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS. *Historia general de México*. 4ª reimp., México: El colegio de México, 2002, pp. 527-582.

_____. (coord.). *El establecimiento del federalismo en México, 1821-1827*. México: El Colegio de México, 2003.

ZERMEÑO, Héctor Díaz. *La culminación de las traiciones de Santa Anna*. México: Nueva Imagen, 2000.